FOLHA DE S.PAULO

DESDE 1921 UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

ANO 102 ★ Nº 33.941 SEGUNDA-FEIRA, 7 DE MARÇO DE 2022 R$ 5,00

Soldados ucranianos tentam resgatar homem ao lado de parentes mortos Lynsey Addario/NYT

Bolsonaro e agro determinam acenos do Brasil à Rússia

Planalto, que criticou fornecimento de armas à Ucrânia e sanções, teme por impacto na importação de fertilizantes

Declarações simpáticas a Vladimir Putin por parte do presidente Jair Bolsonaro (PL) e pressões do agronegócio foram determinantes para que o Itamaraty incluísse acenos à Rússia em manifestações nas Nações Unidas sobre a guerra.

O governo endossou resoluções na ONU que condenam a invasão, mas reforçou argumentos defendidos pela gestão de Putin.

As posições do Itamaraty têm sido definidas no mais alto nível e passado pelo crivo do Planalto. Em alguns casos, o ministro da Defesa, Braga Netto, também é chamado a opinar.

O receio de governos contrários a Putin é o de que as referências pró-Moscou sejam um prenúncio de mudança nos votos do país, hoje membro do Conselho de Segurança da ONU.

O Brasil criticou os pilares da estratégia de resposta ao ataque russo (fornecimento de armas à Ucrânia e sanções econômicas).

O governo federal teme ser prejudicado no fornecimento de fertilizantes russos, essenciais para o agronegócio brasileiro. Durante 2021, a Rússia respondeu por 22% do total desses insumos comprados por produtores rurais. Mundo A10

Caça russo é abatido; cessar-fogo volta a ser desrespeitado

Um avião caça-bombardeiro tático Sukhoi Su-34, estrela do arsenal russo, foi abatido ao norte de Kiev no fim de semana — o que indica que a guerra aérea na Ucrânia está entrando em nova fase, mais intensa como aventou Vladimir Putin.

Rússia e Ucrânia completaram 11 dias de guerra sem sinal de arrefecimento e com mortes de civis em alta.

O cessar-fogo prometido para permitir a saída de refugiados falhou pelo segundo dia, com civis ucranianos mortos nas cercanias da capital. No sábado, um negociador ucraniano que vinha se reunindo com a delegação russa na Belarus foi morto — o que, questiona-se, pode ter ocorrido ao ser preso sob acusação de trair seu governo. Mundo A10 a A13

Marcos Vasconcellos

Risco de falta de fertilizantes e uma onda na Bolsa

Ameaça de queda na oferta russa gerou alta nas ações da Heringer, de fertilizantes, que depende de insumos importados. Mais do que apostar em previsões de oferta e demanda, investir exige compreender se há espaço para crescimento. Mercado A19

Passa a escrever às segundas

Moscou perde força na guerra de desinformação

Antes considerada imbatível, a propaganda da Rússia não vem resistindo ao ativismo digital dos ucranianos e de seu presidente, Volodimir Zelenski, e à operação de desmascaramento preventivo empreendida por EUA e União Europeia para detectar mentiras. Mundo A11

OPINIÃO

Maxim Osipov

O papel do meu país em um conflito fratricida

Participei da manifestação contra a guerra em nossa pequena Tarusa, com uma placa que dizia: "Caim, onde está Abel?" Esta guerra deve ser chamada pelo que é: fratricida. Mundo A13

É escritor e cardiologista russo

ENTREVISTA DA 2ª

Tainah Pereira

Eleição de mulher negra não beneficia só negras

A coordenadora do Movimento Mulheres Negras Decidem, Tainah Pereira, 28, afirma que falta de acesso a recursos é principal dificuldade encontrada pelo maior grupo demográfico do país para superar a sub-representação na política. Negras são 28% da população e ocupam apenas 2% das cadeiras do Congresso Nacional. A14

Venda de munição para colecionador, atirador e caçador dobra em 2021

Cotidiano B1

Renda com lucros e dividendos aumenta durante a pandemia

Isentos de imposto, recursos atingem R$ 384 bi em 2020, valor 7% maior que o registrado em 2019. De cada R$ 100 declarados, R$ 70 estavam com o 1% mais rico. Mercado A15

Só fechamento do espaço aéreo pode salvar Odessa, diz prefeito

No sábado (5), o conselho de Odessa convocou reunião, relata **André Liohn**. A poucos quilômetros, no mar Negro, a frota russa aguarda uma ordem para atacar. Mundo A12

Esporte B4

Morte no futebol

Confronto de torcedores de Atlético e Cruzeiro deixa um morto, em Belo Horizonte, antes da partida entre as duas equipes.

Ilustrada C1

HQs nacionais vão além da Mônica e vivem boom

ISSN 1414-5723

Sem Arthur do Val, Moro perde o palanque em SP

A saída de Arthur do Val da disputa pelo governo de SP após ter áudios sexistas expostos tirou de Sergio Moro seu maior palanque regional. Seu partido, o Podemos, deve agora se alinhar ao tucano Rodrigo Garcia no estado. Política A4

EDITORIAIS A2

Desafio americano

Sobre atuação dos EUA ante a guerra na Ucrânia.

Contra o tempo

A respeito de Eletrobras e programa de privatização.

opinião

FOLHA DE S.PAULO
UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA
Publicado desde 1921 – Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.

PUBLISHER Luiz Frias
DIRETOR DE REDAÇÃO Sérgio Dávila
SUPERINTENDENTES Carlos Ponce de Leon e Judith Brito
CONSELHO EDITORIAL Fernanda Diamant, Hélio Schwartsman, Joel Pinheiro da Fonseca, José Vicente, Luiza Helena Trajano, Patricia Blanco, Patrícia Campos Mello, Persio Arida, Ronaldo Lemos, Thiago Amparo, Luiz Frias e Sérgio Dávila (*secretário*)
DIRETOR DE OPINIÃO Gustavo Patu
DIRETORIA-EXECUTIVA Paulo Narcélio Simões Amaral (*financeiro, planejamento e novos negócios*), Marcelo Benez (*comercial*) e Anderson Demian (*mercado leitor e estratégias digitais*)

João Montanaro

EU POSSO LEVAR VOCÊS PARA UMA TERRA ONDE DEFENDER PARTIDO NAZISTA, ASSEDIAR REFUGIADAS E TODO TIPO DE MOLECAGEM SÃO PERMITIDOS

SÍNDROME DE PETER PAN MORAL

EDITORIAIS

editoriais@grupofolha.com.br

Desafio americano

Guerra na Ucrânia exige dos EUA mais diplomacia e novos meios de cooperação com aliados

O presidente dos Estados Unidos, Joseph Biden, fez o que pôde para transmitir determinação e autoconfiança ao tratar da guerra na Ucrânia em seu discurso anual no Congresso, na última terça (1º).

O líder americano disse que o presidente da Rússia, Vladimir Putin, subestimou a capacidade do Ocidente de reagir à sua inaceitável agressão e por isso agora se encontra isolado diante da comunidade internacional.

Biden celebrou a frente única articulada com seus aliados na Europa para aplicar as duras sanções econômicas impostas à Rússia, que bloquearam o acesso do país ao sistema financeiro global e já lhe causam danos severos.

Por fim, sugeriu que o isolamento de Putin só tende a aumentar. "Na batalha entre a democracia e as autocracias, as democracias se levantaram e o mundo está claramente escolhendo o lado da paz e da segurança", discursou.

A realidade, no entanto, parece mais incômoda do que Biden sugere. A invasão da Ucrânia, um país independente governado por um presidente eleito democraticamente nas franjas da Europa, representa uma contestação veemente à influência que os EUA e seus aliados buscam exercer no mundo.

A capacidade do autocrata russo de resistir à avalanche de sanções ainda está sendo testada, mas não há como duvidar da determinação de quem não hesita diante das normas do direito internacional e autoriza os tanques a disparar até contra instalações nucleares.

A crise chegou à mesa de Biden num momento de fragilidade, em que ele parece pouco propenso a correr riscos. Sua agenda doméstica encontra oposição até em seu partido, sua popularidade está em queda, e a maioria que detém no Congresso estará em jogo nas eleições legislativas de novembro.

Biden prometeu defender os vizinhos da Rússia que são membros da União Europeia e ofereceu assistência militar e socorro financeiro aos ucranianos, que querem entrar no bloco, mas já deixou claro que não tem intenção de mandar soldados americanos ao combate.

Os fiascos no Iraque e no Afeganistão, onde os EUA não deixaram de exibir truculência, são uma lembrança recente. Os norte-americanos, corretamente, não se mostram dispostos a financiar outra aventura militar no exterior — ainda mais diante das enormes incertezas de um confronto com outra potência nuclear.

Um prolongamento do conflito trará novos desafios, da necessidade de acolhimento de centenas de milhares de refugiados à busca por maior integração dos países da região com a economia global.

Se Putin é um adversário a ser enfrentado como parte de uma disputa global entre democracias liberais e autocracias emergentes, como Biden sugere, os Estados Unidos terão de abandonar a onipotência de outros tempos e encontrar novos meios de cooperação com seus aliados para prevalecer.

Contra o tempo

Venda da Eletrobras, mesmo falha, atenuaria frustrações com o programa de privatização

A privatização da Eletrobras avança. Diferentes órgãos públicos protocolaram nos últimos dias documentos com informações solicitadas pelo Tribunal de Contas da União. Os ministros da corte farão nova reunião, até o início de abril, para definir detalhes finais do processo, como o preço mínimo da ação da companhia.

Não há garantias, porém, de que os procedimentos burocráticos serão concluídos a tempo, ainda no primeiro semestre, antes de a campanha eleitoral colocar sob risco a janela de oportunidade.

A transferência da Eletrobras para a iniciativa privada deve ocorrer por meio da venda de papeis em Bolsa, o que reduzirá a participação da União de 72% para 45%. Ainda que a operação, estimada em R$ 25 bilhões, seja bem-sucedida, permanecerão dúvidas em torno do futuro do setor.

A estatal de energia detém um terço da geração e 44% das linhas de transmissão do país. Segunda colocada nesse ranking, a Engie tem 6% do mercado. A oferta de ações acaba com o controle do Estado, mas preserva o gigantismo.

Não houve o devido debate em torno da modernização do arcabouço legal e tributário, visando o interesse de consumidores residenciais e empresariais.

Deputados e senadores agravaram o quadro ao incluir no processo compromissos que atendem a interesses políticos —e geram despesas de longo prazo acima de R$ 100 bilhões para a empresa privada que ainda nem nasceu.

Mesmo falha, a privatização da Eletrobras será um feito importante numa agenda que claudica no governo Jair Bolsonaro (PL).

Com liquidações, alienações e incorporações, o total de estatais federais passou de 209, no final de 2018, para ainda muito elevados 158 no terceiro trimestre do ano passado. Não foram vendidas empresas sob controle direto do Tesouro Nacional, que hoje são 46 —a queda do número se deu entre subsidiárias das companhias existentes.

O Ministério da Economia semeou expectativas irrealistas, e o Planalto não mostrou disposição nem capacidade política para um programa ambicioso. Resta a esperança de que a Eletrobras, privatizada, deixe de ser veículo de clientelismo e projetos antieconômicos.

Defender liberdade com censura?

Lygia Maria

Como forma de retaliação à invasão da Ucrânia, a cultura russa está sendo cancelada. Festivais de cinema na Europa, como o de Glasgow e o de Estocolmo, baniram filmes russos que receberam financiamento estatal. O teatro The Helix, em Dublin, cancelou um espetáculo da Companhia Real de Balé de Moscou, enquanto a Royal Opera House, em Londres, cancelou a temporada do Balé Bolshoi. Já na Itália, Dostoiévski, morto em 1881, sofreu ataques: uma universidade em Milão chegou a cancelar um curso sobre o escritor russo, mas, com a repercussão negativa, voltou atrás, e, em Florença, cidadãos pediram a derrubada de uma estátua em homenagem a ele.

Assim, democracias liberais agem a partir do mesmo fundamento que criticam. Como combater um governo autoritário a partir de censura? Lembra a contradição do macarthismo, quando o EUA, se arvorando a defensor mundial da liberdade, perseguiu artistas que seriam comunistas. Ou seja, não faz sentido algum defender a tolerância e a liberdade fomentando preconceito e censura.

Em segundo lugar, temos o caso do cancelamento de artistas que não se posicionaram explicitamente contra Putin (como o maestro Valery Gergiev e a soprano Anna Netrebko). Ora, é muita ingenuidade não considerar que, justamente por Rússia ter um governo autoritário, o posicionamento de artistas russos pode gerar represálias aos familiares desses artistas. No conforto da democracia liberal, talvez muitos estejam ignorando como é viver sob o autoritarismo.

Por último, devemos considerar a importância da separação entre a arte do artista e seu posicionamento político pessoal. O valor de uma obra de arte está contido nela mesma, não em quem a produziu. Mesmo considerando que, em período de guerra, tendemos à passionalidade, manter essa separação em mente é importante para que não se abra precedente. Afinal, governos mudam, perspectivas ideológicas também, e nunca se sabe quem terá o poder de decidir qual é a perspectiva do mal. Pode ser a nossa.

Todo sangue é vermelho

Ana Cristina Rosa

A guerra da Rússia contra a Ucrânia expôs o eurocentrismo vigente. Há conflitos armados em quase 30 países. Populações na Síria, no Afeganistão, na Nigéria, em Mianmar, no Congo, no Iraque, na Somália, no Paquistão... vivem em clima de constante instabilidade, rodeadas pelo medo, pela destruição e pela morte.

No Iêmen, onde segundo a ONU está instalada a mais grave crise humanitária do planeta, mais de 10 mil crianças foram mortas ou mutiladas num conflito que se arrasta há sete anos.

Ainda assim, nunca se viu tamanha comoção ou mobilização como a causada pela "operação militar especial" na Ucrânia, uma guerra que conta com transmissão simultânea e já levou mais de um milhão de pessoas a cruzar fronteiras.

Me solidarizo com os ucranianos. A essa altura da civilização, povo algum deveria enfrentar a barbárie da guerra, que jamais será justa sob a ótica humanitária. Porém a humanidade demonstra sua dificuldade de aprender com os próprios erros.

Mas a Europa respondeu ao sofrimento e ao êxodo dos ucranianos de maneira muito distinta ou "com dignidade humana", como definiu o jornal espanhol El País. "A União Europeia tem agora a oportunidade de corrigir os erros cometidos na crise dos refugiados de 2015 (...) uma vez que não foram aplicadas as normas vigentes e não foi possível chegar a acordo sobre um novo sistema comum de asilo", dizia trecho de editorial da semana passada.

Os refugiados da vez não precisam vagar por praças ou ruas de países estrangeiros como ocorreu com os sírios. Felizmente estão sendo acolhidos por Estados vizinhos e seus cidadãos. A questão é por quê?

A mudança de atitude seguramente foi motivada pelo identitarismo entre demandantes e demandados, num evidente contraste com a xenofobia e o racismo verificados antes em casos similares e na decisão de dificultar a ultrapassagem de fronteiras por negros atualmente. Embora nem todos os olhos sejam azuis, todo sangue é vermelho.

Músicas de cortar os pulsos

Ruy Castro

Supõe-se que, quando morre um artista, devemos nos referir a ele de maneira sóbria, respeitosa. Mas, ao saber há dias da morte de Gary Brooker, líder do antigo grupo Procol Harum, uma veterana das festas de apartamento dos anos 60 comentou: "Em 1967, eles estouraram com 'A Whiter Shade of Pale', que durava uns cinco minutos. Assim que alguém botava o disco e vinha aquela voz cantando 'We skipped the light fandango...', corríamos em massa para o banheiro, a fim de ajeitar os cílios ou desamassar a minissaia. Imagine ser tirada para dançar por um rapaz de quem não se estava a fim e ter de aturá-lo pelo tempo daquela música chatérrima e interminável!".

No Rio, essas festas eram chamadas de "arrasta", por serem arrasta-pés, festas para dançar, e porque se arrastavam os móveis para aumentar a sala. Tomava-se cuba libre, que era rum com Coca-Cola, e hi-fi, vodca com Crush —no dia seguinte, Melhoral. A música era à base de discos, e o repertório, a cargo de todo mundo. E, segundo minha amiga, "A Whiter Shade of Pale" não era a única chatice.

"De cortar os pulsos era 'The House of the Rising Sun', um disco de 1964 do The Animals", disse ela. "Como chegou até 1967 não sei. Também levava cinco minutos, e o cara cantava como se o microfone fosse surdo. Mas nada era pior do que 'Like a Rolling Stone', de, com todo o respeito, Bob Dylan. Linha melódica repetitiva, a ideia idem, aquela voz pelo nariz, aquela gaitinha —e por sete minutos. Imagine dançar aquilo com um rapaz de mau hálito!".

Minha informante, como se vê, não queria deixar para 1968 suas certezas de 1967. Mas talvez seja um pouco suspeita —naquela época, ela só queria saber dos Beatles.

Quanto a mim, também garoto, mas que não gostava de dançar, preferia festas mais adultas, em que tomava uísque e discutia o Vietnã com alguma mulher deslumbrante, geralmente dez anos mais velha do que eu. Ao som de Thelonious Monk.

'Rússia americana'

Marcus André Melo

Professor da Universidade Federal de Pernambuco e ex-professor visitante da Universidade Yale. Escreve às segundas

Gilberto Freyre enxergou traços da Rússia entre nós quando se referiu ao Brasil como "essa Rússia Americana", em "Casa Grande & Senzala" (1933), e mesmo antes. O foco de sua análise são as relações de sadismo e gosto pelo mando resultantes da escravidão e que perpassavam a vida brasileira, da esfera sexual à política, irradiando-se "no gosto de mando violento ou perverso que explodia no senhor de engenho ou no filho bacharel quando no exercício de posição elevada, política ou de administração pública".

E acrescentava "gosto que se encontra abrutalhado em rude autoritarismo num Floriano Peixoto". E conclui que o mandonismo tem sempre encontrado vítimas em quem exercer-se com "requintes sádicos, deixando até nostalgias logo transformadas em cultos cívicos, como o do Marechal de Ferro".

Em relação à psicologia política argumentou que "o que o grosso do que se pode chamar 'povo brasileiro' ainda goza é a pressão sobre ele de um governo másculo e corajosamente autocrático" (como não lembrar de Putin?). A análise aqui é descritiva, não normativa; Freyre vaticinou o homem forte que viria a inflamar a imaginação política no país sob a ditadura do Estado Novo e sob a democracia populista.

Na "Rússia americana", conclui "as expressões de mística revolucionária, de messianismo, de identificação do redentor com a massa a redimir pelo sacrifício de vida ou de liberdade pessoal" se vê "menos a vontade de reformar ou corrigir vícios de organização política que o puro gosto de ser vítima ou sacrificar-se". Populismo, messianismo, vitimismo. Sim não é à toa que a Rússia é o berço dos Narodniks (populistas), que inclusive deram origem à expressão populismo.

Rússia e Brasil eram monarquias com territórios continentais tendo em comum as chagas da escravidão e da servidão prolongadas. Mas o Brasil tinha liberdade de expressão e um monarca "orgulhoso de sua tolerância" em relação à oposição, como afirmou Joaquim Nabuco.

A divergência radical de trajetória acentuou-se com a Revolução de 1917, e o totalitarismo resultante. Enquanto isso, a República Velha foi regime semicompetitivo. Tivemos as ditaduras de Vargas e a Militar; mas, na República de 46, um regime multipartidário competitivo surgiu e superou crises. Desde 1988, o regime assistiu a três alternâncias de poder; na Rússia, não houve uma sequer alternância pacífica e competitiva.

Os traços essenciais do populismo nunca nos abandonaram: narrativas contrapondo elites corrompidas e povo virtuoso; e líder como expressão direta deste último, sem intermediários como partidos ou sem estar limitados por instituições de controle ou separação de poderes.

Sim, no momento, uma Rússia palpita entre nós.

TENDÊNCIAS / DEBATES

folha.com/tendencias debates@grupofolha.com.br
Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo

Políticas alimentares permanentes

Falta estratégia de Estado robusta para ampliar acesso a alimentos saudáveis

Gustavo Porpino e João Flavio Veloso
Pesquisador, doutor em administração (FGV-Eaesp) e ex-pesquisador visitante da Universidade Cornell (EUA)
Pesquisador e doutor pela USP/Esalq com pós-doutorado pela UMR Innovation (França)

A pandemia de Covid-19 nos ensinou, ou deveria ter ensinado, a valorizar a cidadania e a solidariedade. As cenas das pessoas revirando latas de lixo em busca de comida ou fazendo fila para comprar ossos não podem ser moralmente aceitáveis em país com agronegócio pujante e capaz de exportar US$ 120 bilhões por ano.

O aparente paradoxo esconde algumas tristes realidades. Produzimos e exportamos cada vez mais grãos e carnes, mas nos falta uma estratégia de Estado robusta para ampliarmos o acesso a alimentos saudáveis —e ainda tateamos um caminho para reduzir perdas e desperdício do campo à mesa.

Políticas públicas alimentares são essenciais para atenuar os "trade-offs" provocados pela nossa capacidade de exportar cada vez mais alimentos. Certamente as exportações são importantes por gerar superávit na balança comercial e fortalecer a nossa economia. A questão não é retirar importância do agronegócio exportador, mas implementarmos também estratégias capazes de apoiar a produção de alimentos básicos, atenuar a alta dos preços internos, expandir o consumo per capita de frutas e hortaliças e contribuir para um sistema alimentar mais atento às tendências globais de sustentabilidade.

O desafio de alimentar mais brasileiros não necessariamente significa que precisamos produzir mais. A condição para aprimorar a segurança alimentar e nutricional (SAN) é termos um sistema alimentar mais justo e eficiente. Ter mais alimentos nutritivos disponíveis para quem até deseja, mas não consegue se alimentar bem por não ter acesso a eles, é mandatório. As razões para tal situação são diversas e históricas, mas é preciso revisitá-las.

O enfrentamento à insegurança alimentar sofre cortes de recursos sempre que a economia está desaquecida, mas a lógica deve ser o contrário. De 2015 para 2016, por exemplo, o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) perdeu quase 20% de poder de compra, considerando a redução orçamentária de R$ 3,7 bilhões (2015) para R$ 3,4 bilhões (2016) e a inflação anual do grupo alimentos, conforme o INPC, de 10,67% em 2015. Mais recentemente, o orçamento do PNAE também tem sido atingido pela inflação elevada, principalmente pela alta do preço dos alimentos nos últimos dois anos.

O Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), outra iniciativa importante para garantir a comercialização de produtos de pequenos e médios produtores e levar alimentos aos mais fragilizados, foi substituído pelo Programa Alimenta Brasil. O novo programa entrou em vigor com boas intenções, mas o orçamento projetado para 2022 é de R$ 101,6 milhões, insuficiente para atender todas as demandas.

[...]

A questão não é retirar importância do agronegócio exportador, mas implementarmos também estratégias capazes de apoiar a produção de alimentos básicos, atenuar a alta dos preços internos, expandir o consumo per capita de frutas e hortaliças e contribuir para um sistema alimentar mais sustentável

Entretanto, mesmo com tantos entraves, não faltam boas iniciativas públicas e privadas de fortalecimento da SAN no Brasil. Para melhorar a governança, é necessário conectar mais essas ações e aprimorar a integração entre diferentes níveis de governo. Coalizões público-privadas, por exemplo, podem ser implementadas para ampliar a rede brasileira de bancos de alimentos. Para fins de comparação, os EUA possuem mais de 60 mil despensas comunitárias e em torno de 400 bancos de alimentos. O Brasil possui aproximadamente 210 bancos de alimentos, e vários carecem da infraestrutura necessária para gerenciar doações.

Parte do problema demanda inserir mais fortemente políticas públicas alimentares no debate eleitoral, e a sociedade civil deve cobrar dos(as) candidatos(as) nas próximas eleições propostas para fortalecer circuitos curtos de produção e consumo com fortalecimento da agricultura urbana e periurbana, além de iniciativas de economia circular e/ou inovação social para gerar renda e combater a fome. Essas tendências são observadas mundo afora, e o Brasil pode avançar mais se tiver políticas públicas de Estado.

Alimentação é um tema que diz respeito a todas e todos nós, brasileiros. O Brasil tem muito potencial para produzir alimentos, possui capacidade empreendedora e cultura alimentar diversa e rica. Já possuímos os principais ingredientes para termos uma agenda sólida de SAN apartidária, intersetorial, plural, e principalmente, perene.

O gênio estratégico de Bolsonaro

No concerto das nações não existem ideologias, mas sim interesses objetivos

Marco Feliciano
Deputado federal (PL-SP), é vice-líder do governo no Congresso e vice-presidente da Frente Evangélica

Em meio à confusão instaurada no xadrez da geopolítica mundial pela invasão russa na Ucrânia, o assunto da hora na imprensa tupiniquim não é se estamos à beira da 3ª Guerra Mundial, mas sim espinafrar o presidente da República pelo seu posicionamento ante à crise.

Nessa senda de criteriosa desinformação, seria cômico —se não fosse trágico— ver parte da imprensa nacional transformando o nobre ofício de informar em mero ato de torcida, até mesmo divisando a insana possibilidade de o comediante vencer uma guerra com devaneios no YouTube.

Ora, o mundo real não é assim. O jogo é bruto, e guerra se vence com armas, as quais de resto sobram a Vladimir Putin e faltam a Volodimir Zelenski. No concerto das nações inexistem mocinhos ou bandidos, tampouco ideologias, mas tão somente os interesses objetivos, mediatos e imediatos, dos Estados que as corporificam. Logo, fica de todo óbvio que devemos analisar as condutas de nosso presidente Jair Bolsonaro (PL) em meio a essa grave crise levando em conta os interesses, muitas vezes inconfessáveis, das nações nela envolvidas e, principalmente, os interesses brasileiros.

Ou será que devemos ignorar que o atual conflito beneficia Joe Biden? Afinal, desde o pós-guerra é praxe presidentes americanos com baixa popularidade como ele contratarem conflitos externos para aumentarem seus índices de aprovação. Com a maior inflação dos últimos 40 anos corroendo o poder de compra do eleitor e às portas das eleições legislativas de meio de mandato —onde estarão em jogo a maioria democrata na Câmara e no Senado e, portanto, também uma possível volta de Donald Trump à cena política—, bem certo é que posar de líder do mundo livre cai como uma luva ao mandatário ianque.

E a estabilidade da atual ordem mundial? Essa, de per si, beneficia principalmente a China, potência que se agiganta pela economia, não pelas armas. De fato, o dragão há muito acordou e tem índices de produtividade até 11 vezes maiores que americanos e europeus. Ou seja, os chineses estão engolindo quem antes era hegemônico.

[...]

Se de um lado o presidente da República dá sinais de que, pessoalmente, se alinha aos argumentos da Rússia, de outro nossos representantes nos organismos multilaterais se engajam aos clamores ocidentais. Isso nos valoriza simultaneamente diante de americanos, chineses e russos

Assim, é de se perguntar se não seria de interesse das democracias liberais do Ocidente um conflito que, mesmo indiretamente, as antagonize com os regimes fechados orientais... Enfim, seria levar uma batalha já perdida na economia para um campo em que elas ainda dominam: o bélico.

Como se vê, menos importa a ponta do iceberg do que aquilo que está abaixo da linha d'água e que, por óbvios motivos, não é comentado pela mídia mainstream. Posto tudo isso, comemoro o gênio estratégico do presidente Bolsonaro: se de um lado o mesmo dá sinais de que, pessoalmente, se alinha aos argumentos da Rússia, de outro nossos representantes nos organismos multilaterais se engajam aos clamores ocidentais. Isso nos valoriza simultaneamente diante de americanos (que não podem perder o Brasil como zona de influência), chineses (nosso maior parceiro comercial) e russos (de quem o motor da economia brasileira, o agronegócio, é dependente de insumos). Uma no cravo, outra na ferradura. "Talquei"?

PAINEL DO LEITOR

folha.com/paineldoleitor leitor@grupofolha.com.br
Cartas para al. Barão de Limeira, 425, São Paulo, CEP 01202-900. A Folha se reserva o direito de publicar trechos das mensagens. Informe seu nome completo e endereço

Charge de Nico em relação às declarações sexistas de Arthur do Val, o Mamãe Falei
Nico Cartunista

Sexismo e Arthur do Val

Vamos ver se São Paulo acorda e não elege um cara como esse novamente ("Arthur do Val diz que áudios sexistas foram erro em momento de empolgação", Política, 6/3).
Salvio Coelho (Belo Horizonte, MG)

*

O deputado teve falas repugnantes e total falta de respeito com as mulheres e, em especial, com as ucranianas, que vivem momento de terror pela guerra. O fato de ser áudio enviado a grupo privado em nada ameniza as sandices. Só faz mostrar a falta de ética e um pouco deste "homem do bem". Bingo para quem divulgou o áudio acelerando a queda de máscara, já que as atitudes anteriores não foram suficientes para tal.
Maria Aparecida Araujo Pinto (Campinas, SP)

*

Reitero: seria interessante conhecermos os interlocutores do deputado que receberam suas mensagens e como reagiram. Esse tipo de comentário exibicionista, sexista e racista só prospera quando há ouvintes interessados que compartilham ideias e comportamento. A opinião pública precisa saber quem são.
Carlos Prompt (Porto Alegre, RS)

*

Que homem perverso ("Namorada de Arthur do Val rompe após vazamento de áudios sobre ucranianas atribuídos a ele", Mônica Bergamo, 6/3)! Chega a ser doentio a análise que ele faz dessas mulheres. Que nojo! E diz que a vulnerabilidade social delas facilita a investida. O que é isso? E ele é o representante da extrema direita hétero branca? Esses "homens de bem" são péssimos.
Luana Costa (São Paulo, SP)

Urna inviolável

Fui fiscal de um partido numa eleição de "papel" ("'Pai da urna eletrônica' diz que hackers jamais vão conseguir acessá-la", Política, 5/3). Nunca assisti a tantos roubos de votos, mesmo de pessoas que eu considerava até então baluarte da cultura e do saber na cidade do interior de MG. Reclamei, ninguém me deu ouvido, elegeram as oligarquias de sempre. Acredito muito na urna eletrônica. Uma das poucas coisas da nossa caríssima justiça, mas que funciona. O resto é pura desinformação para fins espúrios.
Ivan Bastos (Nova Friburgo, RJ)

*

Em 1985, trabalhei na apuração das eleições para prefeito —TRE cadê minhas folgas?— e percebi que não era seguro o voto. O eleitor fazia um risco e poderia alcançar outro quadrinho. E poderia por aspas em outro candidato; votava em branco... No local que apurei, tinham fiscais, era seguro. Mas seriam assim em todas as zonas eleitorais? Recentemente trabalhei para a OAB nas eleições. Urna eletrônica! Se confiava antes, agora muito mais! Parabéns
Neli de Faria (São Paulo, SP)

Barulho e dor de cabeça

A inépcia da prefeitura em agir rápido e decisivamente dá aos barulhentos a impunidade para que continuem a perturbar pessoas do entorno ("Saiba o que fazer em casos de perturbação do sossego por vizinhos barulhentos", Cotidiano). Como quase todo serviço prestado pelas prefeituras, o Psiu é um fiasco! Para cobrar IPTU, impostos e taxas, os caras são mais eficientes!
Franco Oliveira (São Paulo, SP)

Butim

Caso a China parta para cima de Taiwan, será mais difícil impor embargo contra o país ("China espera o butim enquanto velocidade da guerra na Ucrânia agonia Rússia e Ocidente", Mundo, 6/3). É preciso lembrar que muitos dos empresários que tanto criticam o comunismo exploram mão de obra escrava em território chinês, o que fez da China essa potência. Hipocrisia e ganância dos empresários que levaram suas fábricas para pagar migalhas a trabalhadores na China deram a ela a chance de engolir a todos.
Johnson Fiorito (Goiânia, GO)

Eletrobras

A avaliação, sinalizada, da possível venda da Eletrobras, ao valor de R$ 25 bilhões, não estaria demasiadamente subavaliada ("Privatização da Eletrobras corre contra o tempo para buscar R$ 25 bi na Bolsa", Mercado)? O controlador do Chelsea quer o equivalente a R$ 27 bilhões para desfazer-se dele!
José Rubens Arantes (São Paulo, SP)

Educação

O "Desastre Educacional" (Editoriais, 6/3), com dados do Saresp, era resultado esperado e aprofundado pela pandemia. Nas áreas avaliadas, língua portuguesa e matemática, as deficiências vêm de muito tempo e pouco foi feito. O resgate é urgente, e a questão é como fazê-lo. Em matemática, existe plataforma com inteligência artificial e metodologia adaptativa desenvolvida pela McGraw Hill, que permite ao aluno avançar seu aprendizado de forma personalizada. Essa tecnologia poderá ser útil para a rede paulista. Basta vontade política!
Oscar Hipólito, professor titular da USP (São Paulo, SP)

Belonaves

Diante da crítica feita pelo jornalista Elio Gaspari ("Em 1917, o czar, não entendeu nada", 6/3), quanto ao emprego da expressão "belonaves", anoto que eu a utilizei, em minha decisão, como figura de estilo, amparado no Dicionário Etimológico de Antonio Geraldo da Cunha, para referir-me às aeronaves de caça suecas adquiridas pela Força Aérea Brasileira, conjugando as palavras latinas "bellum" e "navis", que significam, respectivamente, "guerra" e "embarcação".
Ricardo Lewandowski, ministro do Supremo Tribunal Federal (Brasília, DF)

Colunista

Querida Milly, sem palavras ("Um sentimento chamado Artur", Milly Lacombe, Folha Corrida, 6/3). Queria te abraçar e chorar no seu ombro agora e te oferecer o meu pra você chorar também, se você sentisse necessidade. Você nos ajuda a continuar tendo esperança no mundo, no outro e na vida. Obrigada!
Patricia Cypriano (São Paulo, SP)

*

Milly, eu chorei. E ainda estou chorando.
Herbert Luiz Braga Ferreira (Manaus, AM)

ERRAMOS

erramos@grupofolha.com.br

ESPORTE (6.MAR., PÁG. B7) Diferentemente do afirmado na coluna "Amor em linhas tortas", o UOL não pertence ao Grupo Folha. A empresa tem participação minoritária e indireta do Grupo Folha, que edita a Folha.

política

PAINEL | *Fábio Zanini*

painel@grupofolha.com.br

Contra o tempo

O projeto de Lei das Fake News, a aposta do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) para regular o tema, corre o risco de não ser aprovado a tempo de valer nas eleições deste ano. Caso confirmado, só terá validade 90 dias após a publicação e há uma preocupação com relação à velocidade da tramitação no Senado. O PL de autoria do senador Alessandro Vieira (Cidadania-SE) chegou à Câmara em julho de 2020 e, desde então, os parlamentares enfrentam dificuldade para chegar a um entendimento.

SINUCA... Entidades da sociedade civil e as plataformas pressionam os deputados em direções contrárias. Lideranças do Senado avaliam que por lá não será diferente.

...DE BICO Tendo em vista o tempo que a Câmara teve para analisar o tema, a tendência é que os senadores queiram apreciar detidamente as mudanças, o que pode demorar.

PALAVRA FINAL Há ainda quem defenda no PT deixar o texto em banho-maria para que a regulamentação das redes sociais ocorra só em 2023, num eventual governo Lula.

PELO BOLSO O PT defenderá o governo Dilma Rousseff na campanha citando o alto nível de reservas internacionais que ela deixou ao sofrer impeachment, em 2016. Foram US$ 366 bilhões, valor que tem se mantido estável desde então.

TESE Segundo o partido, essas reservas têm ajudado o Brasil a suportar as últimas intempéries das finanças globais. O PT sabe que a gestão Dilma, que provocou a maior recessão da história brasileira e deixou o país com inflação em alta, será um nervo exposto para Lula.

NO LÁPIS O Conselho Federal de Contabilidade (CFC) está procurando tesoureiros e contadores das direções nacionais dos partidos para elaborar a primeira Norma Brasileira de Contabilidade Eleitoral.

TROCAS O tema será debatido na próxima semana num congresso em Brasília. Uma ideia é mudar o sistema de lançamento de recursos dos diretórios nacionais para os estaduais e municipais.

JEITINHO Integrante da tropa de choque de Jair Bolsonaro (PL), a deputada Carla Zambelli (PSL-SP) lançou um site neste domingo (6) com orientações para tentar driblar a exigência do passaporte vacinal de Covid-19 por escolas, creches e outros locais.

ESCOLHAS Apesar de especialistas garantirem que a imunização contra o coronavírus é segura e recomendada, com base em evidências científicas, a bolsonarista alega que a proposta visa "fortalecer a defesa da liberdade individual".

PARA CIMA A Secretaria de Justiça do estado de SP registrou aumento expressivo no número de denúncias de discriminação em diversas áreas nos últimos anos. É um reflexo, segundo o governo, da maior conscientização da população na busca por seus direitos.

SALTO Houve crescimento expressivo de denúncias de preconceito racial, de cunho religioso, homofobia e discriminação contra portadores de HIV no período que variou de 2019 a 2021.

APELO As últimas semanas antes de João Doria (PSDB) deixar o cargo de governador de São Paulo terão um componente sentimental. Ele pretende fazer uma visita à Escola Estadual Professora Marina Cintra, na capital, onde estudou, para reforçar seu compromisso com a educação.

APELO 2 O tucano também tem buscado fazer aceno às eleitoras. Na sexta-feira (4), disse a uma plateia de mulheres num evento que tem "alma feminina", e que não se envergonha disso.

com Guilherme Seto, Juliana Braga e Julia Chaib

Cláudio

GRUPO FOLHA
FOLHA DE S.PAULO ★★★
UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

Redação São Paulo
Al. Barão de Limeira, 425 | Campos Elíseos | 01202-900 | (11) 3224-3222
Ombudsman ombudsman@grupofolha.com.br | 0800-015-9000
Atendimento ao assinante (11) 3224-3090 | 0800-775-8080
Assine a Folha assine.folha.com.br | 0800-015-8000

EDIÇÃO DIGITAL	Digital ilimitado	Digital Premium
DO 1º AO 3º MÊS	R$ 1,90	R$ 1,90
DO 4º AO 12º MÊS	R$ 9,90	R$ 9,90
A PARTIR DO 13º MÊS	R$ 29,90	R$ 39,90

EDIÇÃO IMPRESSA	Venda avulsa seg. a sáb.	Venda avulsa dom.	Assinatura semestral* Todos os dias
MG, PR, RJ, SP	R$ 5	R$ 7	R$ 827,90
DF, SC	R$ 5,50	R$ 8	R$ 1.044,90
ES, GO, MT, MS, RS	R$ 6	R$ 8,50	R$ 1.318,90
AL, BA, PE, SE	R$ 9,25	R$ 11	R$ 1.420,90
Outros estados	R$ 10	R$ 11,50	R$ 1.764,90

*À vista com entrega domiciliar diária. Carga tributária 3,65%

CIRCULAÇÃO DIÁRIA (IVC)
363.733 exemplares (janeiro de 2022)

Sergio Moro em evento em SP para filiação de Arthur do Val (a dir.) ao Podemos Adriano Vizoni - 26.jan.2022/Folhapress

Moro perde palanque em SP e sofre baque ao buscar protagonismo

Áudios sexistas do deputado Arthur do Val, aliado paulista ligado ao MBL, engrossam problemas de ex-juiz na tentativa de consolidar 3ª via

Danielle Brant e Ranier Bragon

BRASÍLIA Os áudios sexistas do deputado estadual Arthur do Val derrubaram o palanque regional mais consistente e importante de Sergio Moro (Podemos) no país, o de São Paulo, e ampliaram os problemas na candidatura do ex-juiz.

O caso tende a empurrar o Podemos de vez para a campanha do tucano Rodrigo Garcia em São Paulo, principal base de sustentação do presidenciável João Doria (PSDB).

Por tabela, o MBL (Movimento Brasil Livre), grupo que migrou para o Podemos e integra a linha de frente da campanha de Moro, vê a sua crise interna se ampliar com dois de seus principais líderes na linha de fogo —além de Arthur do Val, o deputado federal Kim Kataguiri (SP) se envolveu em controvérsia recente ao dizer, em entrevista, que a Alemanha errou ao criminalizar o nazismo.

A reação de Moro de condenar e tentar se afastar de Kataguiri e Arthur do Val terá reflexos no apoio do grupo à sua candidatura.

Moro tenta se descolar de Ciro Gomes (PDT) nas pesquisas e se consolidar como o nome que unificaria os demais da direita e do centro —Doria e Simone Tebet (MDB), em especial— em torno da sua candidatura. Sua lista de problemas, porém, não é pequena.

Em primeiro lugar, ele está filiado a um partido, o Podemos, que tem poucas perspectivas de montar palanques fortes nos estados nas disputas para governador.

Além da fragilidade partidária e da falta de palanques regionais, a estagnação nas pesquisas e o caso Arthur do Val levam políticos e adversários a ampliarem, nos bastidores, prognósticos de que Moro poderá até abandonar a candidatura presidencial e concorrer a outro cargo.

Em pesquisa Datafolha de dezembro, Moro tinha 9% das intenções de voto, enquanto Ciro aparecia com 7%. Doria tinha 3% e Tebet, 1%.

Os aúdios sexistas de Arthur do Val vieram à tona na sexta-feira (4). No dia seguinte, ele disse ter retirado sua pré-candidatura ao governo paulista.

O deputado estadual aparecia com 3% das intenções de voto em pesquisa Datafolha de dezembro —em cenário que não considera a participação do ex-governador Geraldo Alckmin (sem partido).

Em 2020, Arthur do Val foi candidato a prefeito de São Paulo pela primeira vez e ficou em quinto lugar, com 9,8%.

Na fala que enviou a um grupo de amigos, Arthur do Val diz, entre outras coisas, que as ucranianas são "fáceis" por serem pobres —e que a fila de refugiados da guerra tem mais mulheres bonitas do que a "melhor balada do Brasil".

A primeira reação de Moro foi romper com o deputado estadual e dizer que lamentava "profundamente as graves declarações" atribuídas a Arthur do Val, youtuber também conhecido pelo apelido de Mamãe Falei.

"O tratamento dispensado às mulheres ucranianas refugiadas e às policiais do país é inaceitável em qualquer contexto. As declarações são incompatíveis com qualquer homem público. Jamais dividirei meu palanque e apoiarei pessoas que têm esse tipo de opinião e comportamento", afirmou.

A pré-candidatura de Arthur do Val não era consenso dentro do Podemos. Um dia após a filiação do deputado estadual ao partido, um grupo de 18 prefeitos da legenda em São Paulo se reuniu com Rodrigo Garcia (PSDB), que é vice-governador de São Paulo, para declarar apoio à sua reeleição. O Podemos administra 22 cidades no estado.

Apesar de reconhecerem reflexos negativos, a reação do ex-juiz foi elogiada por aliados.

O líder do Cidadania na Câmara dos Deputados, Alex Manente (SP), diz que o episódio afeta a candidatura, mas que Moro agiu de forma correta .

"Inegavelmente ele se aliou ao MBL, especialmente no estado de São Paulo, onde o MBL tem uma presença, e [Moro] teve a postura correta e imediata para tentar minimizar o dano", afirmou. "Mas óbvio que inclusive a questão político-partidária que foi criada em torno do MBL, da candidatura do Arthur a governador, afetará a campanha do Moro em São Paulo."

Para o deputado Junior Bozzella (União-SP), Moro demonstrou que se posiciona quando aliados cometem erros. "Ele não passa pano. Isso é uma vantagem que ele tem perante os demais. Quando o Moro reage à atitude de um possível aliado, ele mostra que é preciso apontar o erro e deixar explícita a sua posição", diz.

> **"** **O tratamento dispensado às mulheres ucranianas refugiadas e às policiais do país é inaceitável em qualquer contexto. As declarações são incompatíveis com qualquer homem público. Jamais dividirei meu palanque e apoiarei pessoas que têm esse tipo de opinião e comportamento**
>
> **Sergio Moro**
> pré-candidato à Presidência pelo Podemos, sobre áudios do deputado Arthur do Val

"A partir do momento em que ele deixa claro que não tem compromisso com uma atitude equivocada, racista, machista, ele demonstra a sua honradez e seu caráter", prossegue o deputado.

Ele também critica bolsonaristas que tentam "cancelar" o deputado estadual, enquanto ignoram atitudes machistas do presidente Jair Bolsonaro.

"Quem aponta o dedo para o Arthur tem que apontar para o Bolsonaro também", afirmou Bozella. Para ele, Moro vai ser "vítima de toda gota ser potencializada e transformada num tsunami".

"A questão é saber se posicionar diante do erro. Ele não passou a mão na cabeça de ninguém, diferentemente da esquerda que não aponta dedo para os mensaleiros e dos bolsonaristas que não apontam dedo para os rachadores."

Fala é asquerosa, diz Bolsonaro, que tem histórico sexista

BRASÍLIA O presidente Jair Bolsonaro (PL), que já proferiu várias frases sexistas durante a sua carreira, condenou os áudios de Arthur do Val (Podemos), que destratou mulheres ucranianas.

Ao ser questionado sobre o caso no cercadinho frequentado por apoiadores no Palácio Alvorada, neste domingo (6), Bolsonaro disse que a frase é "tão asquerosa que nem merece comentário".

Jair Bolsonaro tem um longo histórico de falas sexistas.

Ele já disse que só não estupraria uma deputada porque ela era "feia", já defendeu, como presidente, o turismo sexual no Brasil, desde que não fosse praticado por gays, afirmou defender salários menores para mulheres, entre outras manifestações.

"Fica aí, Maria do Rosário [PT-RS], fica. Há poucos dias tu me chamou de estuprador no Salão Verde e eu falei que eu não estuprava você porque você não merece. Fica aqui para ouvir", afirmou em 2014, na Câmara.

Em 2020, ele insultou a repórter da **Folha** Patrícia Campos Mello, em conversa com apoiadores na frente do Palácio da Alvorada. "Ela [repórter] queria um furo. Ela queria dar o furo [risos dele e dos demais]." **Constança Rezende e Nathalia Garcia**

Arthur do Val fica isolado e sob pressão de punição

Após áudios sexistas, deputado enfrentará tentativa de cassação e falta de aliados

Tayguara Ribeiro

SÃO PAULO Com histórico de brigas com outros deputados estaduais, Arthur do Val (Podemos) não conta com muitos aliados no momento para lidar com o processo de cassação que deverá enfrentar nas próximas semanas na Assembleia Legislativa de SP após o vazamento de áudios sexistas sobre mulheres ucranianas.

Diversos deputados, de esquerda, centro e direita, já anunciaram que pretendem entrar com representação contra ele e têm defendido publicamente a perda de mandato —em uma onda que pode unir de aliados de Jair Bolsonaro (PL) a petistas e tucanos contra Arthur do Val.

Embora a Assembleia ainda viva sob a sombra de outro caso ofensivo às mulheres, o clima está desfavorável para Arthur do Val, também conhecido como Mamãe Falei. Ele não conta com a mesma articulação política do deputado Fernando Cury (sem partido), que foi punido com afastamento de 180 dias, mas evitou a cassação após ser flagrado pelas câmeras da Assembleia apalpando Isa Penna (PSOL).

Youtuber, Arthur do Val está em seu primeiro mandato. Foi o segundo deputado estadual mais votado de São Paulo nas eleições de 2018, com 478 mil votos na disputa. Eleito deputado pelo DEM, foi expulso do partido por críticas ao governador João Doria (PSDB) e sucessivas brigas com os colegas de plenário. Depois, filiou-se ao Patriota para disputar as eleições municipais.

O deputado estadual Arthur do Val (Podemos), que ficou isolado na Assembleia de São Paulo Adriano Vizoni - 26.jan.2022/Folhapress

Em 2022, Arthur do Val buscaria o governo estadual pelo Podemos, sendo palanque regional da candidatura de Sergio Moro ao Planalto, mas já anunciou a desistência após as falas vazadas.

O deputado, que visitou a Ucrânia, enviou áudios a amigos dizendo que as ucranianas são "fáceis" por serem pobres —e que a fila de refugiados da guerra tem mais mulheres bonitas do que a "melhor balada do Brasil".

Em 2019, durante análise da PEC da reforma da Previdência na Assembleia, o deputado se envolveu em uma discussão ríspida com outros colegas.

A confusão começou após Arthur do Val chamar os servidores que estavam na galeria do plenário de "bando de vagabundo". A sessão, que precisou ser suspensa, teve empurra-empurra, ameaça de socos e até mordida.

Toda a possibilidade que o Arthur teve de ofender todos os deputados ele fez. Existe uma inimizade já colocada

Isa Penna
deputada estadual pelo PSOL

Segundo Isa Penna, que foi a primeira a protocolar uma representação contra o deputado, Arthur do Val não tem um clima favorável na Casa. "Toda a possibilidade que o Arthur teve de ofender todos os deputados ele fez. Existe uma inimizade já colocada", diz.

Ela é um pouco cética em relação à possibilidade de uma cassação, embora acredite em sanções. "Acho muito difícil. Senão, eu que vou pedir para reabrir o meu processo contra o Cury. Porque eu tive um assédio físico. E tem um áudio desse. Não é possível que a dosimetria seja tão diferente. Tem que existir alguma lógica entre uma punição e outra", afirma.

Presidente do conselho de ética da Assembleia paulista, a deputada Maria Lúcia Amary (PSDB) considera que a situação de Arthur do Val ficou complicada "por conta da repercussão nacional e internacional, em um momento de fragilidade da Ucrânia".

"Foi muito dolorido escutar isso sobre essas mulheres que estão em uma situação de vulnerabilidade. E ficamos constrangidos por ser um deputado, um político brasileiro."

Embora tenha preferido não avaliar quais possíveis punições Arthur do Val pode sofrer na Assembleia, a percepção da deputada Marina Helou (Rede), também membro da comissão de ética, é que o caso gerou um grande impacto dentro e fora da Casa. "A repercussão é muito grande e muito consistente com a gravidade das afirmações", diz.

Sobre os áudios, a deputada afirmou que o conteúdo é "absolutamente inaceitável". "Eu, como mulher em uma situação de poder, tenho o compromisso de garantir que as instituições não compactuem com este tipo de comportamento."

O presidente da Assembleia, Carlão Pignatari (PSDB), afirmou em nota que "a atitude é inaceitável e que será tratada com rigor e seriedade pelas esferas de investigação do Parlamento".

Deputados de diferentes legendas expressaram publicamente a intenção de pedir a cassação de Arthur do Val.

Erica Malunguinho (PSOL) afirmou que "já seria digno de nota o teatro encenado pelo deputado Arthur do Val na sua chamada 'ação humanitária' na Ucrânia". "Mas causa asco o teor misógino e classista dos áudios vazados do deputado falando sobre refugiadas de guerra, tanto quanto sua resposta."

O bolsonarista Douglas Garcia (Republicanos) disse que, diante das representações anunciadas, contatou "os deputados autores para também assiná-las". Altair Moraes (Republicanos) também afirmou que entraria com o pedido de cassação.

Já o deputado bolsonarista Gil Diniz disse que está recolhendo assinaturas para protocolar uma CPI para investigar os recursos que financiaram a viagem de Arthur do Val, integrante do MBL (Movimento Brasil Livre).

A deputada estadual Janaína Paschoal e os deputados José Américo, Emídio Souza e Paulo Fiorilo do PT; foram outros parlamentares a reprovar os áudios publicamente.

Em seu partido, o Podemos, houve atuação para distanciar o deputado dos projetos políticos do partido neste ano. O presidenciável Sergio Moro disse ainda na sexta (4) que não subiria mais no mesmo palanque do correligionário.

O senador Lasier Martins pediu a "expulsão sumária" dele dos quadros da legenda.

Procurado pela reportagem, Arthur do Val não respondeu aos questionamentos.

O MBL vai acabar?

Turma de 2015 se autoimola em público, e direita volta para centrão e milicos

Celso Rocha de Barros

Servidor federal, é doutor em sociologia pela Universidade de Oxford (Inglaterra)

O Movimento Brasil Livre (MBL) passa por sua maior crise desde que se destacou na organização das passeatas pelo impeachment em 2015-2016, quando Eduardo Cunha descobriu que Arthur do Val, o Mamãe Falei, era fácil porque era burro.

As coisas já não iam bem para o MBL antes mesmo do deputado estadual paulista declarar sua intenção de explorar sexualmente a pobreza das refugiadas de guerra ucranianas.

Poucas semanas antes, a principal liderança emebelista, o deputado federal Kim Kataguiri, foi severamente criticado por questionar a criminalização do nazismo. A proposta era imbecil, mas, além disso, a intensidade da reação contra Kataguiri mostrou outra coisa: o clima ideológico do Brasil de 2022 não é mais aquele em que o MBL floresceu.

O MBL cresceu em um ambiente político altamente tolerante com a "zoeira" de direita, um tipo de irreverência "politicamente incorreta" e "contrarian" que, para muita gente, pareceu charmosa durante a crise dos governos petistas.

Isso perdeu muito da graça depois que um presidente "contrarian" e politicamente incorreto matou mais de cem mil brasileiros por não acreditar em vacinas.

Aqui as lideranças do MBL poderiam dizer: bom, mas Bolsonaro é ainda mais repulsivo do que Mamãe Falei; Bolsonaro defende o Ustra, que, se fosse russo em 2022, introduziria ratos nas vaginas das ucranianas que pegassem em armas contra a invasão. E Bolsonaro continua aí, com o apoio de entre um quarto e um terço dos eleitores.

É verdade, mas isso nos ensina uma importante lição: não é fácil ser politicamente incorreto sem o apoio dos poderes constituídos.

O MBL rompeu com Bolsonaro. A direita brasileira não rompeu. No final de 2021, o MBL, em atitude elogiável, ajudou a organizar atos pelo impeachment. O público de 2015 não foi.

No fundo, a direita brasileira rompeu com o MBL porque não acha que ainda precise de manifestações de rua depois de ter recuperado o controle da máquina de Estado, seu orçamento e suas armas. Militância nas redes sociais, afinal, é coisa que se compra na Rússia.

O MBL vem tentando dar a volta por cima com a candidatura presidencial de Sergio Moro. De fato, se Moro for eleito, terá sido porque tomou a base eleitoral de Bolsonaro. Como apoiadores de primeira hora do ex-juiz, o MBL estaria em uma posição privilegiada para reconquistar sua influência.

Mas a candidatura de Moro vai mal. Na revista piauí deste mês, uma matéria de Ana Clara Costa mostra que o ex-juiz tem encontrado dificuldades seríssimas para organizar sua campanha. Falta dinheiro, falta apoio político, e a disparada nas pesquisas não aconteceu. Além disso, Moro disse que se recusa a dividir palanque com Arthur do Val, e o MBL, ao que parece, não o expulsará.

A crise do MBL suscita dúvidas sobre a longevidade dos movimentos sociais organizados a partir das redes sociais. Em 2015, Kataguiri e companhia demonstraram que eles podem ser politicamente eficazes. Mas será que conseguem se consolidar como forças políticas? Ou a lógica das redes favoreceria a criação e o descarte contínuos de grupos, marcas, símbolos e lideranças?

O fato é que, enquanto a turma de 2015 se autoimola em público, a direita brasileira volta para casa, volta para seu centrão e seus milicos.

| DOM. Elio Gaspari, Janio de Freitas | SEG. Celso R. de Barros | **TER. Joel Pinheiro da Fonseca** | QUA. Elio Gaspari | QUI. Conrado H. Mendes | SEX. Reinaldo Azevedo, Angela Alonso, Silvio Almeida | SÁB. Demétrio Magnoli

Aliados de Rodrigo temem rejeição a Doria e ensaiam descolamento

Tucanos têm agendas separadas, mas equipe de vice o diferencia do governador e minimiza risco

Carolina Linhares e Artur Rodrigues

O vice Rodrigo Garcia com o o governador João Doria, ambos do PSDB Zanone Fraissat - 29 nov 2021/Folhapress

SÃO PAULO Aliados de Rodrigo Garcia (PSDB) temem que a rejeição ao presidenciável João Doria (PSDB) contamine a campanha do vice-governador ao Palácio dos Bandeirantes e já há quem proponha o descolamento como estratégia de sobrevivência.

A preocupação também é compartilhada por tucanos contrários ao projeto presidencial do governador de São Paulo, que pressionam pela desistência de Doria. Auxiliares do vice-governador ouvidos pela reportagem minimizam o problema.

O vice deve assumir o Palácio dos Bandeirantes no fim de março, quando Doria deixa o cargo para ser candidato ao Planalto. Rodrigo se prepara para concorrer à reeleição em outubro. Políticos próximos a Rodrigo ouvidos pela **Folha** afirmam que o vice terá que se afastar da imagem de Doria para ter alguma chance no pleito.

Desde já, dificilmente Rodrigo e o governador são vistos juntos em eventos externos, que têm funcionado como pré-campanha de ambos.

Ainda desconhecido da população, Rodrigo marcou 6% em pesquisa Datafolha de dezembro e tende a ficar espremido na polarização entre Fernando Haddad (PT), candidato de Lula (PT), e Tarcísio de Freitas, candidato de Jair Bolsonaro (PL).

Na ala do PSDB que prega a desistência de Doria do pleito, a avaliação é a de que a candidatura do governador resultará em diminuição da bancada tucana e em derrotas nos estados —pela primeira vez, a hegemonia do partido em São Paulo estaria em risco.

No levantamento Datafolha de dezembro, Doria alcança 4% das intenções de votos, enquanto outros nomes da chamada terceira via têm melhor desempenho —Ciro Gomes (PDT) tem 7% e Sergio Moro (Podemos), 9%.

Já no quesito rejeição, Doria chega a 34%, empatado com Lula, presidenciável que lidera a corrida eleitoral.

Auxiliares de Rodrigo afirmam que Doria não é um problema e que o vice deixará claro que o tucano é seu candidato a presidente. Eles ainda rechaçam rumores de que Doria poderia não deixar o cargo como previsto e até concorrer à reeleição, já que seu caminho rumo ao Planalto enfrenta uma série de obstáculos.

Doria até agora tem o apoio do Cidadania, e o PSDB mantém conversas com União Brasil e MDB, mas dirigentes das siglas afirmam que a tendência atual do bloco é dar preferência à candidatura de Simone Tebet (MDB) e não ao governador paulista.

Já Rodrigo construiu um arco maior de alianças, o que evidencia as dificuldades de Doria. O vice conta com Cidadania, União Brasil e MDB, sendo que Republicanos e PP ainda podem apoiá-lo. Membros dessas siglas aliadas dizem reservadamente que Doria se tornou um peso na campanha do vice.

Nas palavras desses políticos, a luz no fim do túnel seria que Doria deixasse o governo em março, como está programado, mas não concorresse ao Planalto. Assim, Rodrigo teria a cadeira de governador e não precisaria fazer campanha para Doria —seu vínculo com o tucano ficaria no passado.

Em entrevista ao Painel, o deputado federal Alexandre Leite (UB-SP), filho do vereador Milton Leite (UB), afirmou que irá sugerir a Rodrigo que descole sua imagem da de Doria caso o governador não melhore seu desempenho eleitoral.

Leite descreveu Rodrigo como "um João Doria melhorado", sem os "problemas de personalidade" do governador.

Rodrigo tem na família Leite seu principal apoio em São Paulo e mantém proximidade com parlamentares da União Brasil (fusão de DEM e PSL) —o partido reivindica a cadeira de vice na chapa do tucano.

Também membro do União Brasil, o deputado federal Junior Bozella afirmou que o assunto ainda não foi tratado no partido. Mas, para ele, não é positivo colocar divisões entre Doria e Rodrigo no momento.

"Doria e Rodrigo se completam, é um bom governo. Um dos maiores dos últimos tempos em São Paulo, com entregas substanciais", disse, citando a rejeição de Doria como momentânea.

No entanto, segundo o deputado, se Rodrigo e Doria chegarem à conclusão de que é oportuno um descolamento para suavizar a imagem do vice-governador, é possível fazê-lo sem rompimentos.

Ele mencionou, por exemplo, a campanha de Bruno Covas (PSDB), morto vítima de um câncer, à Prefeitura de São Paulo, na qual o então prefeito se manteve afastado do governador.

Tucanos ligados a Doria ouvidos pela **Folha** minimizaram a investida da família Leite. Para eles, trata-se de um recado de Milton Leite para ganhar mais espaço no governo de Rodrigo, após Doria se afastar para concorrer à Presidência.

O vice-governador, que iniciou sua carreira na administração pública aos 21 anos, teve o DEM (antes PFL) como único partido até ingressar no PSDB em maio de 2021 a convite de Doria, o que contrariou membros daquela sigla.

A migração para o PSDB foi vista como fruto da pressão de Doria, que queria evitar a candidatura do ex-governador Geraldo Alckmin pelo partido.

Presidente do DEM à época, ACM Neto afirmou que a filiação foi uma imposição do governador, "cuja inabilidade política tem lhe rendido altíssima rejeição e afastado aliados".

Políticos próximos a Rodrigo, por outro lado, minimizam o potencial estrago de Doria. Uma avaliação é a que o vice não deveria, neste momento, buscar distanciamento do governador, já que a candidatura de Doria ao Planalto pode nem se concretizar.

O movimento de ruptura poderia soar como traição e seria preciso esperar para avaliar se Doria será candidato e o quanto sua campanha funciona como âncora. Membros da campanha do governador ainda apostam que ele irá decolar no meio do ano.

De qualquer forma, Doria e Rodrigo têm se dedicado a agendas diferentes no estado. Integrantes do governo afirmam que essa é uma forma de potencializar a campanha do PSDB, fazendo entregas simultâneas em pontos distintos.

> “ É difícil alguém ouvir o Rodrigo falar e ficar com ranço. O Doria sempre solta alguma coisa que deixa o povo com ranço. Na hora de falar com o povo, muitas vezes ele é antipático. O Rodrigo não tem essa antipatia
>
> **Deputado Alexandre Leite**
> em entrevista ao Painel, em fevereiro, sobre a campanha

Foi o caso, por exemplo, do último dia 24. Enquanto Doria foi ao evento de início da construção de um corredor de ônibus no ABC, Garcia entregava obras em São Paulo, ao lado do prefeito Ricardo Nunes (MDB) e de Milton Leite —esses dois últimos mais tarde se encontrariam com o arquirrival de Doria, Bolsonaro.

No dia seguinte, mais uma vez, ambos tiveram compromissos separados. Analisando as agendas de Doria e Garcia, a reportagem constatou que os encontros entre os dois frequentemente ocorrem a portas fechadas, no palácio.

O vice-governador também tem tido intensa agenda no interior, onde tem buscado conquistar o voto do agro.

Interlocutores de Rodrigo apontam ainda que ele, sentado na cadeira de governador e com a máquina a seu favor, será menos dependente de Doria do que Haddad e Tarcísio dos seus respectivos padrinhos.

Isso porque o vice pode basear sua propaganda em sua biografia e nas entregas da administração, enquanto os demais contam com a polarização para se promoverem.

Esse é o caminho que estrategistas de Rodrigo pretendem adotar —o de ressaltar sua experiência política como secretário em diversas gestões tucanas no estado. O recado é o de que Rodrigo não surgiu a partir de Doria.

Interlocutores de Rodrigo acreditam que ele é visto pela população como uma pessoa diferente de Doria e, portanto, poderá se apropriar dos feitos da administração —que é bem avaliada por 24% segundo o Datafolha. O vice coordena as principais obras e programas do estado.

Além disso, sua campanha planeja condenar a polarização entre Lula e Bolsonaro e entre Haddad e Tarcísio, pregando que São Paulo não é um estado de extremos. Covas conseguiu vencer a eleição paulistana, em 2020, seguindo esta mesma fórmula.

Para aliados de Rodrigo ouvidos pela **Folha**, sua campanha deve destacar sua habilidade na articulação política, seu conhecimento técnico, sua experiência na gestão e sua ligação com o interior —características que a classe política não vê em Doria.

"Doria e ele fizeram um bom trabalho, então Doria não será um problema. Nada vai influenciar quem conhece o Rodrigo. A população vai captar a mensagem", afirma o deputado federal Eli Corrêa Filho (UB-SP), aliado de longa data do vice-governador.

Pasta de Damares articula frentes pró-bolsonarismo

Secretaria Nacional da Família incentiva criação de grupos nos Legislativos

William Castanho

BRASÍLIA Na defesa da família tradicional feita por Jair Bolsonaro (PL), o ministério de Damares Alves incentiva a criação de frentes parlamentares e secretarias pelo país para cuidar de pautas caras ao presidente.

Família é tema recorrente em falas de Bolsonaro. O Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos materializa os planos do chefe com articulação política e divulgação de programas federais.

Para especialistas em família, a atuação em Legislativos e Executivos locais tem viés ideológico. Além disso, foca em dividendos eleitorais ao animar segmentos religiosos e alcançar novos públicos.

"Com a [sugestão de criação da] Secretaria da Família, nós sempre sugerimos — tenho horror de imposição, então é diálogo, sugestão— uma frente parlamentar em defesa da vida. Em defesa da vida não, porque a minha pauta principal é a família, mas muitas vezes eles [parlamentares] unem com a vida, mas a minha sugestão é da família", diz Angela Gandra Martins, secretária nacional da Família.

Hoje, são aos menos 19 grupos parlamentares que tratam da defesa da vida —antiaborto, principalmente— e da família, segundo a pasta. A concentração das instalações em 2020 e 2021 mostra a força dessa onda conservadora.

As frentes estão em ao menos cinco estados, como Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro, e 14 municípios, entre eles capitais como São Paulo, Recife e Campo Grande, além de haver um grupo de parlamentares latino-americanos.

Nos Executivos, as iniciativas podem ser mais singelas. "Pedimos uma mudança nominal: família e desenvolvimento social, família e assistência social, família e educação", diz. "E nós ficamos como um coaching."

Para a secretária nacional, as famílias precisam ter uma porta na qual possam bater. A pasta de Damares acompanha 25 pastas, em 2 unidades da Federação e 23 municípios. O órgão quer mais.

Nas redes sociais, Martins comemora encontros com políticos locais cada vez que uma frente ou uma nova pasta é discutida. As postagens seguem da hashtag "amorpelafamília".

Fez isso, por exemplo, com o governador do Rio de Janeiro, Cláudio Castro (PL), aliado de Bolsonaro. Ela celebrou também promessas de secretarias em Ingá (PB), Boa Esperança (MG) e Rio Claro (SP).

Damares deve ser candidata nas eleições deste ano. No mês passado, disse que poderia disputar algum cargo em seis estados, mas admitiu sua preferência pelo Amapá, onde pode se lançar ao Senado.

Com frentes e secretarias, a pasta de Damares ganha capilaridade ao usar a máquina pública das prefeituras, além de firmar parcerias com ministérios de orçamentos robustos, como Cidadania, Educação e Saúde.

O órgão coordena hoje programas como Famílias Fortes (de prevenção do uso de drogas dos 10 aos 14 anos), Reconecte (para disciplinar o uso de novas tecnologias) e Acolha a Vida (de prevenção de suicídio e automutilação).

A ideia é sedimentar a família como uma política pública de Estado, com liberdade e autonomia, sem patrulhamento, diz Martins. Questionada sobre qual o conceito de família do governo para a elaboração de políticas públicas, ela afirma que prefere pensar em vínculos familiares.

Declarações de Bolsonaro ajudam a delinear esse conceito. "Vamos unir o povo, valorizar a família, respeitar as religiões e nossa tradição judaico-cristã, combater a ideologia de gênero, conservando nossos valores", disse Bolsonaro no primeiro dia de governo, na Câmara.

Uma cartilha sobre políticas públicas familiares, da Secretaria Nacional da Família, diz que "o casamento produz efeitos positivos sobre o bem-estar econômico e a saúde tanto de adultos quanto das crianças", além de afirmar que a criação de um filho em família formada por um casal reduz a probabilidade de a criança viver na pobreza.

Para a advogada e vice-presidente do IBDFam (Instituto Brasileiro de Direito de Família), Maria Berenice Dias, a valorização do casamento em detrimento de outras formas de famílias, como uma mãe solo, é resultado de preconceito.

"A Secretaria da Família é algo que não se justifica mais, é uma tentativa de retrocesso a um modelo convencional, o modelo da sagrada família. E a sagrada família também não era essa bola toda, vamos combinar. Maria casou grávida, José não era o pai, ele fez uma adoção a brasileira de Jesus, Jesus tinha uma multiparentalidade, porque era filho de José e de Deus. Essa família não serve de modelo para nada, brincadeira afora", afirma.

A retórica de defesa da família e da vida já foi usada em campanha eleitoral, abertura de assembleia da ONU e ao lado do premiê da Hungria, Viktor Orbán, que persegue LGBTQIA+, quando citou lema de inspiração fascista —"Deus, pátria, família e liberdade".

Dias critica possíveis impactos eleitorais das frentes. "Bolsonaro fez essa pauta de costumes, que é uma palavra horrível, como uma maneira de captar votos. Os parlamentares só apoiam para garantir reeleição. Só isso", diz.

Antropóloga, pesquisadora do CEM-USP (Centro de Estudos da Metrópole) e professora do programa de pós-graduação em Educação da USP, Jacqueline Moraes Teixeira diz que o ministério, mesmo com baixo orçamento, busca contato direto, sobretudo em cidades pequenas, com a presença de Damares e Martins.

"É possível pensar na relação com pequenos municípios como ampliação do apoio do governo Bolsonaro em regiões em que ele recebeu poucos votos, que estão distantes do interesse direto de Bolsonaro, não são regiões em que ele foi, mas que o ministério prioriza para estabelecer uma relação."

Teixeira, que pesquisa as ações da pasta de Damares, diz que se deve reconhecer que a direita fez da família uma aposta nos direitos humanos. De acordo com ela, é mais palatável discuti-los a partir da perspectiva da família do que dos direitos civis, por exemplo. Essa estratégia aproxima da agenda conservadora eleitores que não estão vinculados a ela.

"Essa aposta garantiu um trânsito importante de ideias para Bolsonaro desde a campanha de 2018, e isso de alguma maneira atrelado à dinâmica das moralidades, de uma perseguição à ideia de ideologia de gênero", afirma.

Aliados da secretária nacional seguem essa linha. "Para mim, [o conceito de família] é o tradicional, não que eu tenha preconceito", diz a vereadora Nayara Barcelos (PRTB), de Rio Verde (GO).

Coordenadora da frente parlamentar em defesa da vida e da família que contou com a presença de Martins na instalação em 2021, ela se afirma cristã e articula pautas contra pedofilia, gravidez precoce e evasão escolar. Barcelos estimula parcerias com o governo para implementar Famílias Fortes, Reconecte e Acolha a Vida. Com recursos federais escassos, a cidade arca com os custos das ações.

Nem só prefeituras estão na mira. Criada em 2020, a Secretaria Extraordinária da Família do Distrito Federal também busca convênios com a pasta de Damares. A ideia é aderir ao Famílias Fortes.

"É aquela visão: uma família saudável, uma sociedade saudável", diz o secretário Martins Machado, deputado distrital licenciado pelo Republicanos e pastor da Igreja Universal.

A ideologia, além de programas federais, também entra no radar. Coordenador da frente da Assembleia do Rio Grande do Sul, o deputado estadual Eric Lins (União Brasil) diz que o grupo foi criado em 2019 para reagir a investidas judiciais e de organizações não governamentais contra prerrogativas da família. Martins também esteve na instalação.

"A gente quer manter a família coesa, segura", afirma Lins, que é evangélico e pré-candidato a deputado federal —segundo ele, a pedido do ministro Onyx Lorenzoni. "Iremos migrar para o PL", diz sobre a ida para a sigla de Bolsonaro.

Secretaria Nacional da Família expande atuação no governo federal

Órgão fecha parcerias para levar projetos a prefeituras e recebe emendas parlamentares

Orçamento

Partidos campeões de emendas parlamentares para a pasta

Ações da pasta

Cursos ■ Matrículas ■ Certificados

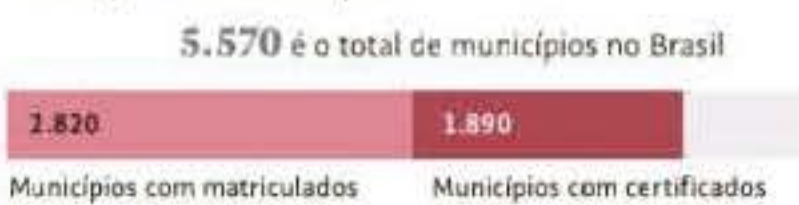
Curso	Descrição	Matrículas	Certificados
Acolha a Vida	Curso de capacitação de agentes locais de todo o país, com duração de 10 horas, para prevenir suicídio e automutilação de crianças e adolescentes	1.539	993
Família na Escola	Incentiva aproximação de família e escolas para estimular desenvolvimento e aprimoramento de habilidade e práticas educativas parentais	2.737	1.306
Reconecte	Busca fortalecer relações familiares e promover uso adequado de novas tecnologias. Oficinas para pais e filhos, de 9 a 14 anos, com duração total de 4 horas	4.675	2.455
Famílias Fortes	Uma das principais ações da pasta, metodologia desenvolvida pela Oxford Brookes University com 7 encontros com a participação de pais e filhos, de 10 a 14 anos, para reduzir riscos e prevenir uso de drogas, além de estabelecer limites e estimular expressão de afeto	12.177	4.929

Famílias atendidas em 2021: 1.053 — Famílias a serem atendidas em 2022: 25.824

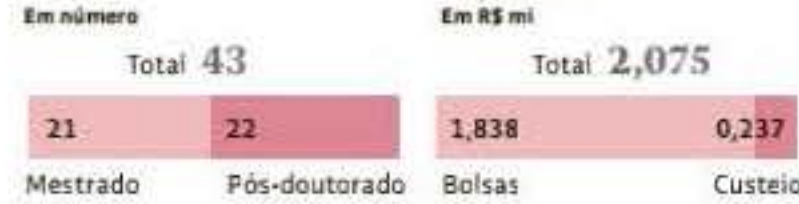
Escola Nacional da Família
Plataforma virtual que visa proporcionar a formação de pais, responsáveis e profissionais interessados na temática de família e educação parental

Presença dos cursos no país

5.570 é o total de municípios no Brasil

2.820 Municípios com matriculados — 1.890 Municípios com certificados

Município Amigo da Família
Incentiva a implementação de políticas públicas familiares e concede Prêmio Boas Práticas em Políticas Familiares Municipais

Equilíbrio Trabalho-Família
Ações com o Ministério da Economia para promoção e educação em equilíbrio trabalho-família entre os servidores da administração pública direta, autárquica e fundacional federal; oferece o Selo Empresa Amiga da Família; promove o Prêmio Melhores Práticas em Equilíbrio Trabalho-Família

Observatório Nacional da Família
Parceria com a Capes de apoio a pesquisas relacionadas à família e políticas públicas

Estratégia Nacional de Fortalecimento de Vínculos Familiares
Comitê formado por MMFDH, Casa Civil e Ministérios da Educação, Saúde e Cidadania. O Plano de Ações da Estratégia foi publicado em 30 de dezembro de 2021. Congrega 40 ações do governo federal com impacto sobre os vínculos familiares

Fontes: Secretaria Nacional da Família e Painel do Orçamento Federal

As frentes parlamentares

Assembleias

América Latina
Frente Parlamentar Latino-Americana em Defesa da Vida e da Família

Câmaras Municipais

■ Em Defesa da Família
■ Da Família e de Proteção à Vida
■ Em Defesa da Vida e da Família
Em Defesa da Vida, da Família e do Direito Natural
■ Em Defesa da Família, da Vida e de Política de Drogas
■ Cristã de Defesa da Vida e da Família

Secretarias da família

Angela Gandra Martins, secretária da Família do Ministério da Mulher, Família e dos Direitos Humanos Pedro Ladeira/Folhapress

Planalto e agro determinam acenos à Rússia em manifestações sobre guerra

Brasil tem ressaltado fertilizantes e preocupações de segurança do governo Putin na ONU

Ricardo Della Coletta e Marianna Holanda

BRASÍLIA Declarações simpáticas a Vladimir Putin por parte do presidente Jair Bolsonaro (PL) e pressões do agronegócio têm sido determinantes para que o Itamaraty inclua em suas manifestações oficiais nas Nações Unidas sobre o conflito na Ucrânia acenos à Rússia, disseram à **Folha** interlocutores no governo.

Nos últimos dias, o governo endossou resoluções na ONU que condenam a invasão do território ucraniano por forças russas. Mas o Ministério das Relações Exteriores tem colocado em declarações sinalizações que contemplam argumentos defendidos pela gestão de Putin, num movimento que preocupa diplomatas americanos e aliados.

Interlocutores dizem que as posições do Itamaraty têm sido definidas no mais alto nível e passado pelo crivo do Planalto. Em alguns casos, o ministro da Defesa, Braga Netto, também é chamado a opinar.

O receio de governos contrários a Putin é o de que as referências pró-Moscou sejam um prenúncio de uma mudança nos votos do Brasil, hoje membro do Conselho de Segurança da ONU. As pessoas ouvidas, porém, disseram que até o momento não está no radar uma alteração de rota.

Negociadores estrangeiros, ao mencionarem essa preocupação a autoridades brasileiras, recebem como resposta que o país é contra a violação das fronteiras ucranianas —mas que isso não o obriga a endossar integralmente a linha de ação das potências ocidentais e que a postura do Itamaraty tem sido coerente.

Os membros do CS negociam uma resolução sobre direito humanitário na guerra, e a chancelaria brasileira trabalha para emplacar uma linguagem que não seja condenatória ao Kremlin e que inste as partes a garantir a proteção de civis. Após uma fala há 10 dias com termos severos contra Moscou, as manifestações brasileiras na ONU têm evitado expressões consideradas excessivamente agressivas contra os russos e Putin.

Em 25 de fevereiro, um dia depois do início da guerra, o embaixador do Brasil Ronaldo Costa Filho disse que "um limite foi ultrapassado". "As preocupações de segurança manifestadas nos últimos anos pela Federação da Rússia, particularmente no que diz respeito ao equilíbrio estratégico na Europa, não conferem ao país o direito de ameaçar a integridade territorial e a soberania de outro Estado", disse na ocasião, num tom duro que não se repetiria no futuro.

Naquela sessão, o Brasil apoiou uma resolução que criticou fortemente a agressão militar promovida pelo Kremlin. O texto foi barrado pela missão russa na ONU, já que o país, detentor de cadeira permanente no conselho, tem poder de veto. Poucos dias depois, a delegação do Brasil votou a favor de um projeto que convocou um debate de emergência sobre a guerra na Assembleia-Geral da ONU —em mais um gesto que contrariou interesses dos russos.

Mas, em sua fala, Costa Filho criticou os pilares da estratégia do Ocidente para responder ao ataque (o fornecimento de armas à Ucrânia e as sanções econômicas) dizendo que isso "implica o risco de agravar e prolongar o conflito".

Assim, o embaixador brasileiro contemplou temas que passaram a ser uma constante nas posições adotadas pelo governo brasileiro, que tem a ministra Tereza Cristina à frente da pasta da Agricultura: o medo de que as sanções tomadas contra Moscou prejudiquem o fornecimento ao Brasil de fertilizantes, item essencial para o agronegócio.

Em 2021, a Rússia, principal exportador do produto ao país, respondeu por 22% do total desses insumos comprados pelo mercado brasileiro.

Na sexta (4), o governo russo recomendou aos produtores de fertilizantes que suspendam suas exportações. O movimento joga ainda mais pressão sobre Bolsonaro, que viajou a Moscou em meados de fevereiro para, segundo ele, garantir o fluxo de importações de fertilizantes ao Brasil.

Além da influência do agronegócio, tem tido peso para a inclusão da linguagem menos hostil ao Kremlin as defesas de Bolsonaro ao líder russo. No dia 27, Bolsonaro discordou do uso do termo "massacre", por uma jornalista em entrevista, para definir a ação russa e ironizou o fato de Volodimir Zelenski ter trabalhado como comediante antes de virar presidente da Ucrânia.

"Você está exagerando a palavra 'massacre'. Não há interesse por parte de um chefe de Estado praticar um massacre onde quer que seja", disse na ocasião. Na quinta (3), em outro afago ao russo, afirmou que Putin defendeu no passado a soberania brasileira sobre a Amazônia. "Nós temos parceiros hoje em dia que nos ajudam nessas questões."

No discurso de 28 de fevereiro na Assembleia-Geral da ONU, no qual voltou a criticar a aplicação de sanções, o embaixador Costa Filho fez um dos mais claros acenos a Moscou em seus pronunciamentos —embora a missão brasileira tenha mais uma vez votado pela resolução condenatória à ação militar russa.

"O enfraquecimento dos Acordos de Minsk por todas as partes e o descrédito das preocupações com a segurança vocalizadas pela Rússia prepararam o terreno para a crise que estamos vendo", disse.

Objeções aos textos que têm sido votados no sistema ONU não se limitaram ao Conselho de Segurança e à Assembleia-Geral. Na sexta (4), o Conselho de Direitos Humanos aprovou a proposta de criação de uma comissão internacional de inquérito sobre violações ao direito humanitário na invasão.

Embora tenha sido favorável à abertura da investigação, o chefe da delegação do Brasil em Genebra, Tovar da Silva Nunes, justificou o voto com ressalvas a diferentes trechos do documento analisado.

Disse que grande parte da linguagem usada na redação foi inspirada em iniciativas recentes no CS e que conceitos relacionados aos direitos humanos e dos refugiados ficaram "imprecisos". "No contexto do Conselho de Direitos Humanos, essa linguagem constitui precedente injustificável que só faz exacerbar a politização de nossas deliberações."

A Rússia detém...

10%
do mercado global de fertilizantes nitrogenados (2º maior produtor)

19%
do mercado de potássio (2º maior produtor)

7%
do mercado de fertilizantes fosfatados (4º maior produtor)

O Brasil importou...
9,3 milhões
de toneladas em 2021

Fontes: Rabobank e Secex

Soldado ucraniano em checkpoint próximo a ponte que liga a cidade de Stoianka à capital Kiev Aris Messinis/AFP

Retirada de civis volta a parar; OMS acusa ataques a hospitais

SÃO PAULO Novos ataques neste domingo (6) interromperam pelo segundo dia seguido a retirada de civis de Mariupol. O Batalhão de Azov, da Guarda Nacional ucraniana, divulgou no Telegram e no Twitter, segundo o jornal Pravda da Ucrânia, que novos bombardeios foram realizados na cidade pelos russos.

Os separatistas, por outro lado, acusaram as forças de Kiev de não respeitarem o cessar-fogo acertado, de acordo com a agência Interfax. Da mesma forma, o presidente russo, Vladimir Putin, voltou a responsabilizar a Ucrânia.

A Cruz Vermelha confirmou a suspensão. A retomada foi anunciada mais cedo pela Câmara Municipal de Mariupol, com previsão de início ao meio-dia da hora local (7h em Brasília), após um desrespeito ao cessar-fogo impedir a retirada no dia anterior.

Além de Mariupol, a operação foi interrompida neste sábado em Volnovakha, onde estava prevista ação similar e que também está cercada pelas tropas de Putin. Ainda não foram anunciados, no entanto, planos para uma nova retirada, apesar da promessa do líder separatista, Eduard Basurin, de que a ação seria retomada, segundo a agência Tass.

Rússia e Ucrânia trocaram acusações sobre os ataques. O Legislativo de Mariupol acusou tropas russas de não respeitarem o prometido. A funcionárias da Aeroflot no sábado, Putin negou que forças do país tenham rompido o acordo e culpou "bandidos e neonazistas ucranianos".

No resto do país a Rússia continua com sua ofensiva. A OMS (Organização Mundial da Saúde) relatou que centros médicos foram atingidos, com muitas mortes e pessoas feridas —a Rússia nega agir contra infraestruturas civis.

"Ataques contra estabelecimentos de saúde ou trabalhadores são violações da lei humanitária internacional", escreveu o diretor da organização, Tedros Ghebreyesus.

A mídia local reportou que neste domingo tropas de Moscou atiraram em civis numa ponte na saída de Irpin. Também houve ataques no centro de Kharkiv. **Patrícia Pamplona**

Décimo primeiro dia de incursões da Rússia sobre a Ucrânia

Fontes: BBC, Graphic News, The New York Times, Google Earth, Instituto para o Estudo da Guerra e The Guardian

Nas ruínas de Moscou

Superpotências antecipam as consequências da guerra

Mathias Alencastro

Pesquisador do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento, ensina relações internacionais na UFABC

A guerra foi o choque que concretizou a transformação da União Europeia em unidade geopolítica. Ela recebeu o presidente Volodimir Zelenski no Parlamento, coordenou o armamento da sua resistência e ensaiou sua desvinculação do capitalismo russo.

Até o tabu da dependência dos hidrocarbonetos está ameaçado. Em nome do esforço militar, não estamos longe de ver ecologistas europeus votando a reabertura de minas de carvão.

Os políticos que alimentavam a ambiguidade sobre o regime Putin foram extintos eleitoralmente. A candidatura do pró-europeu Emmanuel Macron a um segundo mandato presidencial foi um não acontecimento. É a reeleição pela guerra.

Nos Estados Unidos predomina a lógica isolacionista instituída por Donald Trump. No seu discurso sobre o Estado da União, Joseph Biden usou a Ucrânia como pretexto para retomar sua agenda de reformas econômicas. Informes sobre o investimento em infraestrutura e a regulação do preço da insulina ocuparam mais espaço do que as digressões sobre liberdade e democracia.

O Estado americano fornece recursos militares e pressiona os aliados russos, começando por Irã e Venezuela. Mas a alma da guerra continua na Europa.

Face à ampliação do bloco ocidental, Putin abriu o segundo front: a própria Rússia. Ele impôs penas de 15 anos de prisão a quem criticar o conflito e encerrou toda a imprensa independente. Circulam rumores sobre a introdução da lei marcial e do recrutamento militar obrigatório. Assolada pelas sanções, a população russa também tem de enfrentar o regresso do totalitarismo.

O Putin sombrio e realista romantizado por Oliver Stone, que chegou ao poder por meio de uma aliança entre o aparelho de segurança e o capitalismo extrativista, já pertence aos livros de história. Os seus discursos são todos enxaguados no fanatismo nacionalista e religioso.

Kiev será a primeira grande batalha da guerra da Ucrânia. Aos olhos dos europeus, a capital é a última linha de defesa da UE. Se ela cair, todo o continente ficará ameaçado pela ditadura militar-milenarista.

Na visão de Putin, Kiev "é a mãe de todas as cidades russas". A defesa do destino histórico do imperialismo russo justifica todos os meios: o massacre de civis, o terrorismo nuclear e a ameaça da bomba.

Representadas pelo seu porta-voz Zelenski, as facções mais radicais do bloco ocidental defendem o envolvimento imediato da Otan com a criação de uma zona de exclusão aérea, um suave eufemismo para guerra atômica.

Mas a escalada infernal deve ser evitada, e a primeira batalha não será a última. O lado derrotado será instado a se sentar à mesa de negociação que está sendo montada pelos diplomatas israelenses.

Quanto à China, ela parece jogar em outro espaço-tempo. Seu apoio à Rússia não se estende a Vladimir Putin. Uma potência com ambições globais jamais selaria um pacto de morte com um regime em perdição. Pequim sabe que chegará o momento em que o Kremlin, com ou sem o autocrata, vai precisar organizar sua reinserção geopolítica.

O cenário de uma Rússia economicamente dependente da China é visto como uma ameaça existencial pelos EUA. As ruínas de Moscou serão o palco da competição entre as superpotências deste século.

|SEG. Mathias Alencastro |**QUI. Lúcia Guimarães** |SEX. Tatiana Prazeres |SÁB. Jaime Spitzcovsky

Rússia fracassa na guerra da desinformação

Potência de manipular narrativas, propaganda de Putin perde eficiência diante de ativismo digital e ação preventiva

Patrícia Campos Mello

NOVA YORK A máquina de desinformação russa é uma das baixas da guerra na Ucrânia —ao menos até o momento.

Considerada imbatível, a propaganda da Rússia não vem resistindo ao ativismo digital dos ucranianos e seu midiático presidente, Volodimir Zelenski, e à operação de desmascaramento preventivo empreendida por EUA, União Europeia e voluntários da comunidade de inteligência de dados abertos, que analisam imagens de satélite e informações públicas para detectar mentiras de Moscou.

Por anos, a Rússia conseguiu manipular a opinião pública em diferentes partes. O país de Vladimir Putin deu um baile no Ocidente na anexação da Crimeia, em 2014, nas eleições dos EUA em 2016, no referendo do brexit e nos pleitos de França e Alemanha em 2017.

A doutrina russa maskirovka, que há anos usa camuflagem e mentiras, encontrou na internet o ambiente ideal para a estratégia. Segundo Keir Giles, especialista em Rússia do centro Chatham House, a meta é alterar percepções que os adversários têm do mundo, induzindo-os a tomar decisões que beneficiem os russos.

Para tal, fazendas de trolls —com humanos contratados— e robôs, além de sites pseudonoticiosos e da mídia estatal, como RT, Sputnik e Tass, unem-se para fabricar consensos, corroer a legitimidade do adversário, espalhar o caos e deixar as pessoas sem saberem o que é verdade.

Na anexação da Crimeia, a máquina de desinformação estava em seu apogeu. Ali, os "homenzinhos verdes" permitiram ao Kremlin negar envolvimento no conflito por semanas e culpar os ucranianos.

A Rússia também recorreu à tática para tentar apagar suas digitais na queda do avião da Malaysia Airlines que deixou quase 300 mortos em 2014.

Na invasão em curso, o Kremlin voltou a lançar mão da estratégia, ainda que agora o protagonismo seja da mídia estatal, não tanto de fazendas de trolls. Os russos tentaram plantar três ações de "bandeiras falsas". Para tal, usaram canais anônimos no Telegram para espalhar rumores amplificados na mídia estatal.

Facebook e Twitter removeram contas ligadas aos russos, como o de um site que atacava Kiev por meio de colunistas falsos, com fotos de pessoas geradas no computador.

E, desta vez, o Ocidente se antecipou e fez um "desmascaramento preventivo". O presidente dos EUA, Joe Biden, passou a divulgar informações dos serviços de inteligência, revelando que os russos estavam prestes a invadir e que usariam a "bandeira falsa".

Os russos, por sua vez, diziam que os americanos espalhavam fake news. Chineses faziam troça chamando americanos de histéricos. Aproveitavam-se da desconfiança em relação às falsas descobertas da inteligência dos EUA, que, em 2003, "achou" no Iraque armas de destruição em massa que nunca existiram.

Mortes e trapalhadas estratégicas no front, porém, são mais difíceis de desmascarar. "O Kremlin tentou repetir o que havia feito em 2014, dizendo que havia agressão ucraniana, mas agora há uma quantidade enorme de dados verificáveis", diz à **Folha** Tom Southern, diretor do Centro de Resiliência de Informações, que criou um mapa que mostra, em tempo real, movimentos militares russos e ucranianos, mortes e bombardeios. "Eles não acompanharam a evolução tecnológica."

Para Christopher Paul, que estuda na RAND Corporation a guerra de desinformação russa, os atuais esforços de Moscou parecem menos eficazes. "Em 2014, os 'homenzinhos verdes' e as incertezas sobre os objetivos russos criaram confusão que impediu uma resposta coerente do Ocidente."

E os gigantes de tecnologia se mexeram, após anos de denúncias por ativistas ucranianos de contas falsas. O Twitter passou a colocar marcações de que determinado perfil pertence a uma mídia estatal russa, e Google, YouTube e Facebook proibiram RT e Sputnik de comprar anúncios.

Os russos, obviamente, não detêm o monopólio da desinformação. O heroísmo do #ghostofkyiv, o "fantasma de Kiev", um exímio piloto que teria abatido sozinho dez caças russos, ajudou a aumentar o moral dos ucranianos. As supostas proezas foram compartilhadas na conta do governo no Twitter. Só que alguns vídeos eram simulações por computador, e as fotos, de 2019.

A propaganda da Ucrânia, porém, concentra-se mais na viralização de atos heroicos da população, como vovós fabricando coquetéis molotov, e em vídeos de cidadãos tentando bloquear a passagem de tanques —ainda que o governo tenha divulgado fotos e vídeos de militares russos feridos e mortos, o que muitos especialistas dizem ser uma violação da lei humanitária.

Há, ainda, vídeos e comentários do presidente. O TikTok é a principal plataforma da batalha informacional da guerra e é dominado por ucranianos.

Para P.W. Singer, estrategista do centro New America, essa propaganda está sendo muito eficiente, em parte porque a sociedade ucraniana não entrou em colapso após a invasão. Porém, a guerra de narrativas está longe de terminar.

Um ponto crucial é o público doméstico. Por isso, o Kremlin tratou de sufocar o que havia sobrado de imprensa independente na Rússia, com uma lei que prevê até 15 anos de prisão a quem espalhar "informação falsa" sobre as Forças Armadas russas.

O governo suspendeu emissoras estrangeiras —em possível retaliação às punições a RT e Sputnik—, bloqueou o Facebook no país e restringiu o acesso ao Twitter, além de prender manifestantes.

Enquanto isso, continua a lançar mentiras —programas de TV dizem que são falsas as imagens de baixas russas e de mísseis contra cidades ucranianas. Parte da população, porém, acessa veículos banidos por meio do Telegram ou da ferramenta VPN.

"A comunicação doméstica não tem sido convincente, tanto que as autoridades recorreram rapidamente à censura; o governo insiste em dizer que as ações são limitadas, mas muitos tiveram familiares convocados e sabem que não é verdade. Por outro lado, manifestantes têm sido detidos, e os russos se desengajaram da política há anos", diz à **Folha** Emerson Brooking, pesquisador do Atlantic Council.

Se de fato fracassar na "censura pelo barulho" da desinformação, Putin deve tentar recriar na Rússia a muralha que a China construiu para censurar a internet e a mídia. É, entretanto, cada vez maior o volume de vídeos e fotos de soldados mortos, e a população encara a falta de comida nos mercados e o crescimento de filas nos bancos, resultado de sanções ocidentais.

É difícil emplacar narrativa que ofusque essa realidade.

TikTok suspende publicações; detidos em atos somam 13 mil

O app chinês anunciou neste domingo (6) a suspensão de publicações em vídeo na Rússia devido à lei que prevê até 15 anos de prisão para os que divulgarem o que o governo considerar fake news sobre a guerra. "A segurança de funcionários e usuários continua sendo prioridade", disse em nota. Até aqui, quase 13 mil pessoas foram detidas em protestos na Rússia, segundo a ONG OVD-Info. Só neste domingo foram 4.300.

Ataque mata família que tentava fugir de cidade bombardeada

GUARULHOS Enquanto tentava sair da cidade ucraniana de Irpin, nos arredores de Kiev, uma família foi morta neste domingo (6) em meio a um ataque de morteiros organizado por tropas russas, que buscam assumir o controle da região, importante artéria até a capital.

A fotógrafa Lynsey Addario registrou o momento em que soldados ucranianos tentavam socorrer o pai, o único que ainda estava vivo quando o registro foi feito. A mãe, o filho adolescente e a filha, que aparentava ter em torno de 8 anos, já estavam mortos. A fotografia foi publicada no jornal The New York Times.

A bagagem deles, que incluía uma mala de rodinhas azul e algumas mochilas, estava espalhada pelo chão, perto da calçada, junto com uma caixa verde, dentro da qual estava um cachorro latindo.

Irpin, cidade de pouco mais de 60 mil habitantes, está sob bombardeio constante. A região fica a apenas 25 km de Kiev. Os soldados ucranianos no local, com auxílio da população, chegaram a explodir parte de uma ponte que permite acesso ao município, na tentativa de impedir que as tropas russas assumissem o controle, relatou à **Folha** o jornalista israelense Itai Anghel, que acompanha a situação in loco.

Um vídeo divulgado nas redes sociais e checado pelo New York Times mostra o momento em que, com civis caminhando nas ruas com suas bagagens, os morteiros atingem o local. Soldados, então, correm para socorrer a família, que estava em uma esquina.

O Ministério do Interior da Ucrânia disse que continuará a tentativa de retirada de civis de Irpin após o recente bombardeio, ainda que não haja rota de saída segura. Já o Serviço de Emergência do Estado informou que está montando barracas para prestar atendimento médico a todos que precisarem.

O prefeito de Irpin, Oleksandr Markushin, informou que ao menos oito pessoas foram mortas durante as tentativas de retirar a população local. Em um vídeo, disse que a cidade está sob controle russo, "mas não se rendeu". "Irpin está lutando."

Soldados ucranianos tentam socorrer o pai de família atingida por morteiros, em Irpin, perto de Kiev Lynsey Addario/The New York Times

Derrubada de estrela da Força Aérea de Putin indica nova fase da guerra

Caça Su-34 foi abatido pela 1ª vez; relatos não confirmados citam quedas de outras aeronaves

Igor Gielow

SÃO PAULO Uma estrela do arsenal aeroespacial russo sofreu sua primeira baixa no fim de semana na Ucrânia: ao menos um avião de ataque e caça-bombardeiro tático Sukhoi Su-34 foi abatido a norte de Kiev.

Não é uma perda casual, e também indica que a guerra aérea na Ucrânia está entrando em nova fase — isso não deverá trazer boas notícias para quem está no solo nem para as forças de Vladimir Putin.

O avião protagonizou um vídeo muito circulado no sábado (5), que o mostrava caindo sobre uma área residencial de Tchernihiv sob aplausos.

As fotos dos destroços permitiram identificar a aeronave com precisão. Trata-se do Su-34 número 24 Vermelho, entregue à Força Aérea em 2018, sendo baseado em Tcheliabinsk (Sibéria). Na sexta, houve o relato da derrubada de outro modelo do tipo em Volkhonava, mas ainda não foram apresentadas provas.

Segundo a imprensa ucraniana, o avião foi derrubado por um míssil disparado pelo lançador portátil de origem soviética Igla-S, que é usado no Brasil, o que significa que a aeronave estava voando a menos de 5 km de altitude.

O Su-34 é um potente bimotor de longo alcance, equipado para ataques de precisão a alta altitude. Se voava baixo e, pelas imagens carregava bombas de queda livre FAB-500, supunha ser possível fazer um ataque próximo ao solo.

A Rússia vem degradando as defesas aéreas ucranianas. Mas lançadores portáteis e sistemas móveis soviéticos são quase impossíveis de erradicar.

Aí entram duas considerações. Primeiro, que os russos podem ter abusado da soberba na ação. E, mais importante, estão dispostos a expor as joias de sua coroa nessa nova fase. Até aqui, o grosso dos ataques aéreos de Putin foi conduzido com mísseis de cruzeiro Kalibr, balísticos Iskander, e antirradar Kripton.

Ao empregar a aviação tática, os riscos de perdas sobem no ar e na terra. Sendo alvos de bombas "burras" como a FAB-500, civis vão enfrentar áreas maiores de destruição, o que condiz com a ideia de que Putin agora quer pressionar Kiev a se render por meio de campanha mais intensa.

O próprio Ministério da Defesa da Rússia fez questão de marcar a inflexão com um vídeo no YouTube neste domingo (6), mostrando um Su-34 e um caça-bombardeiro Su-25 levantando voo com bombas.

Há um preço de prestígio a pagar. Além do Su-34, há relatos não confirmados que no sábado mais sete aeronaves foram abatidas, incluindo caças multimissão Su-30SM e helicópteros de ataque Mi-24/35M.

Um dos últimos protagonizou outro vídeo que viralizou. Ali, a curiosidade é sobre qual lançador de míssil portátil foi usado, se o Stinger americano ou se um Starstreak britânico — o rastro de fumaça sugere o segundo, que até agora não se sabia estar em mãos de Kiev.

Analistas militares vinham mostrando surpresa pela falta de ação da Força Aérea russa e com o fato de que os ucranianos ainda operam, aparentemente, aviões e defesas de forma algo limitada. Agora será a hora de aferir se o fiasco da aviação russa na guerra de 2008 da Geórgia, que levou à reorganização e à modernização das Forças Armadas de Putin, deu certo na prática.

Mas a situação está ficando pesada para os ucranianos, que tinham 37 MiG-29 e 34 Su-27 antes da guerra. Volodimir Zelenski fracassou em conseguir que a Otan estabelecesse uma zona de exclusão aérea, o que arriscaria a Terceira Guerra Mundial, e quer que Polônia e Eslováquia lhe cedam MiG-29 que operam.

O problema é trazer o avião por solo. Neste domingo, os EUA discutiram o assunto com governos aliados da Otan.

No caso do Su-34, o piloto ejetou e sobreviveu, mas seu navegador ficou preso no cockpit e morreu. O aviador foi capturado, e a imagem começou a circular: é um certo major Krasnorutchev, que em 2016 posou ao lado de Putin e o ditador Bashar al-Assad em uma base russa na Síria.

Com outros pilotos e aviões russos ao fundo, celebrava-se a intervenção militar promovida por Putin em 2015 para salvar o aliado na brutal guerra civil iniciada em 2011. Moscou teve lá a oportunidade de experimentar suas aeronaves e táticas em combate, e o Su-34 ganhou fama de implacável.

Seu desempenho foi tão elogiado que a produção, tímida desde sua entrada em serviço em 2014, foi acelerada. Até a guerra havia 122 unidades distribuídas por três regimentos.

O Su-34 é um redesenho do clássico Su-27, cujo primeiro protótipo voou em 1990, no ocaso soviético. Tem cabine maior, com fundo mais achatado e toda blindada. Os dois pilotos vão lado a lado, enquanto em versões bipostas de variantes modernas como o Su-30 ficam um atrás do outro.

Seguindo uma tendência de forças modernas, ele deverá substituir outros modelos mais antigos, como o venerado avião de ataque a solo Su-25 e o Su-24, ambos em ação na Ucrânia, dos dois lados do conflito.

Moradores de Odessa se preparam para o provável ataque de tropas russas; muitas ruas da cidade no sul da Ucrânia têm barricadas André Liohn

Só fechar espaço aéreo pode salvar Odessa, diz prefeito

André Liohn

ODESSA (UCRÂNIA) "Cada pessoa reunida neste salão conversou com dez conhecidos na Rússia. Ligamos e dissemos a eles o que o Exército russo está fazendo com a Ucrânia", conta Vadim Tereschuk, vereador da cidade portuária de Odessa, no sul da Ucrânia.

"Uma das respostas que recebi de um antigo colega foi que nós, ucranianos, 'fomos uma merda nos sapatos da Rússia'. E foi uma pessoa bem educada que me disse isso!"

Tereschuk continua: "Os russos dizem: 'Temos que defender nosso país'. Eu respondo que a Rússia de Vladimir Putin não é deles, que eles são escravos do regime de Putin. A algema que o escravo usa não é dele, mas é de quem o domina. Vladimir Putin é um ditador que está mandando seus escravos para o inferno".

Na tarde de sábado (5), o conselho municipal de Odessa, sob a liderança do prefeito Gennadi Trukhanov, convocou uma reunião. Os políticos tiveram que se encontrar em um escritório onde antes funcionava um banco, agora abandonado. O edifício da prefeitura era perigoso demais para ser usado por eles.

A poucos quilômetros de distância dali, no mar Negro, a frota russa de guerra aguarda a ordem de Moscou para atacar Odessa, a última cidade do sul do país ainda sob total controle do governo ucraniano.

"Relatórios que recebemos dos militares ucranianos mostram que navios de guerra da Rússia passam aqui pela costa o tempo todo. Então é óbvio que eles estão se preparando para um desembarque em breve", afirma Trukhanov.

"Se nós perdermos essa parte do mar Negro, ficaremos trancados sem acesso ao mar. A ocupação russa da cidade de Odessa seria um desastre para toda a economia ucraniana."

Neste domingo (6), o presidente ucraniano, Volodimir Zelenski, falou que as forças russas estão se preparando para bombardear Odessa.

Grande parte das exportações de trigo da Ucrânia deixam o país por meio dos portos dessa região — Ucrânia e Rússia, juntos, respondem por 25% das exportações mundiais dessa commodity.

Vladimir Putin está disposto a destruir Odessa para atingir seus objetivos?, pergunto ao prefeito. "Prefiro não acreditar, mas quando vejo o que aconteceu em cidades como Kharkiv, Tchernihiv, Mikolaiv e Kherson, não tenho mais dúvidas de que Putin está disposto a usar todos os métodos para atingir seus objetivos. Mesmo que para isso ele coloque Odessa completamente em ruínas", responde Trukhanov.

Quase no mesmo momento em que a reunião do conselho de Odessa começava, dois caças russos foram abatidos pelas Força Aérea ucraniana, de acordo com um relato do comando militar da região.

"A guerra sangrenta continua, e o inimigo está ficando mais fraco a cada dia. Mas os russos estão usando ativamente a Força Aérea contra nós. Fechar o espaço aéreo é o que pode fazer a diferença", afirmou Trukhanov ao jornal norueguês DN.

"Quero pedir a todos os prefeitos das nossas cidades-irmãs que nos ajudem a convencer os líderes de seus países a fechar o espaço aéreo sobre a Ucrânia. Somente isso pode salvar Odessa."

Enquanto os membros do conselho assinavam o documento formalizando o pedido de ajuda direcionado a todas as cidades-irmãs, um dos vereadores começou a chorar.

O apelo dos vereadores de Odessa é um eco da Segunda Guerra Mundial. A ideia de cidades-irmãs surgiu na época para forjar laços entre regiões devastadas pelo conflito.

Depois do bombardeio de Coventry, em 1940, mais de 800 mulheres da cidade britânica bordaram seus nomes e a frase "pouca ajuda é melhor que grande simpatia" em uma tela e a enviaram, com uma quantia em dinheiro, para as vítimas da Batalha de Stalingrado. Em 1944, Coventry e Stalingrado (hoje chamada de Volgogrado) formalizaram acordos de cooperação. Depois vieram outros.

Depois da invasão da Ucrânia por Putin, diversas cidades europeias romperam seus acordos de amizade com localidades da Rússia.

"Vemos que as pessoas esqueceram a lição da Segunda Guerra Mundial, não adianta negociar com um ditador. A Rússia é incapaz de viver com um país livre como vizinho, é contra a mentalidade do ditador. Temos um bom crescimento econômico e somos vistos como uma ameaça. É por isso que eles querem nos matar?", diz Trukhanov.

A entrada do banco desativado, onde os políticos locais se encontraram para a reunião deste sábado, é protegida por uma barricada de sacos de areia com 1 metro de altura. Do lado de fora, um pequeno grupo de soldados armados com metralhadoras acompanha todos os movimentos nos arredores.

"Não sei o que acontecerá com a Ucrânia, mas estou certo de que, em três anos, a Rússia não existirá como a conhecemos. A Rússia vai destruir a si própria. Eles bloquearam grande parte da internet e sufocaram a oposição, mas não conseguem fechar tudo. Não podem isolar todos da verdade", diz o vereador e advogado Vadim Tereschuk.

UCRANOTAS

Negociador ucraniano é morto; deputado diz que homem traiu o país

Denis Kireiev, um dos integrantes do time negociador ucraniano que tem se encontrado com representantes russos na Belarus, foi morto no sábado (5) em Kiev. Segundo o governo, ele e outros três membros do serviço de inteligência "foram mortos enquanto executavam uma missão especial", sem nenhum detalhe. Para um deputado ucraniano, Alexander Dubinski, a história é outra: ele morreu ao ser preso sob acusação de traição pelo governo. Kiev está tomada pelo clima de paranoia. Segundo jornalistas na capital ucraniana, todas as pessoas na rua são tratadas como suspeitas de sabotagem ou colaboração com os invasores.

Para papa, o que ocorre no país é guerra, não 'operação especial'

O papa Francisco rejeitou neste domingo (6) a afirmação do governo russo de que está realizando uma "operação militar especial" na Ucrânia. Para o pontífice, há, de fato, uma guerra em curso. "Na Ucrânia, correm rios de sangue e lágrimas. Esta não é apenas uma operação militar, mas uma guerra que está levando a morte, destruição e miséria", disse em seu discurso na Praça de São Pedro.

Garoto ucraniano cruza fronteira sozinho e é tratado como herói

Um garoto de 11 anos deixou sozinho a cidade ucraniana de Zaporíjia e cruzou a fronteira com a Eslováquia neste sábado (5). Segundo o Ministério do Interior eslovaco, ele trazia consigo apenas um saco plástico, um passaporte e um número de telefone escrito na mão. Os pais dele tiveram que ficar na Ucrânia. Tratado pelas autoridades eslovacas como "o maior herói da noite de ontem [sábado]", o garoto não teve o nome divulgado. Zaporíjia é onde fica a usina nuclear ocupada pelos russos. Pouco mais de 1.000 km separam a cidade da fronteira com a Eslováquia, uma das portas de entrada da Europa para os refugiados da guerra.

Zelenski aproveita recursos do humor para a guerra narrativa

Presidente da Ucrânia foi zombado por Bolsonaro pelo passado de humorista

Anna Virginia Balloussier

SÃO PAULO Nos últimos dias, a internet recordou diversos vídeos do homem que hoje se encontra no centro da maior crise bélica em décadas. São imagens de Volodimir Zelenski, 44, apresentando-se em 2006 com um conjunto rosa cintilante em "Dancing with the Stars", franquia batizada de "Dança dos Famosos" no Brasil, ou dublando a animação de Paddington, um urso falante queridinho de crianças britânicas.

Outro vídeo viral resgatado do brejo virtual: uma performance de quase seis minutos em que ele, de calças arriadas, aparenta tocar piano com o pênis—um dos destaques foi a interpretação fálica de "Hava Nagila", clássico do cancioneiro judaico que significa, em hebraico, "alegremo-nos".

Alegrar conterrâneos foi, por mais de 20 anos, o ofício de Zelenski. Hoje ele atravessa uma improvável jornada: de um dos humoristas mais populares do país a presidente da Ucrânia em tempos de guerra.

Três anos antes de ser invadida pela Rússia de Vladimir Putin, a ex-costela soviética elegeu como líder um artista famoso pelo papel de um homem comum que, por piruetas do destino, vira o chefe de Estado.

"Sluha Narodu" (servo do povo) estreou em 2015 e, por três temporadas, contou a história deste professor de história que desabafa em sala de aula sobre uma nação fadada a escolher "entre os mesmos dois babacas de sempre", é gravado por um aluno, viraliza, entra na política e acaba vencendo o pleito. A série saiu do ar pouco antes de a ficção imitar a realidade, e seu ator principal ganhar a Presidência.

Quando a Ucrânia começou a ser bombardeada pelas tropas de Putin, Zelenski estava em telas por toda a parte, e a carreira prévia voltou a ser assunto, sendo citada, com ironia, por Jair Bolsonaro. "Os ucranianos confiaram a um comediante o destino de uma nação", disse o presidente brasileiro no domingo (27).

Ato contínuo, as redes destas bandas lembraram do humorista Danilo Gentili. Flerta ele também com a ideia de receber a faixa presidencial. Avalizada pelo MBL, a candidatura do apresentador do SBT chegou a ser medida por alguns institutos de pesquisa. O próprio postou no Twitter, após a vitória de Zelenski, em 2019, que em 2022 ou 2026 ele estaria na praça. "Contem comigo."

André Marinho, que em 2018 fez sucesso parodiando uma conversa entre Bolsonaro e Donald Trump, à época presidente dos EUA, pediu "máximo respeito" ao líder ucraniano e a quem se dedica ao humor.

"Os defensores da agressão russa à Ucrânia acharam uma ótima ideia ridicularizar Zelenski por ele ter tido uma carreira como humorista e ator antes de eleito", diz à **Folha** o filho do empresário Paulo Marinho, que hospedou o QG da campanha bolsonarista em 2018 mas hoje é de oposição.

"Mas sabe na companhia de quem ele está? De gente do tamanho de Ronald Reagan, responsável pela vitória do mundo livre na Guerra Fria, e sem disparar um único tiro", afirma ele sobre o ator hollywoodiano que assumiu a Casa Branca nos anos 1980. Ironia é não perceber que, ao debochar das credenciais do ucraniano, Bolsonaro alveja "o maior líder conservador da história recente", segundo Marinho.

"Nunca imaginei que fosse ver o Bozo falando mal de palhaço", diz o humorista Antonio Tabet. "Quem está hoje no poder cansou de avaliar o caráter das pessoas por religião, características físicas e até sexualidade. Não seria diferente com uma profissão que julgam menor ou vulgar. Nem todo comediante teve a sorte de ser um capitão reprovado pelo Exército ou ser um político encostado nos últimos 34 anos."

Seu colega no Porta dos Fundos Gregorio Duvivier diz que seria lucro se o país estivesse sob jugo de um ex-comediante. "Ninguém tem dúvidas de que até Tiririca teria sido presidente melhor que Bolsonaro."

Mais do que não atrapalhar o exercício presidencial, o passado no entretenimento pode ajudar Zelenski num conflito que é também de narrativas. "Ele sabe lidar com o público e com a câmera", diz Tabet. "Isso dá uma vantagem sobre o nada carismático Putin, sobretudo em relação à opinião pública internacional."

Os vídeos da fase humorística colaboraram inclusive para torná-lo uma figura amigável, reforçando a contraposição a Putin, fotografado com frequência na cabeceira de mesas imensas, isolado, ainda que neste sábado tenha feito um esforço de imagem numa conversa com funcionárias da estatal aérea Aeroflot. Cercado de mulheres, não exigiu distanciamento.

E o ucraniano parece consciente do poder de sua retórica. Em discurso ao Parlamento Europeu, fez chorar um intérprete que o traduzia para o inglês. "Provem que são realmente europeus, então a vida vencerá a morte, e a luz vencerá as trevas."

Quando, dias atrás, líderes europeus se reuniram para debater sanções contra a Rússia, alguns titubearam sobre pegar muito pesado, como o premiê alemão, Olaf Scholz. Zelenski, então, entrou na ligação.

De acordo com o jornal Washington Post, o apelo emocional surtiu efeito imediato. Ele disse, essencialmente, que seu povo estava morrendo por ideais europeus. Antes de desligar, falou com uma naturalidade desconfortante que aquela poderia ser a última vez que o veriam vivo.

Manifestantes contrários à invasão veem discurso de Zelenski em Praga, capital da República Tcheca Michal Cizek - 4.mar.22/AFP

> Nunca imaginei que fosse ver o Bozo falando mal de palhaço
>
> **Antonio Tabet**
> humorista, em crítica a Jair Bolsonaro

Conflito evoca passagem bíblica e expõe falsidade de Moscou

OPINIÃO

Maxim Osipov
Escritor russo e cardiologista, teve sua obra traduzida em uma dúzia de idiomas. Morava em Tarusa (leste da Rússia), mas deixou o país após o início da guerra

> Disse o Senhor: 'O que foi que você fez? Escute! Da terra o sangue do seu irmão está clamando. Agora amaldiçoado é você pela terra, que abriu a boca para receber da sua mão o sangue do seu irmão. Quando você cultivar a terra, esta não lhe dará mais da sua força. Você será um fugitivo errante pelo mundo'.
>
> GÊNESIS 4:10-12

Meu pai, Aleksandr Fikhman (1930–1991), nasceu em Proskuriv (renomeada Khmelnitski em 1954), no oeste da Ucrânia. Em junho de 1941, durante os primeiros dias da guerra, ele deixou a cidade com seus pais e irmãs mais velhas, para nunca mais voltar. Todos os membros da família que não conseguiram escapar foram mortos em Babi Yar junto com outros 150 mil judeus.

A viagem para Kiev foi longa—11 dias de trem. Os trens foram bombardeados, e os trilhos levaram tempo para serem consertados. De Kiev, a família foi enviada para leste. Meu pai falava dessa experiência com frequência e certa vez mencionou um detalhe comovente: entre as coisas que levaram havia um volume de Lessing, o romântico alemão. Esqueci muita coisa que meu pai me disse, mas esse pequeno volume de Lessing—peças escritas na língua do inimigo—ficou na minha mente.

Hoje, muitos estão escrevendo sobre guerra, e todos pensam e falam sobre ela. Os sentimentos que prevalecem são de ódio por aqueles, ou melhor, por aquele que desencadeou-a, de medo compreensível pelo futuro e de uma vergonha que não pode ser lavada pela fórmula "não em meu nome".

A isso podemos acrescentar a admiração pela resiliência do povo ucraniano e do presidente e do Exército da Ucrânia—a que o governo russo se refere como um "bando de viciados em drogas e neonazistas" ou como "formações ucranianas".

Esse tipo de linguagem revela tanto a profunda falsidade do governo russo quanto sua misantropia essencial. Eles até começaram a falar na "solução para a questão ucraniana". E a guerra em si não é uma "guerra", mas uma "operação especial". Eles alegarão, por exemplo, que "destruíram 200 neonazistas", em vez de "mataram 200 soldados e oficiais".

Por que tentar humilhar adversários? Especialmente aqueles que vivem, como se costuma dizer, numa "nação fraterna"?

Sobre o tema da fraternidade: participei da pequena manifestação contra a guerra em Tarusa, com uma placa que dizia: "Caim, onde está seu irmão Abel?" Esta guerra deve ser chamada pelo que é: fratricida. E não se pode responder à pergunta bíblica no espírito do herói do filme cult de Alexei Balabanov, "Irmão" (1997).

"Você não é meu irmão, escória de bunda preta", diz esse herói—resposta que moldou a atitude de gerações de russos em relação a pessoas de aparência diferente, "não eslavas".

O clima dominante entre meus amigos é este: que terrível desonra vivemos para ver. Ainda assim, não é inédito.

"Ninguém falou de ódio aos russos. Não era ódio, pois eles não consideravam aqueles cães russos como seres humanos, mas era tanta repulsa, repugnância e perplexidade diante da crueldade sem sentido dessas criaturas, que o desejo de exterminá-los—como o desejo de exterminar ratos, aranhas venenosas ou lobos—era um instinto tão natural quanto o de autopreservação."

A passagem do "Hadji Murad", de Tolstói, tem raízes em uma época completamente diferente. De tempos em tempos recupera sua relevância.

Eu jogo xadrez na internet. É uma atividade habitual, como jogar paciência ou resolver palavras cruzadas. E muitas vezes me deparo com usuários ucranianos, mas nos últimos dias, quando eles veem a bandeira russa no meu nome, escrevem "Não jogo com ocupantes" ou saem do jogo. A reação é natural e correta.

E nos obriga a considerar até que ponto nós, que carregamos a língua russa como parte da identidade, somos responsáveis pelo que acontece.

O notável poeta Alexei Tsvetkov oferece a seguinte parábola: "Imagine passar por um lago no qual uma criança está se afogando. Você não sabe nadar, tem certeza de que não sabe; então fica à beira da água, torcendo as mãos, enquanto a criança afunda diante dos seus olhos. Você não tem culpa, mas se não sentir remorso pelo resto da vida, alguma peça importante da maquinaria moral foi removida de você". Palavras muito precisas.

Claro, os que consideram a guerra com a Ucrânia o início do colapso da Rússia estão certos. Os planos de uma pequena guerra vitoriosa, uma "blitzkrieg", desmoronaram. Governantes autoritários nunca são perdoados por guerras perdidas, mas é improvável que os resultados desta se limitem a uma mudança de governante.

A história do nosso país está chegando ao fim, mas acredito que a língua russa sobreviverá, embora seu domínio inevitavelmente diminua. Voltando ao volume de Lessing, o menino que foge de Kiev—não para leste, mas na direção oposta—levará consigo um livro escrito na língua do inimigo. Talvez "A Filha do Capitão", de Pushkin, ou mesmo "Hadji Murad"? Simplesmente não sei.

Tradução de Luiz Roberto M. Gonçalves

> [...]
> Sobre o tema da fraternidade: participei da pequena manifestação contra a guerra em nossa cidade de Tarusa, com uma placa que dizia: 'Caim, onde está seu irmão Abel?' Esta guerra deve ser chamada pelo que é: fratricida

TODA MÍDIA

Nelson de Sá
nelson.sa@grupofolha.com.br

Na guerra, Xi busca segurança alimentar; Biden, conter inflação

Vem de dezembro a preocupação chinesa com "segurança alimentar". No domingo, foi a manchete do portal Guancha, em chinês, "Xi Jinping: Não espere que a segurança alimentar seja resolvida pelo mercado internacional".

Também foi a manchete, em tom mais contido, do Diário do Povo, o principal jornal do PC. E a declaração de Xi foi reproduzida na principal rede do país, CCTV, "Nós não devemos confiar no mercado internacional".

Quando começaram os alertas de Xi, há quatro meses, eles eram vistos como referência às importações de EUA e Brasil. Mas a frase agora ecoou na Bloomberg e na Reuters como ligada ao "conflito entre Rússia e Ucrânia, dois grandes produtores de grãos".

Se Xi está preocupado com a comida, Joe Biden está atento à inflação, aos preços do petróleo. Para o Wall Street Journal, é o maior risco do conflito para a economia do país, diante das pressões para banir o petróleo russo.

O WSJ vem cobrindo o esforço americano para, às pressas, fechar um acordo com o Irã e liberar seu petróleo. E o New York Times noticiou que Biden enviou altos diplomatas à Venezuela, para um acordo que permita o mesmo.

"Se os EUA reduzirem as importações da Rússia, a Venezuela poderá repor parte do suprimento perdido", apontou o NYT, citando especialista.

BAZAR CHINÊS Quanto à economia russa, o financeiro Kommersant vem cobrindo os esforços para manter ativos os negócios de empresas americanas e europeias que deixam o país e também as operações financeiras, no caso, apelando para instituições chinesas. Segundo o WSJ, as "sanções ocidentais" terão menos efeito "se a China oferecer seu bazar" de ferramentas financeiras, usadas com países como o Irã.

COMPRANDO RÚSSIA O WSJ também destacou no alto da home que "Investidores [americanos] começam a comprar títulos da Rússia", projetando do que "eles vão se recuperar se a guerra chegar a um fim". Fim que o NYT, por outro lado, citando diplomata, projeta como "o novo mundo da desordem, se a Rússia tomar a maior parte da Ucrânia e Putin ainda estiver no poder de uma economia russa em grande parte estável".

Asian Americans Grapple With Tide of Attacks

NY POST, NYT E O VOTO SINO-AMERICANO
Um movimento da comunidade chinesa derrubou autoridades democratas, em San Francisco, e acordou a imprensa dos dois lados; o New York Post, primeiro, e em seguida o NYT, este até com análises eleitorais, passaram a destacar os protestos de Chinatown (acima) contra a 'onda de ataques' racistas

entrevista da 2ª

Lucas Seixas/Folhapress

Tainah Pereira

Eleição de mulher negra não beneficia só mulheres negras

Tainah Pereira afirma que é necessário afastar ideia de que eleger pessoas negras é identitarismo

POLÍTICA

Tayguara Ribeiro

SÃO PAULO Embora as mulheres negras sejam o maior grupo demográfico do país e representem 28% da população brasileira, elas estão sub-representadas nos cargos políticos.

Na Câmara e no Senado, por exemplo, há só 14 parlamentares negras, o que corresponde a pouco mais de 2% das cadeiras do Congresso Nacional.

Para tentar mudar essa realidade surgiu em 2018 o Movimento Mulheres Negras Decidem, coordenado atualmente pela cientista política Tainah Pereira, 28.

"Nós estamos empenhadas em fazer um debate mais sofisticado sobre a questão das identidades. Afastar da mídia essa ideia de que eleição de pessoas negras, eleição de pessoas LGBTQIA+ tem a ver com identitarismo ou com fazer políticas apenas para aquele grupo social", afirma.

Assim como outros coletivos (Vote Nelas e Vamos Juntas, por exemplo), que pretendem incentivar a participação política feminina, o projeto promove encontros para discussão sobre o funcionamento do sistema político, debates e espaços de formação.

Além de apoiar as candidaturas de mulheres negras nas eleições para cargos no Congresso e no Executivo, o Mulheres Negras Decidem também apoia a participação de mulheres negras em disputas para posições em outros espaços, como conselhos tutelares.

O projeto busca levantar dados e realizar pesquisas sobre a participação política de mulheres negras, não só o número de candidatas e eleitas, mas leis e projetos relacionados.

Outra forma de atuação do movimento é tentar desmitificar, por exemplo, que pessoas negras não votam em candidatos negros.

"A gente busca qualificar essa agenda, esse debate público sobre o que é o imaginário em relação à participação política de mulheres negras e quais são as inovações que mulheres negras trazem para a política institucional."

*

Qual a perspectiva para um possível aumento no número de mulheres negras candidatas e eleitas em 2022? A gente considera que o ano de 2018 foi 'o ano' para a participação das mulheres negras na política institucional. Tivemos um aumento expressivo de candidaturas. Já existia esse movimento desde 2014. Chega a um pico em 2018, muito motivado pelo feminicídio político da Marielle.

A perspectiva é que nas eleições deste ano esse percentual se mantenha de candidaturas.

O que a gente trabalha agora é o aumento da elegibilidade. Não basta ter mulheres negras se candidatando, a gente quer que isso se converta em novos mandatos.

Na medida em que o debate sobre representatividade avançou e que ocorreram conquistas no acesso de mulheres negras nesses espaços, aconteceu uma apropriação [da pauta] por alguns grupos que não tem compromisso histórico com a pauta de universalização dos direitos humanos.

Ocorreu o escândalo de candidaturas laranjas do PSL e existem pessoas negras colocadas em partidos políticos que não constroem com os movimentos negros, com movimento de mulheres, e que têm agendas associadas a outros interesses.

Nós estamos empenhadas em fazer um debate mais sofisticado sobre a questão das identidades. Afastar da mídia essa ideia de que eleição de pessoas negras, eleição de pessoas LGBTQIA+ tem a ver com identitarismo ou com fazer políticas apenas para aquele grupo social.

A gente enfatiza que a agenda de mulheres negras é universal e voltada para a comunidade. Tudo que é popular no Brasil compreende as mulheres negras. Queremos desmistificar que a eleição de mulheres negras beneficia somente mulheres negras.

Como surgiu o movimento? Nasce em 2018, para pensar a democracia. Foi um movimento fundado por cinco mulheres, três do Rio de Janeiro e duas de São Paulo. Para pensar soluções para a participação de mulheres negras na política institucional. O movimento surge antes do assassinato da vereadora Marielle Franco (PSOL-RJ).

Após a morte [da parlamentar], ocorreu um aumento no interesse de mulheres negras de se aproximar de movimentos como o Mulheres Negras Decidem. Isso trouxe uma responsabilidade grande naquele momento para que a gente conseguisse ser um espaço seguro para a construção política. Até hoje temos protocolos de segurança para as reuniões.

A gente busca qualificar essa agenda, esse debate público sobre o que é o imaginário em relação à participação política de mulheres negras, quais são as inovações que mulheres negras trazem para a política institucional.

Este ano ocorrerá a terceira eleição desde que o projeto existe. Em quais avanços identifica que o movimento conseguiu contribuir? 2020 foi um ano bem importante. Teve as eleições municipais. Foi o ano que fizemos a pesquisa que foi um retrato sobre a participação política das mulheres negras naquele momento. O que as mulheres negras estavam fazendo no contexto eleitoral, ao mesmo tempo em que tinham que lidar com a crise sanitária.

Isso trouxe para junto do movimento muitas mulheres negras de vários lugares do Brasil, fez com que o movimento crescesse.

Também em 2020 começam as conversas com alguns atores da política que culminariam com a discussão no TSE (Tribunal Superior Eleitoral) sobre a destinação de tempo de propaganda e de recursos dos partidos para candidaturas negras. Foi um processo que a gente participou ativamente.

A quais fatores podemos atribuir alguns dos avanços conquistados? Certamente casos como o do George Floyd ajudam a impulsionar a pauta. Mas é a presença de mulheres negras na política institucional, na mídia, na academia, que faz com que o tema seja reposicionado.

O debate sobre representatividade já existe há muito tempo. A cada ciclo eleitoral a gente tem a oportunidade de ir um pouco mais fundo nessa conversa.

O movimento tem alguma ligação partidária? Dialoga apenas com mulheres progressistas? Não tem ligação com nenhum partido. Nunca teve. A gente está sempre pensando em como dialogar com grupo de mulheres que não estão tão próximas do projeto.

A gente tem como meta estratégica ter uma proximidade maior com as lideranças de mulheres trans.

E também com mulheres que não se consideram progressistas, como as religiosas, por exemplo. É o caso de mulheres de alguns partidos de centro. Mas o movimento sempre foi suprapartidário.

E o diálogo com mulheres negras que se consideram conservadoras ou que façam parte de partidos de direita? Na verdade, existe uma carência de espaços para as mulheres discutirem sua participação na política institucional. Elas eventualmente procuram. Com o tempo muitas se afastam por conta da dificuldade com alguns temas da nossa agenda.

A gente sabe que para uma mulher que está em um partido de direita vai ser muito difícil conseguir espaço para debater, por exemplo, direito reprodutivo e que é uma pauta muito cara para o movimento de mulheres negras no Brasil.

Mas já tivemos participação no nosso movimento de mulheres do PMB, PSDB, Podemos, PSD. Elas compõem, participam das reuniões, mas às vezes com reservas sobre alguns temas. Todas as mulheres são bem-vindas, mas a gente percebe que os entraves nos partidos de direita são um pouco maiores, embora a gente saiba que as mulheres negras também enfrentem questões nos partidos de esquerda.

Como avalia as mudanças na distribuição de verba partidária e tempo de TV para candidaturas de mulheres e pessoas negras? É o que a gente tem de mais concreto em termos de política pública visando uma participação mais diversa. Em 2020 o recurso chegou muito tarde e em uma quantidade inferior ao de pessoas brancas.

Ainda faltam mecanismos de verificação [na Justiça Eleitoral] sobre o caminho que o dinheiro faz até chegar nas candidaturas e mecanismos internos dos partidos de responsabilidade dessas candidaturas. Ainda tem muito para avançar. Temos que avançar também no debate sobre violência política.

Quais são algumas das principais dificuldades ainda enfrentadas para que mulheres negras participem da política? A primeira é acesso a recursos. Também existem uma série de escolhas que a mulher precisa fazer. Conciliar a atuação política com o trabalho, com o cuidado com a família. Tem ainda as estruturas partidárias, que são comandadas por homens brancos e apresentam um engessamento e tem pouco espaço para antirracismo e equidade.

Outra dificuldade é a violência política. A prática de coagir e tentar impedir a participação feminina sempre existiu.

Falta qualificação do debate. Existem mitos e desinformação tais como 'pessoas negras não votam em candidatos negros' ou 'mulheres negras são menos qualificadas para cargos de decisão'.

Falta informação e isso contamina o debate e desmotiva a participação. Fica a percepção que espaço de disputa de um cargo eleitoral é muito distante e isso acaba apartando esse grupo social.

Existem alguns outros movimentos sociais que também buscam incentivar a participação de mulheres. Esse é o melhor caminho para aumentar a presença feminina? É fantástico e muito necessário. Nós temos um diálogo muito próximo com a imensa maioria desses movimentos. A gente entende que tem um trabalho complementar.

Normalmente elas nos procuram para que a gente auxilie na busca ativa por perfis de liderança de mulheres negras. E nós também somos informadas por estes outros movimentos de alguns temas.

Poucas mulheres estão sendo cotadas para liderar chapas nas eleições para governo estadual e para a Presidência. No máximo, os nomes são cogitados para vice... As lideranças políticas femininas estão muito conscientes sobre isso. Ter uma mulher na chapa ou uma pessoa negra só para dizer que tem [participação].

As mulheres que são convidadas para participar, não só compondo a chapa, mas também se engajando nas candidaturas que serão predominantemente masculinas e brancas, precisam colocar pelo menos uma série de contrapartidas.

Tainah Pereira, 28

Mestre em ciência política pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Formada em relações internacionais, é coordenadora política do movimento Mulheres Negras Decidem

"Certamente casos como o do George Floyd ajudam a impulsionar a pauta. Mas é a presença de mulheres negras na política institucional, na mídia, na academia, que faz com que o tema seja reposicionado

Renda de brasileiros com lucros e dividendos cresce na pandemia

De cada R$ 100 declarados, R$ 70 estavam com o 1% mais rico; recursos são isentos de imposto

Idiana Tomazelli

BRASÍLIA A renda declarada por brasileiros com lucros e dividendos subiu a R$ 384,3 bilhões em 2020, ano em que o surgimento da pandemia de Covid-19 destruiu milhões de postos de trabalho e levou empresas a cortarem salários.

O valor é 7% maior que o declarado nessa fonte de rendimentos em 2019. A variação supera a inflação do período —o IPCA (Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo) terminou 2020 em alta de 4,52%.

Além disso, de cada R$ 100 declarados como lucros e dividendos, R$ 70 estavam nas mãos do 1% mais rico —um grupo de 316.348 declarantes com rendimentos entre R$ 603,1 mil e R$ 2,6 bilhões.

Os dados fazem parte dos grandes números das declarações do IRPF (Imposto de Renda da Pessoa Física) de 2021, feitas com base nos rendimentos de 2020. A publicação das informações é feita anualmente pela Receita Federal.

Para especialistas, o crescimento dos lucros e dividendos sinaliza, por um lado, a resiliência dessa fonte de renda mesmo em um período de crise. Por outro, indica a possibilidade de ter havido uma concentração de renda no país, aprofundando desigualdades.

Os lucros e dividendos recebidos pela pessoa física são isentos de Imposto de Renda no Brasil. Entre seus recebedores estão investidores, acionistas, sócios de empresas, profissionais liberais e outros prestadores de serviços PJ (pessoa jurídica). Em geral, o pagamento dessa verba é destinado a integrantes dos estratos mais ricos.

Já a renda do trabalho (recebida por um profissional com carteira assinada, por exemplo) sofre desconto de IR, com alíquotas progressivas que vão de 7,5% a 27,5%.

Em contraste, a categoria de rendimentos tributáveis (que inclui os salários) teve um crescimento de 3,2% em 2020 ante o ano anterior — abaixo da inflação.

A equipe do ministro Paulo Guedes (Economia) chegou a propor ao Congresso uma reforma do Imposto de Renda que previa a retomada da taxação dos lucros e dividendos na pessoa física —cobrança extinta no Brasil desde 1996.

O governo propôs uma taxação de 20%, com isenção para rendimentos até R$ 20 mil mensais para micro e pequenas empresas. A Câmara dos Deputados cortou a alíquota para 15% e ampliou as exceções. O projeto está no Senado, sem previsão de votação.

Os dados obtidos nas declarações do IRPF não refletem sozinhos o panorama integral da distribuição de renda no país, uma vez que apenas 31,6 milhões de brasileiros prestaram contas à Receita Federal. Mas as informações são um termômetro relevante para identificar o que aconteceu com os rendimentos da população no ano mais agudo da crise sanitária.

Em uma divisão por grupos, considerando salários, 13º, lucros e dividendos ou outros tipos de remuneração de sócios, é possível detectar que os 25% mais pobres informaram o recebimento de R$ 111 bilhões em 2020, valor abaixo dos R$ 119,3 bilhões declarados pela mesma fatia dos declarantes no ano anterior. O grupo considera 7,9 milhões de pessoas com renda de até R$ 28,5 mil no ano.

Já no 1% mais rico informou rendimentos de R$ 578,7 bilhões em 2020, mais que os R$ 545,6 bilhões do período anterior. Quase metade dos valores declarados vem de lucros e dividendos, que somaram R$ 271,3 bilhões nesse estrato da população.

O economista Rodrigo Orair, especialista em tributação e ex-diretor da IFI (Instituição Fiscal Independente) do Senado, destaca que a pandemia promoveu um grande baque na renda de trabalhadores situados nas faixas de menor renda, que foram demitidos ou tiveram reduções temporárias de salário, enquanto a população com maiores salários foi blindada pelas opções de trabalho remoto.

Segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), 8,29 milhões de pessoas perderam a ocupação na comparação do último trimestre de 2020 com o mesmo período do ano anterior. Nesse intervalo, o rendimento médio real do trabalho caiu 1,1%.

Esse fator, associado ao crescimento de lucros e dividendos, indica uma tendência de concentração de renda no Brasil. "Há indícios de alguma concentração no topo. Os mais frágeis estão na base", diz o especialista.

Orair observa ainda que a alta do valor declarado em lucros e dividendos veio acompanhada de um aumento no número de pessoas que preenchem esse campo na declaração do IRPF. Para ele, pode haver duas explicações.

"A despeito de toda pandemia, o mercado acionário foi bem em 2020, e o número de investidores na Bolsa cresceu. Tinha oportunidade, as pessoas podem ter entrado nesse mercado", afirmou.

A outra possibilidade, segundo ele, é a aceleração do fenômeno da pejotização: com as demissões durante a pandemia, trabalhadores podem ter sido levados a se enquadrar nesse novo vínculo.

A economista Débora Freire, professora do Cedeplar (Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional) da UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais), afirma que a alta nos lucros e dividendos poderia ter sido até maior, considerando a retração do apetite das empresas por investir em meio à pandemia. Por outro lado, o crescimento é sinal de maior resiliência desse tipo de rendimento em momentos de crise.

> Em tempos normais, a gente já tem uma assimetria de tributação de rendas do trabalho e do capital. Nos períodos de crise, a gente alimenta essa assimetria
>
> **Débora Freire**
> professora do Cedeplar (Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional) da UFMG

"Os rendimentos do trabalho caem muito, ao passo que os rendimentos do capital aumentam, exatamente porque não sofrem tanto com os ciclos econômicos", afirma.

O problema, segundo ela, é a assimetria de tributação, que reforça a desigualdade de renda no Brasil. Além de os salários terem caído em 2020, eles foram mais tributados do que os lucros e dividendos, que aumentaram.

"Em tempos normais, a gente já tem uma assimetria de tributação de rendas do trabalho e do capital. Nos períodos de crise, a gente alimenta essa assimetria", critica.

A professora defende a aprovação de uma reforma tributária ampla, que inclua o retorno da tributação sobre lucros e dividendos distribuídos à pessoa física. No entanto, ela critica a proposta enviada pelo governo e que foi aprovada a toque de caixa na Câmara, sem que seu teor fosse público no momento da votação, no início de setembro de 2021.

"A proposta abria mão de receitas, com uma série de isenções para um volume de dividendos muito expressivo", diz Freire. O texto aprovado isenta os lucros e dividendos pagos por empresas com faturamento de até R$ 4,8 milhões.

"É uma reforma mal calibrada e que depois foi desvirtuada. Não acho que dá para discutir hoje uma reforma tributária que implique redução na arrecadação, exatamente porque temos problemas sociais seríssimos para lidar. Precisamos da oferta de serviços públicos", afirma a professora.

Para ela, o debate deve ficar para o próximo governo. "Entraves políticos e a composição do Congresso Nacional dificultam muito a aprovação de uma reforma que promova justiça social", diz.

Com distribuição de R$ 101,4 bi, Petrobras se torna 'vaca leiteira'

Nicola Pamplona

RIO DE JANEIRO Com o anúncio de que vai compartilhar com acionistas R$ 101,4 bilhões de seu resultado de 2021, a Petrobras confirma a expectativa de que caminha para se tornar uma "vaca leiteira", como o mercado chama empresas boas pagadoras de dividendos.

Levantamento feito pela Economática com petroleiras que divulgaram balanços até sexta (25) mostra que a brasileira foi a segunda a pagar mais dividendos em 2021, atrás apenas da gigante americana Exxon Mobil.

Pelo indicador que mede o rendimento de uma ação pelo pagamento de dividendos, conhecido como "dividend yield", a Petrobras também é a segunda, garantindo ao acionista um retorno de 19,94% sobre o valor da ação.

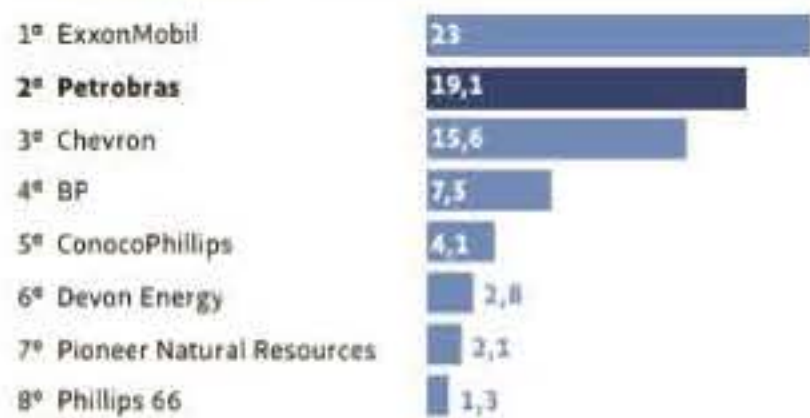
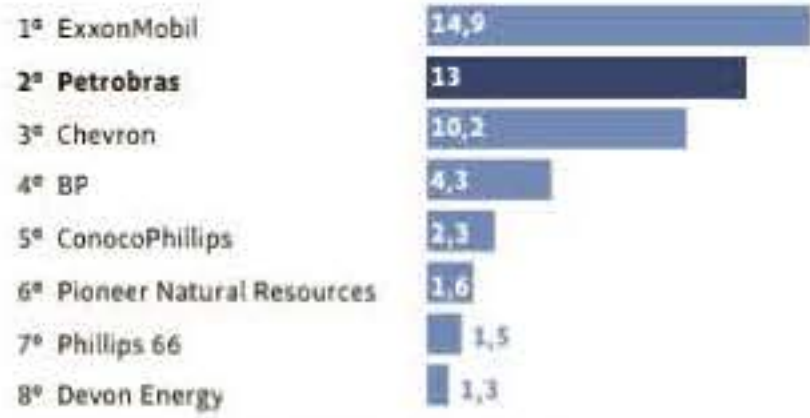
O número considera apenas os valores pagos em 2021. Somando a parcela de dividendos anunciada nesta quarta-feira (23), de R$ 37 bilhões, o retorno em dividendos das ações da estatal sobe para 33%, segundo o banco UBS, considerando o valor médio das ações durante o ano.

O mercado espera que os ganhos elevados se mantenham: em seu último planejamento estratégico, a Petrobras previu distribuir até US$ 70 bilhões (R$ 360 bi) em cinco anos.

"O novo nível de lucratividade leva a um dividend yeld de 15% a 25% ao ano", escreveram Luiz Carvalho, Matheus Enfeldt e Tasso Vasconcellos em relatório do UBS.

Para o estrategista-chefe da TC Matrix, Hugo Queiroz, a transição da empresa para "vaca leiteira" reduz a percepção de risco sobre suas ações, que costumam oscilar muito ao sabor do cenário político.

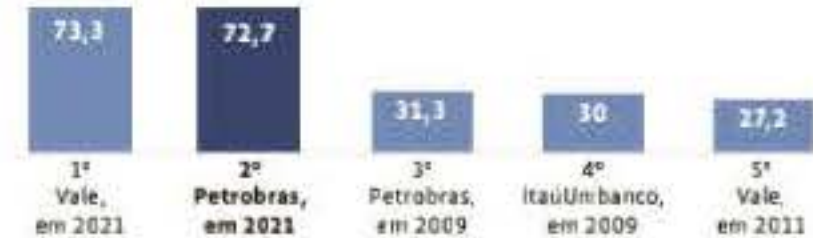
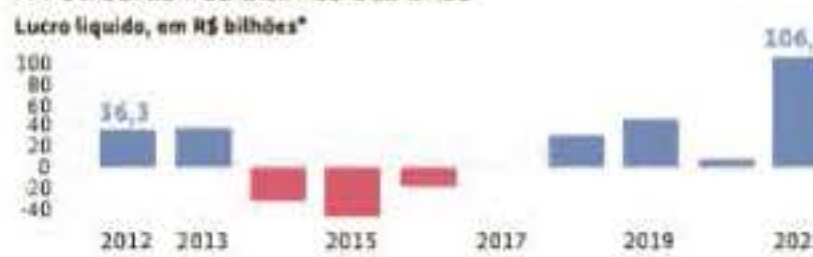
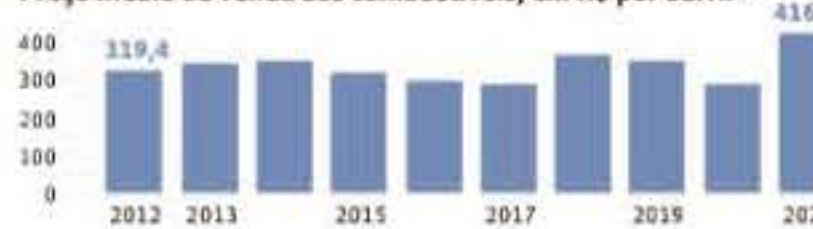
"Mesmo a ação sendo volátil, não quer dizer que a empresa vá mudar a trajetória de pagamento de dividendos", afirma.

A guinada foi feita ainda na gestão Roberto Castello Branco, primeiro presidente da Petrobras sob o governo Bolsonaro, demitido em fevereiro de 2021 em meio a insatisfações sobre a escalada dos preços dos combustíveis.

Egresso da Vale e defensor da privatização da Petrobras, Castello Branco focou investimentos em negócios mais rentáveis, venda acelerada de ativos e redução do endividamento, liberando caixa para remunerar os acionistas.

Em sua gestão, a empresa aprovou nova política de remuneração que permite a distribuição de recursos mesmo em anos de prejuízo e o pagamento de dividendos acima do piso previsto em lei quando a dívida chegasse abaixo de US$ 60 bilhões (R$ 309 bi).

A estratégia reduziu o endividamento para abaixo do piso e, com preços do petróleo em alta, a companhia obteve forte geração de caixa, o que justificou os elevados dividendos recém-anunciados.

No Brasil, apenas a Vale paga hoje tão bem: R$ 73,3 bilhões em 2021, o maior volume já registrado entre companhias abertas brasileiras. A Petrobras veio em seguida com R$ 72,7 bilhões.

Em 2021, ano em que teve lucro recorde de R$ 106,6 bilhões, a Petrobras vendeu combustíveis a um preço médio de R$ 416,40/barril, o maior valor já registrado em balanço e 15,6% acima do praticado em 2018, ano da greve dos caminhoneiros, já descontada a inflação do período.

Mas as críticas que devem surgir no debate eleitoral deste ano põem em dúvida a manutenção da política.

Líder nas pesquisas de intenção de votos, o ex-presidente Lula (PT) vem repetindo que, se eleito, vai mudar a política atual de preços dos combustíveis, que acompanha de perto as variações das cotações internacionais e da taxa de câmbio.

"Não vamos manter o preço da gasolina dolarizado. É importante que o acionista receba dividendos quando a Petrobras der lucro, mas não posso enriquecer o acionista e empobrecer a dona de casa, que vai comprar feijão e paga mais caro por causa da gasolina", afirmou, no início do mês.

O próprio presidente Jair Bolsonaro (PL) tem feito críticas à estratégia da estatal. Nesta quinta (3), defendeu que a empresa reduza lucros para evitar uma alta brusca nos preços dos combustíveis diante da crise geopolítica causada pela guerra na Ucrânia.

"Em um momento de crise como esse, eu acho que esse lucro, dependendo da decisão dos diretores, do conselho e do presidente, poderia neste momento de crise ser rebaixado um pouquinho para a gente não sofrer muito aqui", declarou o presidente, durante sua live semanal.

Ligado aos sindicatos de petroleiros, o Ineep (Instituto de Estudos Estratégicos de Petróleo, Gás e Biocombustíveis) critica a estratégia de gerar "superlucros" com a venda de ativos e a prática de preços internacionais.

"A empresa está comunicando claramente que vai privilegiar a geração e distribuição de valor no curto prazo", diz o pesquisador do Ineep e do Núcleo Desenvolvimento, Trabalho e Ambiente da UFRJ, Mahatma Santos.

Na sua opinião, esse modelo terá consequências para o futuro da empresa, com reflexos da venda de ativos e a redução de investimentos sobre sua sustentabilidade. No último plano estratégico, ressalta, a Petrobras prevê mais recursos para dividendos do que para investimentos.

O risco de nova guinada é reconhecido pelos analistas que cobrem a empresa, mas eles mantêm, em geral, recomendação de compra das ações da companhia, hoje consideradas baratas em relação a suas concorrentes internacionais.

Para Queiroz, o baixo preço atual da ação vale o risco, mesmo para investidores mais receosos com o sobe e desce das bolsas. "A Petrobras está muito barata perto do que ela entrega", afirma.

Boa pagadora

Política de dividendos da Petrobras começa a render lucros a acionistas

Comparação com petroleiras que já divulgaram balanço
Dividendos distribuídos em 12 meses, em US$ bilhões

Comparação com petroleiras que já divulgaram balanço
Lucro, em US$ bilhões

Maiores pagamentos anuais no Brasil
Em R$ bilhões*

A Petrobras nos últimos dez anos

Preço médio de venda dos combustíveis, em R$ por barril*

*Corrigido pelo IPCA | Fontes: Petrobras e Economática

Bolsonaro indica presidente do Flamengo à chefia do conselho da estatal

Aliado do presidente Jair Bolsonaro (PL) na volta do futebol durante a pandemia, o presidente do Flamengo, Rodolfo Landim, foi indicado para presidir o conselho de administração da Petrobras, após o almirante Eduardo Bacellar Leal Ferreira pedir para sair por 'razões pessoais'.

PAINEL S.A.

Joana Cunha
painelsa@grupofolha.com.br

Respiração

Enquanto João Doria se prepara para comunicar o fim da obrigatoriedade das máscaras em ambientes abertos em SP, o número de multas aplicadas pela falta da proteção vem caindo nos últimos meses. Janeiro e fevereiro somaram cerca de 200 autuações a pessoas e estabelecimentos, com 10.742 multas aplicadas ao todo. A média mensal fica abaixo da registrada entre julho de 2020, quando começou a regra, e dezembro do ano passado, que girava em torno de 585 por mês.

CALENDÁRIO Na quinta (3), Doria afirmou que o Comitê Científico do governo vai decidir na próxima terça-feira (8) sobre o possível fim da obrigatoriedade do uso da proteção. Em dezembro, ele chegou a anunciar a flexibilização, mas voltou atrás com a chegada ômicron.

SAÚDE Hospitais fecham mais leitos destinados a pacientes com Covid após a explosão da ômicron. O Einstein viu a demanda despencar em um mês. No início de fevereiro, eram 213 leitos para 175 pacientes com a doença. Na sexta (4), alcançou 97 leitos, com 38 internados. Na primeira quinzena de janeiro, o hospital chegou a dobrar o número de leitos para acompanhar a entrada de novos pacientes.

TERMÔMETRO O Sírio-Libanês tem 17 pessoas internadas, sendo 8 na UTI. No início de fevereiro, eram 91 e, em janeiro, 54, segundo o hospital. A Rede D'Or São Luiz também reduziu. No mês passado, teve 1.027, ante 1.106 em janeiro. Até o momento, em março, os hospitais da rede registram pouco mais de 460 leitos para pacientes com Covid.

FERIADO A Unimed diz que registra queda na demanda por leitos e atendimentos relacionados a síndromes respiratórias nos pronto-atendimentos. "Nossa estrutura segue em estado de atenção para acompanhar como a demanda irá evoluir após o período do Carnaval e com a proximidade da temporada de infecções respiratórias, que se inicia nos meses de março e abril", diz a empresa.

CONSULTA A SulAmérica e Docway começaram a oferecer atendimento médico e psicológico para moradores e profissionais que estão trabalhando em Petrópolis, após a tragédia das chuvas que matou mais de 230 pessoas no mês passado.

CORRENTE Segundo a operadora de plano de saúde, o serviço é gratuito, feito por videochamada e deve ser agendado por telefone ou pela internet. Desde as fortes chuvas, dezenas de empresas enviaram dinheiro, cesta básica, água mineral e itens de higiene.

BRISA Após o período de verão intenso que turbinou a demanda por ar-condicionado, o mercado de refrigeração espera nova pressão nos preços por causa da guerra na Ucrânia. Segundo a Abrava (associação que representa a cadeia), o setor se preocupa com o custo de produtos usados na fabricação.

SUOR A associação descarta a possibilidade de faltar aparelhos, porque a indústria de ar-condicionado já vinha trabalhando com níveis de estoque maiores para se precaver da quebra na cadeia de fornecimento provocada pela pandemia. A temperatura amena de dezembro preservou os estoques, que agora suprem a demanda no pico de calor.

MÃO DE OBRA As grandes centrais sindicais se reuniram neste final de semana para elevar a pressão pela cassação do mandato do deputado estadual Arthur do Val (Podemos), depois do vazamento dos áudios em que ele afirma que as mulheres ucranianas vítimas da guerra são "fáceis porque são pobres".

PASSAGEM CUT, Força Sindical, UGT, CSB (Central de Sindicatos do Brasil) e outras centrais afirmam que o real objetivo da viagem de Arthur do Val à fronteira do país invadido pela Rússia nada tem a ver com política ou ação humanitária. Para os sindicalistas, trata-se de uma personalidade racista e misógina, sem preparo para o cargo na Alesp.

MEMÓRIA "Ele, que em 2019, chamou sindicalistas que estavam na galeria da Alesp de 'bando de vagabundo'! Com que moral o Mamãe Falei fala dos trabalhadores e suas entidades?", afirma o grupo de centrais em comunicado.

REAÇÃO Depois da repercussão dos áudios, a empresária e apresentadora da Jovem Pan Fabi Saad abriu uma vaquinha online para ajudar mulheres vítimas do país invadido pela Rússia. Saad afirma que, diferentemente dos financiamentos coletivos levantados pelo deputado, ela pretende fazer essa arrecadação para enviar recursos a entidades sérias e capazes de promover ajuda verdadeira a mulheres.

com Andressa Motter e Ana Paula Branco

INDICADORES

JUROS

Fev., em % ao mês

Fonte: Procon-SP

CONTRIBUIÇÃO À PREVIDÊNCIA

Competência fevereiro

Autônomo e facultativo

Valor mín	R$ 1.212,00	20%	R$ 242,40
Valor máx.	R$ 7.087,22	20%	R$ 1.417,44

O autônomo que prestar serviços só a pessoas físicas (e não a pessoas jurídicas) e o facultativo podem contribuir com 11% sobre o salário mínimo. Donas de casa de baixa renda podem recolher sobre 5% do piso nacional. O prazo para o facultativo e o autônomo que recolhe por conta própria vence em 15.mar

MEI (Microempreendedor)

Valor mín	R$ 1.212	5%	R$ 60,60

Assalariado	Alíquota
Até R$ 1.212,00	7,5%
De R$ 1.212,01 até R$ 2.427,35	9%
De R$ 2.427,36 até R$ 3.641,03	12%
De R$ 3.641,04 até R$ 7.087,22	14%

O prazo para recolhimento das contribuições do empregado vence em 18.mar. As alíquotas progressivas são aplicadas sobre cada faixa salarial que compõe o salário de contribuição

IMPOSTO DE RENDA

Em R$	Alíquota, em %	Deduzir, em R$
Até 1.903,98	Isento	
De 1.903,99 até 2.826,65	7,5	142,80
De 2.826,66 até 3.751,05	15	354,80
De 3.751,06 até 4.664,68	22,5	636,13
Acima de 4.664,68	27,5	869,36

EMPREGADOS DOMÉSTICOS

Considerando o piso na capital e Grande SP

R$ 1.256,32	Valor, em R$
Empregado	98,48
Empregador	259,25

O prazo para o empregador do trabalhador doméstico vence em 7.mar. A guia de pagamento do empregador inclui a contribuição de 8% ao INSS, 8% do FGTS, 3,2% de multa rescisória do FGTS e 0,8% de seguro contra acidente de trabalho. A contribuição ao INSS do doméstico deve ser descontada do salário. Sobre o piso da Grande SP, as alíquotas do empregado são de 7,5% e 9%. Para salário maior, de 7,5% a 14%, aplicadas sobre cada faixa do salário, até o teto do INSS

Petróleo dispara após EUA cogitarem barrar importações da Rússia

Senadores americanos apresentaram medida na última quinta; restrição, porém, pode elevar ainda mais o preço de combustíveis

GUERRA NA UCRÂNIA

SÃO PAULO As cotações do petróleo voltaram a disparar no mercado internacional neste domingo (6), após o governo americano confirmar que discute com países da Europa a proibição da importação de petróleo da Rússia, em resposta à invasão na Ucrânia.

O barril do petróleo tipo Brent chegou a bater a máxima de US$ 139,13 (R$ 706,11) na noite deste domingo no Brasil, com a reabertura dos mercados na Ásia. A alta reflete o temor de investidores pelos potenciais impactos econômicos da guerra.

Às 21h19, a commodity oscilava em alta de 9,22%, cotada a US$ 129,00 (R$ 654,70).

Na tarde deste domingo (6), o secretário de Estado americano, Anthony Blinken afirmou que os Estados Unidos estão "seriamente engajados" em uma discussão com a União Europeia sobre a possibilidade de proibir importações de petróleo russo.

As principais Bolsas globais operavam em forte queda no primeiro pregão da semana. A Bolsa de Tóquio recuava cerca de 2,6%, enquanto os contratos futuros na Europa apontavam para perdas de 2,7%.

Além do movimento do governo americano —sob pressão dos legisladores americanos para dar mais esse passo em resposta aos ataques da Rússia à Ucrânia—, a própria manutenção da guerra acirra o nervosismo dos investidores.

"Estamos em discussões muito ativas com nossos parceiros europeus sobre a proibição da importação de petróleo russo para nossos países, enquanto, é claro, mantemos um fornecimento global estável de petróleo", disse Blinken em entrevista à emissora americana NBC.

O preço do petróleo já teve uma disparada de mais de 20% somente durante a semana passada, por causa dos conflitos no Leste Europeu, que reduziram a oferta proveniente da Rússia, uma das principais produtoras globais da matéria-prima.

Em entrevista à CNN também neste domingo, a presidente da Comissão Europeia Ursula von der Leyen foi mais reticente sobre a proposta de corte de importações.

Antes de impossibilitar que Putin financie suas guerras, disse, a União Europeia deveria "se desfazer de sua dependência de combustíveis fósseis russos".

A Rússia é o principal fornecedor de petróleo e gás para o bloco europeu, que já passa por um período de forte alta no preço da energia.

O secretário de Estado americano, que está em uma viagem pela Europa para coordenar com aliados as medidas em relação à guerra na Ucrânia, acrescentou que discutiu as importações de petróleo com o presidente Joe Biden no sábado.

Senadores republicanos e democratas apresentaram nesta quinta-feira (3) um projeto de lei para proibir importações de petróleo da Rússia.

Biden havia indicado na véspera que não descarta nenhuma medida em relação ao assunto.

O governo Biden, porém, está sob pressão política antagônica: o aumento nos preços dos combustíveis num país tão dependente do transporte individual como os EUA traz impopularidade.

Com agências internacionais

+

BANCOS RUSSOS DEVEM EMITIR CARTÕES POR SISTEMA CHINÊS

Bancos russos pretendem passar a emitir cartões de crédito pelo sistema UnionPay, da China, depois que as bandeiras americanas Visa e Mastercard anunciaram que vão interromper suas operações na Rússia, em represália ao ataque à Ucrânia.

Mais de

60

empresas já cortaram laços comerciais com a Rússia

Na mira do Ocidente, iates de bilionários se espalham pelo globo para escapar de sanções

GUERRA NA UCRÂNIA

Thiago Bethônico

SÃO PAULO Na última quarta (2), cinco bilionários russos deslocaram seus iates para as Maldivas em busca de tranquilidade. Não a que pode ser encontrada nas praias do arquipélago. O sossego procurado era outro: ficar longe das sanções do Ocidente.

A nação insular, localizada no Oceano Índico, não tem tratado de extradição com os EUA, algo valioso quando países congelam dinheiro e confiscam bens da elite financeira russa para pressionar o presidente Vladimir Putin.

Um iate avaliado em US$ 120 milhões (R$ 605 milhões) que estava ancorado no porto de La Ciotat, no sul da França, já foi confiscado. Sua propriedade é atribuída a Igor Sechin, presidente da maior produtora de petróleo da Rússia.

O bilionário está na lista de sanções da Europa e dos Estados Unidos, assim como outras dezenas de russos —muitos deles donos de iates tão caros e imponentes quanto.

Um levantamento feito pela **Folha**, a partir de dados da Organização Marítima Internacional e dos sites Marine Traffic e Superyacht Fan, mostrou que pelo menos dez embarcações estão ligadas a oligarcas sancionados pelo Ocidente.

Somando um valor de US$ 2,84 bilhões (R$ 14,4 bilhões), os dez iates estão espalhados ao redor do mundo: de Dubai ao arquipélago de Seicheles, no leste da África.

A grande maioria estava em nome de offshores registradas nas Ilhas Cayman ou Ilhas Virgens Britânicas, o que dificulta a identificação dos proprietários. Uma das exceções é Oleg Tinkov, empresário fundador do Tinkoff, um dos maiores bancos online do mundo.

O iate dele, chamado "La Datcha", navega com bandeira da Rússia e sua posse não é nenhum segredo.

Localização de iates dos oligarcas russos sancionados pelo Ocidente

Alexei Mordashov, empresário e acionista do Bank Rossiya
1 Nome do iate: Nord
- Tamanho: 142 metros
- Valor: US$ 500 milhões (R$ 2,5 bi)
- Última posição: Arquipélago de Seicheles, próximo à costa leste da África
- Data: 4.mar.2022

Alisher Usmanov, magnata dos metais e tecnologia
2 Nome do iate: Lady Gulya
- Tamanho: 111,5 metros
- Valor: US$ 300 milhões (R$ 1,52 bi)
- Última posição: Sri Lanka
- Data: 21.fev.2022

3 Nome do iate: Dilbar
- Tamanho: 156 metros
- Valor: US$ 800 milhões (R$ 4 bi)
- Última posição: Porto de Hamburgo, Alemanha
- Data: 21.dez.2021

Andrei Skoch, magnata do aço na Rússia
4 Nome do iate: Madame Gu
- Tamanho: 99 metros
- Valor: US$ 150 milhões (R$ 761 mi)
- Última posição: Dubai
- Data: 28.fev.2022

Arkady Rotenberg, dono de empresas de construção e colega de Putin
5 Nome do iate: Rahil
- Tamanho: 65 metros
- Valor: US$ 75 milhões (R$ 380,6 mi)
- Última posição: Próximo à ilha italiana de Sardena
- Data: 4.mar.2022

Igor Sechin, empresário e acionista do Bank Rossiya
6 Nome do iate: Amore Vero
(Iate foi apreendido pela França)
- Tamanho: 86 metros
- Valor: US$ 120 milhões (R$ 605 mi)
- Última posição: La Ciotat, França
- Data: 3.mar.2022

Oleg Deripaska, fundador da gigante do setor de alumínio Rusal
7 Nome do iate: Clio
- Tamanho: 73 metros
- Valor: US$ 65 milhões (R$ 329 mi)
- Última posição: Golfo de Suez, no extremo norte do Mar Vermelho
- Data: 1º.fev.2022

Oleg Tinkov, fundador do banco online Tinkoff
8 Nome do iate: La Datcha
- Tamanho: 77 metros
- Valor: US$ 110 milhões (R$ 558,2 mi)
- Última posição: Oceano pacífico, perto da cidade mexicana de Tijuana
- Data: 4.mar.2022

Roman Abramovich, dono do Chelsea Football Club
9 Nome do iate: Solaris
- Tamanho: 140 metros
- Valor: US$ 600 milhões (R$ 3 bi)
- Última posição: Barcelona
- Data: 4.mar.2022

Viktor Vekselberg, presidente do conglomerado Renova Group
10 Nome do iate: Tango
- Tamanho: 78 metros
- Valor: US$ 120 milhões (R$ 605 mi)
- Última posição: Palma, Espanha
- Data: 4.mar.2022

Fonte: Marine Traffic, SuperYacht Fan e Organização Marítima Internacional

Começa envio da declaração do IR; prazo será mais curto

Declaração pré-preenchida estará disponível no dia 15 para 10 milhões

Cristiane Gercina e Luciana Lazarini

SÃO PAULO Os 34,1 milhões de contribuintes obrigados a declarar o Imposto de Renda 2022 podem, a partir das 8h desta segunda (7), baixar o programa e enviar a declaração à Receita Federal.

O prazo para prestar contas termina às 23h59 do dia 29 de abril. Quem é obrigado a declarar e perde a data-limite paga multa mínima de R$ 165,74, que pode chegar a 20% do imposto devido no ano.

Em 2022, os contribuintes terão menos tempo para fazer a declaração, já que o programa, que costumava ser liberado em 1º de março, atrasou devido à operação-padrão dos servidores da Receita, mas novidades que serão implantadas pelo órgão podem facilitar o preenchimento.

Os cidadãos que tiverem conta gov.br nível prata ou ouro poderão preencher o Imposto de Renda em várias plataformas. O contribuinte pode começar a declarar o IR no computador e terminar de fazê-lo de forma online, pelo Meu Imposto de Renda, dentro do e-CAC (Centro de Atendimento Virtual da Receita Federal), ou no celular ou tablet.

A partir de 15 de março, estará disponível a declaração pré-preenchida, também para quem tem conta gov.br nível prata ou ouro. A estimativa da Receita Federal é que 10 milhões de usuários tenham acesso a essa funcionalidade.

É obrigado a declarar o Imposto de Renda 2022 o contribuinte que recebeu rendimentos tributáveis de mais de R$ 28.559,70 em 2021, o que inclui salário, aposentadoria e pensão, por exemplo. Se recebeu rendimentos isentos, não tributáveis ou tributados exclusivamente na fonte acima de R$ 40 mil também está obrigado a declarar.

Quem teve movimentações na Bolsa de Valores, passou a morar no país em 2021 e aqui estava em 31 de dezembro ou teve lucro com a venda de bens e direitos no ano entra na lista de obrigatoriedade.

Contribuintes com bens e direitos acima de R$ 300 mil em dezembro de 2021 são obrigados a declarar. Há outras regras que obrigam o envio.

O primeiro passo de quem vai enviar o documento é baixar o programa ou o aplicativo Meu Imposto de Renda.

Para quem está declarando pela primeira vez, é preciso abrir um novo documento. No caso de quem já declarou o IR em anos anteriores, há a opção de importar os dados, caso tenha conta gov.br nível prata ou ouro ou se estiver fazendo a declaração no mesmo computador do ano anterior.

A primeira ficha é a de identificação, onde devem constar CPF, endereço, número de celular e ocupação principal.

Os rendimentos recebidos são declarados nas fichas específicas, conforme sua natureza. Se teve salário de empresa, o valor vai em "Rendimentos Tributáveis Recebidos de PJ". Se prestou serviço a pessoas físicas, deve declarar em "Rendimentos Tributáveis Recebidos de PF/Exterior".

Dentre as principais deduções estão despesas com dependentes, saúde e educação. Com exceção dos dependentes, que têm ficha própria, os demais gastos são declarados em "Pagamentos Efetuados".

Casa, carro e saldos das contas em bancos que forem maiores do que R$ 140 devem ser declarados ao fisco. Essas informações vão na ficha "Bens e Direitos". Dívidas acima de R$ 5.000 são informadas na ficha "Dívidas e Ônus Reais", desde que não sejam financiamento de casa ou carro.

Neste ano, a restituição poderá ser paga por Pix, caso a chave seja o CPF do titular da declaração. Se não for possível receber por Pix, o contribuinte deve informar uma conta em banco que seja válida.

Quem declara antes recebe a restituição primeiro. Nos primeiros lotes, o fisco paga o imposto a quem faz parte das prioridades legais: idosos, pessoas com deficiência física ou mental ou doença grave e profissionais cuja maior fonte de renda é o magistério. Para receber a restituição, que é paga em cinco lotes, o IR não pode ter erros que levem à malha fina.

Ilustração Catarina Pignato

Saiba tudo sobre a nova declaração do Imposto de Renda

PRAZO DE ENVIO

Das 8h desta segunda (7) até as 23h59 do dia 29 de abril. O programa para preencher e enviar a declaração será liberado nesta segunda (7)

QUEM DECLARA

É obrigado a declarar o Imposto de Renda o contribuinte que se enquadra em uma ou mais das situações abaixo:

- Recebeu rendimentos tributáveis acima de R$ 28.559,70 em 2021
- Recebeu rendimentos isentos, não tributáveis ou tributados exclusivamente na fonte acima de R$ 40 mil
- Obteve ganho de capital na alienação de bens ou direitos sujeito à incidência do imposto
- Teve isenção de imposto sobre o ganho de capital na venda de imóveis residenciais, seguido de aquisição de outro imóvel residencial no prazo de 180 dias
- Fez operações em Bolsas de Valores, de mercadorias, de futuros e assemelhadas
- Tinha, em 31 de dezembro de 2021, posse ou propriedade de bens ou direitos, inclusive terra nua, acima de R$ 300 mil
- Obteve receita bruta na atividade rural em valor superior a R$ 142.798,50
- Quem quer compensar, em 2021 ou anos seguintes, prejuízos da atividade rural de 2021 ou anos anteriores
- O contribuinte que passou à condição de residente no Brasil em qualquer mês e encontrava-se nessa condição em 31 de dezembro de 2021

VALOR DAS DEDUÇÕES NO IR

Com dependentes
R$ 2.275,08 por dependente

Com educação
Limite individual de até R$ 3.561,50 no ano

Limite do desconto simplificado
R$ 16.754,34

PARA QUEM TEM RESTITUIÇÃO PARA RECEBER

Calendário de pagamentos

1º lote	31/mai
2º lote	30/jun
3º lote	29/jul
4º lote	31/ago
5º lote	30/set

Têm prioridade na restituição, nesta ordem

1. Idosos acima de 80 anos
2. Contribuintes entre 60 e 79 anos, contribuintes com alguma deficiência física ou mental ou doença grave, profissionais cuja maior fonte de renda seja o magistério, por ordem de envio da declaração

Como será a restituição

- A opção de informar a agência e conta bancária para receber o valor permanece
- **NOVO** A restituição poderá ser paga por Pix, para o titular que tenha chave com seu número de CPF

PARA QUEM TEM IMPOSTO A PAGAR

Quando é o vencimento das cotas

1ª cota ou cota única do Darf	até 29/abr
da 2ª à 7ª cota do imposto	até o último dia útil do mês
8ª cota	até 30/nov

- Para pagar com débito automático é preciso enviar a declaração até 10 de abril
- Para destinar parte do valor a pagar para fundos do idoso e da criança e adolescente a destinação deve ser feita até 29 de abril

Como pagar

- Com Darf (Documento de Arrecadação de Receitas Federais)
- **NOVO** Pelo Pix: o Darf terá um QR Code

CONFIRA AS NOVIDADES DA DECLARAÇÃO DE 2022

Pix
O contribuinte terá a opção de receber a restituição do Imposto de Renda por Pix. Essa opção só será disponível para chave Pix igual ao CPF do titular da declaração. O objetivo, segundo a Receita, é reduzir a necessidade de reagendamento da restituição de contas inválidas. Também será possível pagar o imposto devido por Pix

Auxílio emergencial
A declaração não terá a opção de devolução do auxílio emergencial recebido indevidamente. O auxílio é rendimento tributável e deve ser declarado por todos que são obrigados a enviar o IR. É o caso de quem conseguiu emprego após receber o auxílio e é obrigado a declarar por alguma das regras da Receita

Declaração pré-preenchida
Estará disponível a partir de 15 de março para 10 milhões de contribuintes. Para acessá-la, será preciso ter cadastro nível ouro ou prata no portal gov.br. Já estarão preenchidos rendimentos recebidos de empresas e gastos com saúde informados pelos convênios. Podem estar preenchidos gastos com saúde que tiverem sido informados pelo profissional de saúde

Usuários com conta gov.br nível ouro e prata poderão ter acesso à declaração pré-preenchida em qualquer plataforma, como desktop, celulares e tablet

Dependentes e alimentandos
Será necessário declarar se o dependente mora ou não com o titular. Para alimentandos (que recebem pensão alimentícia), os declarantes terão que informar quem paga a pensão, se o titular ou o dependente

Renavam do carro
Será obrigatório informar o número do Renavam (Registro Nacional de Veículos Automotores) do veículo

Ações judiciais
A ficha RRA, de Rendimentos Recebidos Acumuladamente, terá um campo para o contribuinte informar os juros da ação judicial

Bens e direitos
A ficha Bens e Direitos traz um novo agrupamento dos códigos, divididos entre bens móveis, bens imóveis, participações societárias, aplicações e investimentos, criptoativos, entre outros

Folha e IOB iniciam tira-dúvidas de leitores sobre o Imposto de Renda

FOLHA EXPLICA O IR COM IOB

SÃO PAULO A Folha e a consultoria IOB começam a responder a dúvidas de leitores sobre a declaração do Imposto de Renda 2022. Os leitores já podem enviar perguntas para o email tireduvidasdoir@grupofolha.com.br com o nome (as respostas incluirão só as iniciais). Perguntas e respostas serão compiladas e publicadas em março e abril pela **Folha**.

*

Como declarar financiamento imobiliário em banco por duas pessoas? (S.Q.)
Considerando ser imóvel adquirido em condomínio, cada uma deve declarar a parte que lhe cabe, conforme contrato. Na declaração de cada uma, na ficha Bens e Direitos, utilize o código correspondente ao imóvel (se é uma casa ou um apartamento). No campo Discriminação, informe os dados relativos ao bem, a forma de aquisição (bem adquirido em sociedade/condomínio), indicando o percentual do imóvel que cabe a cada uma e os dados do financiamento. Nos campos próprios, indique a localização (país), Inscrição Municipal (IPTU) e data de aquisição. Informe endereço, área total do imóvel, matrícula e nome do cartório, se for o caso. Deixe em branco o campo de 2020, considerando que a aquisição tenha ocorrido em 2021. Cada uma informa o valor de sua parte no campo de 2021. Se o imóvel foi adquirido por cônjuges na constância do casamento, com regime de comunhão total ou parcial de bens, apenas um deles deve informá-lo em sua declaração.

Estou construindo uma casa com financiamento bancário. Como declaro os pagamentos já realizados? (L.C.)
O financiamento em que o bem é dado como garantia do pagamento (tais como alienação fiduciária, hipoteca ou penhor) deve ser informado na ficha Bens e Direitos, como construção. Informe a localização (país) e, no campo Discriminação, indique a data, os dados do contrato de financiamento e os dados do imóvel. O valor total pago pelo financiamento entra na coluna de 2021.

Vendi um imóvel em 2021. Com o dinheiro, comprei outro de menor valor e paguei IR sobre a diferença (ganho de capital). Como declaro? (S.F.)
São duas transações, a primeira é a venda do imóvel já constante da declaração, e a segunda, a aquisição de um novo imóvel. Os dados do GCap 2021 devem ser importados pela ficha Ganhos de Capital - Bens Imóveis. O imóvel vendido deve ser baixado da ficha Bens e Direitos. No campo Discriminação, informe a venda, com data, nome e CPF/CNPJ do comprador e o valor. Mantenha o valor do campo 2020 e deixe em branco o de 2021. Na mesma ficha, informe o novo imóvel pelo código correspondente. No campo Discriminação, indique o imóvel e os dados do vendedor (CPF/CNPJ), a localização (país) e a Inscrição Municipal (IPTU). Nos campos específicos, informe endereço, área total do imóvel, data de compra, registro no cartório de imóveis, matrícula do imóvel e nome do cartório, se for o caso. Não preencha o campo de 2020. No de 2021, informe o valor pago.

Trabalho como psicóloga e declaro como pessoa física. Tenho MEI e presto serviços de fotógrafa. Como declaro? (G.N.)
Você terá de entregar duas declarações: uma no CPF da pessoa física e outra no CNPJ da MEI (DASN-Simei). Os rendimentos da MEI a título de lucros serão calculados com base no resultado da multiplicação da receita bruta da MEI por 32% e devem constar na linha 13 da ficha Rendimentos Isentos e Não Tributáveis. Indique o tipo de beneficiário, o CNPJ e o nome da fonte pagadora (MEI) e o valor recebido. Os rendimentos recebidos a título de pró-labore devem ser informados na ficha Rendimentos Tributáveis Recebidos de PJ pelo Titular, com o CNPJ e o nome da MEI. Se os rendimentos como psicóloga foram pagos por pessoas físicas, você está sujeita ao pagamento do IR mensalmente pelo carnê-leão e deverá informá-los na ficha Rendimentos Tributáveis Recebidos de PF e do Exterior pelo Titular. Se foram pagos por pessoas jurídicas, a parte correspondente deverá ser informada na ficha Rendimentos Tributáveis Recebidos de PJ pelo Titular.

Envie sua dúvida

As perguntas devem ser enviadas para o email tireduvidasdoir@grupofolha.com.br. A **Folha** publica as respostas que possam abranger o maior número possível de leitores

SAIBA MAIS SOBRE O IR folha.com/impostoderenda

Ciberguerra tem dinâmica própria

Com internet disseminada, guerra espalha seus efeitos ao redor do planeta

Ronaldo Lemos
Advogado, diretor do Instituto de Tecnologia e Sociedade do Rio de Janeiro

Um elemento-chave na tragédia da Ucrânia consiste nos desdobramentos imprevisíveis da prática de "ciberguerra". Em paralelo ao conflito militar físico, há um outro conflito grave sendo travado no campo da tecnologia da informação.

Vale notar que esse conflito virtual não começou agora. Em 2015, a Ucrânia já havia sofrido ataques à sua rede elétrica que geraram blecautes para milhares de pessoas. Muitos outros ciberataques foram feitos desde então.

Isso demonstra uma das características da ciberguerra: ela é persistente e generalizada. Ocorre tanto em momentos de "paz" como de "guerra" e perdura mesmo depois que as operações físicas se encerrem. Ciberataques, infelizmente, são um estado permanente da condição humana atual.

É nesse contexto que decisões difíceis estão sendo consideradas. Do lado dos países ocidentais, discutiu-se nos últimos dias a possibilidade de excluir a Rússia da rede Swift. Trata-se da rede bancária global surgida em 1973 que permite a realização de pagamentos e transferências entre bancos do mundo todo. Quando foi criada, a Swift era um arranjo praticamente único (ainda que caro e cheio de ineficiências).

Hoje, em tempos de internet, a Swift concorre com inúmeras alternativas e concorrentes. Por exemplo, a China vem desde 2015 construindo sua própria rede interbancária global, chamada Cips. A Índia e a própria Rússia vêm fazendo ações similares. Além disso, a existência das criptomoedas criou também alternativas a pagamentos e transferências internacionais.

Como resultado, excluir a Rússia da rede Swift pode consistir em erro. Em vez de isolar o país como pretendido, pode acelerar outros arranjos, que, por sua vez, aceleram a redução de importância dos sistemas existentes. Autoridades da Ucrânia e ocidentais também solicitaram que as Bolsas de criptomoedas e infraestruturas de blockchain passassem a recusar transações provenientes da Rússia. Até agora a maioria desses pedidos não foi atendida. Afinal, criptomoedas foram criadas justamente como infraestruturas capazes de resistir a vários tipos de intervenção externa, inclusive de governos.

É também relevante acompanhar mobilizações como do grupo Anonymous no esforço de atacar alvos digitais na Rússia. Ao mesmo tempo, a empresa Starlink, de Elon Musk, anunciou que posicionaria seus satélites sobre a Ucrânia para facilitar o fornecimento de acesso à internet aos cidadãos do país. Até agora, nem o Anonymous nem o Starlink parecem ter produzido qualquer resultado realmente relevante com suas ações.

Já as redes sociais enfrentam um dilema singular. Na sexta (4), houve relatos de que tanto o Facebook quanto o Twitter foram bloqueados na Rússia. Ao mesmo tempo, essas mesmas plataformas acabam sendo utilizadas como palco para propaganda de guerra e de influência. Grupos no Telegram (sempre ele!) também rapidamente se mobilizaram para coordenar ciberataques e como quartéis-generais para disseminação de propaganda.

Em outras palavras, com a internet e a tecnologia digital amplamente disseminada, a guerra acaba tendo um efeito de contágio. Espalha seus efeitos ao redor do planeta. Mais do que isso, revela como redes que até então eram vistas como "neutras" são na verdade territórios de disputa permanente, muitas vezes violenta.

READER

Já era Guerra somente no espaço físico

Já é Guerra física e virtual

Já vem Guerra virtual persistindo muito depois que a guerra física se encerrar

Começa hoje transferência do dinheiro esquecido em bancos

SÃO PAULO O Banco Central libera, nas primeiras horas desta segunda-feira (7), os valores a receber que os brasileiros esqueceram em bancos e instituições financeiras. O pedido de transferência do dinheiro deve ser feito no site valoresareceber.bcb.gov.br. O montante será pago por Pix, DOC (Documento de Crédito) ou TED (Transferência Eletrônica Disponível) em até 12 dias úteis.

Para fazer a solicitação do dinheiro, o cidadão precisa de uma conta gov.br nível prata ou ouro. Sem esse selo de segurança não é possível ter acesso ao dinheiro (saiba como obter o selo de segurança em folha.com/g1y63hra).

O resgate dos valores é feito no dia e na hora marcados pelo Banco Central na consulta anterior que o cidadão deve ter feito no sistema.

Nesta segunda, será a hora de saber quanto irá transferir, em qual instituição o dinheiro está e qual está sendo o motivo da devolução.

Segundo Banco Central, a transferência é feita em cinco passos, tanto para quem tem dinheiro em uma instituição quanto para quem tem valores a receber em mais de um banco. O calendário de pagamento vai até o dia 26 de março.

Recebem primeiro, entre 7 e 11 de março, os nascidos antes de 1968. Depois, entre 14 e 18 de março, é a vez de quem faz aniversário de 1968 a 1983. Por último, entre os dias 21 e 25 de março, o dinheiro estará disponível para quem nasceu após 1983.

O horário de pagamento varia: vai das 4h às 14h e das 14h às 24h, segundo o Banco Central. Caso não compareça no site na data e hora indicadas, o cidadão terá direito à repescagem, que ocorrerá nos sábados. Para nascidos antes de 1968, a repescagem é no dia 12. Aniversariantes de 1968 a 1983 podem tentar o resgate no dia 19 e, para quem nasceu após 1983, a repescagem é no dia 26.

Quem perder essas datas poderá voltar ao sistema a partir do dia 28 de março. Segundo a instituição monetária, o dinheiro seguirá guardado para seu proprietário.

Risco de falta de fertilizantes cria onda desproporcional na Bolsa

Investir exige compreender onde há espaço para as empresas crescerem; e quando

Marcos de Vasconcellos

Jornalista, assessor de investimentos e fundador do Monitor do Mercado

A dor do mercado de ações está na busca incessante e inviável por prever o futuro. Na miríade de artigos sobre tendências e perspectivas para 2022, não vi quem tenha falado sobre uma guerra na Europa, bem como, nas previsões para 2020, ninguém sugeria o início de uma pandemia.

Essa estranha sucessão de terríveis e históricos eventos que vivenciamos, fora de qualquer previsão, mostra como a preparação das empresas para cenários pouco prováveis deve, sim, ser uma preocupação para os investidores.

É por isso que profissionais usam ferramentas (gráficos, cálculos de correlação, análises de exposição a determinados mercados) para definir carteiras de investimento. E é também por isso que medem os resultados das companhias como "acima" ou "abaixo" das expectativas — não necessariamente como "bom" ou "ruim".

Longe de mim repetir bobagens como "na crise, uns choram e outros vendem lenço". Esse apelo raso ignora, principalmente, que você não escolhe como será atingido por uma crise. Quem tem seu bairro bombardeado ou perde familiares para um vírus devastador não precisa de lições sobre empreendedorismo.

Dito isso, olhando o aspecto econômico, a guerra na Ucrânia deixou-nos, de imediato, sob o risco de abastecimento de fertilizantes — essenciais para um país com foco na produção agrícola —, de trigo — como se o supermercado já não estivesse caro o bastante — e de petróleo — e tome aumento no preço da gasolina.

Das produtoras nacionais de fertilizantes, vale olhar o caso da Fertilizantes Heringer, que está há dois anos em recuperação judicial e acaba de protocolar um pedido para sair dela.

Quando protocolou o pedido para sair da recuperação, em 16 de fevereiro, suas ações (FHER3) tiveram uma boa alta, de 3,59%. Com a ofensiva russa na Ucrânia, no entanto, os papéis saltaram mais de 27%.

A princípio, sair da recuperação judicial é um passo muito importante na vida de uma empresa. Com isso, ela abre as portas das instituições financeiras e do mercado como um todo para expandir seus negócios e voltar a crescer. No mundo dos fundamentos, é onde está o poder de a companhia se valorizar ou não no futuro.

Ainda assim, o que atiçou mesmo a adrenalina dos investidores foram as manchetes sobre a guerra e a ministra da Agricultura, Tereza Cristina, anunciando que o estoque de fertilizantes que temos dura até outubro, bem como o lançamento de um "Plano Nacional de Fertilizantes".

O tal plano, pelo que deu para entender, será um "diagnóstico" sobre a oferta de fertilizantes no Brasil, que poderá trazer propostas legislativas como mudança nas regras de licenciamento ambiental para exploração de jazidas e permissão para extração em terras indígenas.

Ou seja, até agora, trata-se apenas da sugestão de que será feito um estudo a partir do qual devem ser sugeridas mudanças legais, mexendo inclusive com demarcação de território indígena. Isso em ano de eleição presidencial, quando é sabidamente mais difícil aprovar projetos que possam servir como queda de braço pública.

Quem olha para isso na hora de comprar uma ação ignora que, mesmo sendo uma empresa brasileira, a Heringer é totalmente dependente da importação de insumos para a produção de seus fertilizantes. Em 2020, 78% das matérias-primas usadas na produção foram importadas.

O aviso foi feito pela própria empresa, ao elencar os riscos de sua operação: "Nossa lucratividade tem sido, e pode ser no futuro, afetada pelo preço e pela oferta dessas matérias-primas".

Isso estava ali, nas linhas do formulário de referência entregue pela empresa à CVM. Mas quem não parou para entender o negócio do qual, no fim, vai ser um sócio ao comprar ações pode facilmente pensar que os fertilizantes seriam o "lenço" para vender na crise.

No fim das contas, as ações subiram quando a oferta dos insumos essenciais à produção começa a cair, criando uma onda desproporcional.

Mais do que apostar num jogo de previsões sobre oferta e demanda, investir exige compreender onde há espaço para as empresas crescerem. E quando.

A análise política sobre a liberação ou não dos fertilizantes do Leste Europeu para o Brasil é mais do que difícil. Ao mesmo tempo que a viagem de Jair Bolsonaro à Rússia para tratar do tema antes do início da guerra pode trazer alívio, o fato de o Brasil ter sido o único dos Brics a votar contra Vladimir Putin na ONU pesa do outro lado da balança.

| DOM. Samuel Pessôa | SEG. Marcos de Vasconcellos, Ronaldo Lemos | **TER. Michael França**, Cecília Machado | QUA. Helio Beltrão | QUI. Cida Bento, Solange Srour | SEX. Nelson Barbosa | SÁB. Marcos Mendes, Rodrigo Zeidan

Marcos de Vasconcellos passa a assinar coluna de investimentos no Folhainvest

SÃO PAULO A partir desta segunda-feira (7), a coluna do jornalista e fundador do Monitor do Mercado Marcos de Vasconcellos passa a ser publicada também na versão impressa da **Folha de S.Paulo**. Seus textos seguirão com os temas abordados em suas colunas no site, onde já publicava às quintas: Bolsa de Valores, empresas e investimento.

A planejadora financeira Marcia Dessen continuará publicando suas colunas no site do jornal, todas as segundas, no link www.folha.com.br/colunas/marciadessen.

Segundo Vasconcellos, sua coluna pretende refletir sobre o mercado financeiro "para criar insights e explicar movimentos ao leitor". O foco será o mercado de renda variável mais tradicional, embora oportunidades de renda fixa e novos tipos de investimento, como criptoativos, também estejam no seu radar.

A área de investimentos sempre foi de interesse do jornalista, mas ele começou a considerar atuar exclusivamente no setor em 2017, quando notou uma corrida dos brasileiros à Bolsa de Valores.

Naquele ano houve um primeiro salto de pessoas físicas na B3, de 564.528 no ano anterior para 620.313. Tímido, perto do que viria: hoje, são mais de 5 milhões.

Na época, Vasconcellos era chefe de redação do site de notícias jurídicas Conjur, onde estava desde o final de 2011, quando saiu da **Folha** — foi no jornal que começou a sua carreira, por meio do Programa de Treinamento, após se formar na UFF (Universidade Federal Fluminense) em 2010.

O Monitor começou como uma newsletter para colegas. Interessado em programação, ele criou robôs para puxar dados de empresas e ler balanços de forma mais eficiente.

Atualmente, a empresa tem uma equipe para cobrir o setor e uma assessoria de investimentos, para quem quer entrar nesse mundo. Começar a investir sem conhecimento e tratando o mercado "como um cassino", diz, leva a grandes tombos. Segundo ele, é preciso jogar o jogo dos profissionais, que é o do equilíbrio.

"Tentar prever o futuro normalmente dá errado. É preciso criar uma estratégia que seja útil para todos os cenários", afirma. "Tem uma lógica principal por trás, que é criar investimentos que protejam uns aos outros ao longo do tempo."

Entender isso sozinho exige tempo para estudar e deve ser encarado como uma espécie trabalho, mas não é impossível, segundo ele: "Como pessoa física você tem plena capacidade de conseguir fazer uma diversificação real com os próprios investimentos".

mpme

Luana Genót, em cena do reality show da Netflix 'Ideias à Venda', que estreou em fevereiro Vans Bumbeers/Divulgação

Empreendedoras negras ganham espaços, mas poucas estão no comando

Se o pequeno empresário não enxerga essas pessoas ocupando tais posições, não consegue se imaginar nelas, afirmam especialistas

Marília Miragaia

SÃO PAULO A visibilidade de empreendedores negros vem aumentando nas últimas décadas, afirmam especialistas e empresários ouvidos pela Folha, mas figuras em lugar de autoridade ainda são raras e precisam ser popularizadas.

É o caso de Luana Genót, 32, única jurada fixa do reality show de empreendedorismo "Ideias à Venda", que estreou mês passado na Netflix. O programa traz, a cada episódio, quatro competidores de um mesmo setor que apresentam seus projetos e disputam um prêmio de R$ 200 mil.

Nele, Genót, empresária que atua prestando consultoria a companhias para estruturar ações antirracistas, é responsável por testar o modelo de negócio dos participantes e dar conselhos a eles.

"Ofereço tanto a perspectiva de alguém que está fazendo a análise técnica quanto alguém que poderia dizer: 'Usaria esse secador se ele secasse um cabelo crespo, uma trança'."

"É uma visão holística do ponto de vista de quem se sente muito subestimado e subvalorizado no mercado", diz.

Para Márcio José de Macedo, professor e coordenador de diversidade da Escola de Administração de Empresas de São Paulo da FGV (Fundação Getulio Vargas), a visibilidade de empreendedores negros se dá como consequência de uma mudança na percepção social a respeito dessa população nas últimas décadas.

Esse movimento, afirma ele, está vinculado a uma discussão em torno do racismo, da desigualdade racial e de como isso impacta o funcionamento da sociedade e a vida da população negra.

O Brasil tem 14,5 milhões de empreendedores negros, que movimentam mais de R$ 288 bilhões por ano, de acordo com a pesquisa A Potência Negra, realizada pela Feira Preta em parceria com o Instituto Locomotiva.

Segundo o levantamento, de setembro de 2021, que teve 2.029 entrevistas, empreender é o principal objetivo para a população negra.

Pioneira no trabalho com esse mercado, a empresária Adriana Barbosa, 44, lançou há 20 anos a Feira Preta, que começou como evento de cultura e empreendedorismo e, no ano passado, incorporou também um marketplace e um programa de aceleração.

Para ela, o pequeno empresário teve papel fundamental para que lacunas de produtos e serviços que atendessem ao consumidor negro fossem preenchidas. As soluções, em muitos casos, vieram para sanar problemas que eles ou suas comunidades enfrentavam.

> **Quando você não reconhece [o pequeno empreendedor], não valoriza e não entende também que ele é um proponente no mercado, que vai precisar de crédito, de maquinário e de tecnologia**
>
> **Adriana Barbosa**
> fundadora da Feira Preta

"Se uma grande empresa hoje tem uma linha de maquiagem, precisou de uma pequena ter desenvolvido a demanda lá atrás", diz. "E, quando você não reconhece [o pequeno empreendedor], não valoriza e não entende também que ele é um proponente no mercado, que vai precisar de crédito, de maquinário e de tecnologia", acrescenta Adriana.

Para a antropóloga Izabel Accioly, que pesquisa relações raciais, exemplos de empreendedores negros em lugares de autoridade, como Genót na Netflix, ainda são raros e precisam ser popularizados.

"Se o empreendedor não vê pessoas negras nessas posições, não consegue se imaginar nelas", afirma ela.

Considerada a mulher mais disruptiva do mundo pela organização Women in Tech, Nina Silva, 39, CEO do movimento Black Money, mantém contato com uma rede de cerca de 5.000 afroempreendedores —pouco menos da metade participa do Mercado Black Money, marketplace lançado pouco antes da pandemia e que lista hoje 7.000 produtos.

Adriana Barbosa, que lançou há 20 anos a Feira Preta Marcus Steinmeyer/Divulgação

Nina Silva, que faz avaliação de negócios em programa na rede social Clubhouse Divulgação

O objetivo da iniciativa é fazer o dinheiro de pessoas negras circular entre empresas comandadas por negros.

Por isso, ao falar sobre temas como criptomoedas, Nina crê que pode inspirar empreendedores a desbravar e incorporar novas tecnologias.

Em janeiro, ela se tornou apresentadora do Pitch Brasil, programa lançado no Clubhouse, rede social baseada em áudio, em que cinco negócios de empreendedores negros e periféricos se apresentam por semana para serem avaliados por ela e outros jurados com experiência em startups, inovação e comunicação. O prêmio é de US$ 500 (cerca de R$2.500) por edição.

Independentemente do resultado, diz Nina, os participantes recebem retornos diretos sobre seus projetos, com ênfase em como levar o negócio para o digital de forma competitiva e aproveitar uma rede de relacionamento.

"Alguns estão fazendo o primeiro pitch [apresentação rápida que tem a intenção de atrair investidores] e dizem que foi bom estar em um lugar em que se sentem confiantes", afirma Nina. Segundo ela, cerca de 200 pessoas passam pela plataforma a cada nova edição do programa.

O trabalho das redes de negócios voltadas à comunidade negra ajuda a fortalecer a confiança e a autoestima desses empreendedores e a criar negócios sustentáveis, diz Camila Farani, investidora e jurada do programa de TV "Shark Thank Brasil", reality show exibido pelo Sony Channel.

Mesmo assim, afirma ela, um dos desafios do empresário negro é lidar com um estereótipo de empreendedor homem, branco e formado em universidade de ponta.

"É preciso lutar muito para conquistar espaço, o que leva tempo e, muitas vezes, é doloroso", diz Farani, também presidente da G2 Capital, sócia do Banco Modal e do PicPay.

A situação se agrava no caso de mulheres negras, que precisam provar frequentemente que suas ideias e projetos são consistentes. "Um trabalho recente da Harvard Review menciona estudos que mostram que as pessoas, nas empresas, tendem a acreditar que mulheres negras são mais propensas a atitudes raivosas e beligerantes. E isso, muitas vezes, é atribuído a um traço de personalidade", diz.

A consequência desse cenário, diz ela, é que a capacidade de liderar dessas mulheres passa a ser mais questionada.

"Por isso, vale uma reflexão: quando falamos de empreendedorismo e startups, estamos falando da próxima geração de líderes e de empresas do Brasil. Então, é fundamental que o tema da diversidade e inclusão seja encarado de forma mais séria", diz.

Produzido por Feld Entertainment
Disney
ON ICE
Descobrindo
AVENTURAS
8 A 12 DE JUNHO
GINÁSIO IBIRAPUERA
INGRESSOS EM UHUU.COM
DIVIRTA-SE COM O PÔSTER
© Disney
Drogaria São Paulo
uol
alelo
OPUS

Vista de loja de armas em São Paulo Miguel Schincariol - 15 jan 2019/AFP

Venda de munição para CACs dobra em 2021 com ações de Bolsonaro

Colecionadores, atiradores desportivos e caçadores compraram 61,3 milhões de unidades no ano passado

Raquel Lopes

BRASÍLIA A venda de munições para CACs (colecionadores, atiradores desportivos e caçadores) dobrou em 2021, chegando a 61,3 milhões de unidades contra 28,5 milhões em 2020.

Os CACs têm sido beneficiados com uma série de normas no governo do presidente Jair Bolsonaro (PL), o que tem influenciado o crescimento de armas e munições nas mãos dessa categoria.

O atirador desportivo, por exemplo, antes dos decretos era dividido em três níveis. O maior deles, aquele que participa de campeonatos nacionais, poderia comprar até 16 armas e 40 mil munições ao ano.

Com as mudanças, não há mais a divisão por nível e qualquer um pode obter até 60 armas, podendo chegar a adquirir 180 mil munições anualmente.

Todo esse crescimento ocorre em paralelo a atos e discursos de Bolsonaro desde a campanha de 2018. O presidente, sua família e vários de seus apoiadores são ferrenhos defensores do armamento da população.

Na sua gestão, o mandatário estimulou o cidadão comum a se armar. Inclusive, deu acesso à população a calibres mais poderosos.

Em agosto do ano passado, no momento em que enfrentava uma crise institucional, Bolsonaro disse a apoiadores em frente ao Palácio da Alvorada que defendia que todos pudessem ter um fuzil. "Tem que todo mundo comprar fuzil, pô. Povo armado jamais será escravizado."

O governo já publicou 15 decretos presidenciais, 19 portarias, dois projetos de lei e duas resoluções que flexibilizam regras.

As medidas adotadas por seu governo ampliam o acesso da população a armas e munições e, por outro lado, enfraquecem os mecanismos de controle e fiscalização de artigos bélicos. Uma delas revogou três normas que melhoravam o rastreamento de armas e munições no país.

Como a **Folha** mostrou, os CACs têm participação ativa no governo Bolsonaro. Antes da publicação de quatro decretos, o processo de consulta nos bastidores à categoria demorou ao menos 11 meses. Eles foram os únicos ouvidos sobre as normas que regulam a compra de armamento e munição por agentes de segurança e CACs.

Em 2021, a venda de munições para o grupo pela primeira vez ultrapassou a venda para uso institucional, que chegou a 54,7 milhões. O crescimento dessa categoria, que envolve as forças policiais e as Forças Armadas, foi de 5% de 2020 para 2021.

Os dados inéditos do Exército Brasileiro foram obtidos via LAI (Lei de Acesso à Informação) pelo Instituto Sou da Paz. As informações mostram a evolução da venda de munições desde 2018.

Houve também aumento do número de registros e do arsenal bélico na mão dessa categoria. No total, há 795 mil armas registradas de CACs e 492 mil pessoas com registro ativo de CAC no Exército Brasileiro até novembro de 2021.

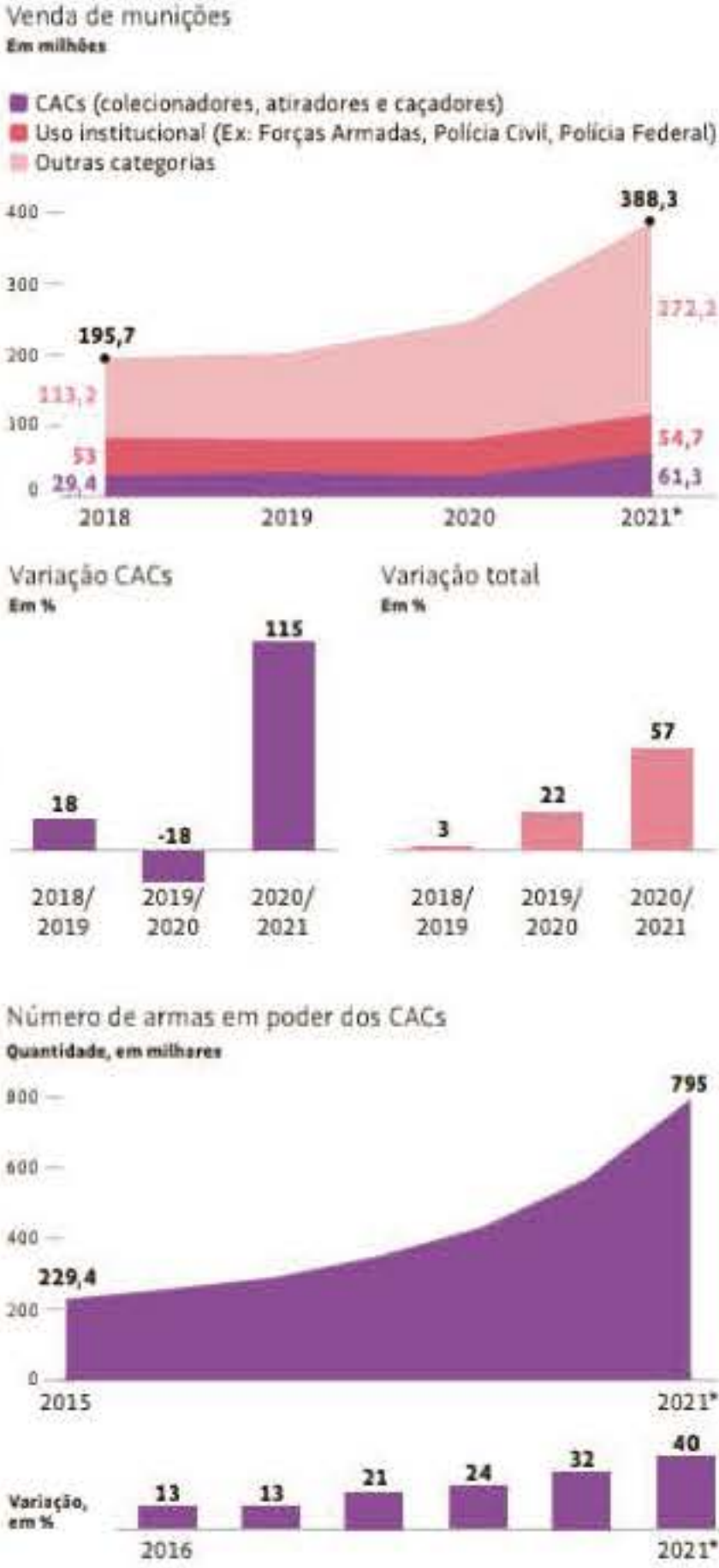
Com a justificativa de dar segurança jurídica à categoria, o PL 3.723/2019, do governo federal, pode beneficiar ainda mais esse público. Ele está sob a relatoria do senador Marcos do Val (Podemos-ES), que também é CAC, e ainda será votado na CCJ (Comissão de Constituição e Justiça) do Senado.

Conhecido como "PL da Bala Solta", o projeto altera pontos importantes da legislação sobre controle de armas e munições no país.

Um ponto do projeto prevê que os atiradores e caçadores transportem uma arma curta municiada e pronta para uso, em qualquer horário e trajeto para o local da prática de tiro. A autorização já consta em decreto publicado no governo Bolsonaro em 2019, mas a intenção é dar status de lei para esse ponto.

"Você pode morar na zona sul e ter um clube na zona norte e a qualquer horário, inclusive às 3h da manhã, alegar que está indo ao clube. Isso faz com que muitas pessoas que queiram ter o porte de arma, seja para defesa pessoal ou outros motivos, busquem essas categorias", diz Natália Pollachi, Gerente de Projetos do Instituto Sou da Paz.

Outro ponto assegura que os atiradores possam ter no mínimo 16 armas de calibre permitido ou restrito. O projeto, entretanto, não coloca limite máximo de armas que podem ser adquiridas, podendo ficar a critério de decretos publicados pelo governo federal. Atualmente, esse grupo pode adquirir até 60 armas.

Pollachi acrescenta que, ao mesmo tempo que flexibiliza as normas, o projeto impõe mais dificuldade de fiscalização. Como mostrou uma reportagem da **Folha**, os policiais hoje não conseguem ter acesso ao banco de dados do Exército por falta de integração dos sistemas.

Dessa forma, eles precisam enviar ofício para conseguir informações sobre armas utilizadas por CACs, por exemplo. O PL diz que para ter acesso aos bancos de dados que contenham informação de acervo de CACs, o servidor credenciado terá que apresentar um pedido formal justificando os motivos.

Michele dos Ramos, assessora especial do Instituto Igarapé, diz que os CACs têm sido os mais beneficiados com essas flexibilizações.

"As munições dessas categorias não são marcadas, como as de uso das forças de segurança, e o projeto não avançou nisso. Quando flexibiliza e não melhora a fiscalização, os desvios do mercado legal para o ilegal são facilitados, por exemplo", destaca.

Ivan Marques, advogado e membro do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, acrescenta que a marcação de munição para uso institucional é algo admirado pelo resto do mundo. Isso ajuda com que as munições sejam menos desviadas e, quando isso ocorrer, é possível saber qual a origem.

Em janeiro, por exemplo, foi apreendido um arsenal do Comando Vermelho na casa de uma pessoa que tinha registro de CAC emitido pelo Exército —65 armas que abasteciam diversas favelas do Rio, entre elas 26 fuzis, todas legalmente adquiridas.

O senador Marcos do Val defende o projeto e diz, por nota, que o PL 3.723/2019, regulamenta a posse e o porte de armas para os CACs, visando a segurança jurídica da categoria.

"O PL restringe o número de armas, prevê o rastreio das munições utilizadas e uma série de outras medidas que regulamentam a atividade. Como relator, sempre tratei o tema com a devida responsabilidade, ouvindo e acatando diversas emendas de outros senadores", afirma.

Além dos CACs, Marques destaca que o governo facilitou o acesso da população a armas e munições e deu acesso a calibres que antes eram permitidos só a policiais e às Forças Armadas.

"Uma arma com calibre 9mm, por exemplo, era de uso somente das Forças Armadas e, atualmente, o cidadão comum pode ter acesso a esse tipo de arma. Quando amplia esse uso para o cidadão comum aumenta também o universo de linhas de investigação e dificulta a resolução de crimes", afirma.

Ailton Patriota, coordenador técnico da CBTE (Confederação Brasileira de Tiro Esportivo), é favorável à flexibilização das normas sobre armas a atiradores desportivos, sobretudo ao aumento do número de equipamentos que podem ser adquiridos pelos CACs.

"Alguns atletas competem em várias modalidades e precisam de armas diferentes. Não acho que a quantidade de armas em circulação aumentaria a violência. O controle dessas armas é muito rígido", explica.

No entanto, ele diz discordar da permissão de transportar equipamentos prontos para uso, em qualquer horário e trajeto, para o local da prática de tiro.

"Se é um atleta, por que precisa andar armado?", indaga Patriota. "O que me preocupa é o aumento na quantidade de CACs, sem o aumento expressivo no número de atletas. É preciso uma cobrança maior."

O Exército foi procurado, mas não se manifestou até conclusão desta edição.

Colaborou Nathalia Garcia

Venda de munições para CACs dobra em 2021

Venda de munições
Em milhões

- CACs (colecionadores, atiradores e caçadores)
- Uso institucional (Ex: Forças Armadas, Polícia Civil, Polícia Federal)
- Outras categorias

Número de armas em poder dos CACs
Quantidade, em milhares

Número de novos registros concedidos a CACs por ano
Quantidade, em milhares

Regras para CACs

	Antes do governo Bolsonaro	Após decretos do governo Bolsonaro
Atirador desportivo	Eram divididos em três níveis, sendo que o de nível I poderia comprar até quatro armas e o de nível III até 16 armas. O de maior nível poderia comprar até 40 mil munições por ano	Pode comprar até 60 armas, podendo ser 30 de calibre de uso permitido e 30 de uso restrito. Pode comprar 5 mil munições para cada arma de uso permitido e 1 mil para arma de uso restrito, podendo chegar a 180 mil ao ano
Caçador	Poderia adquirir até 12 armas, havendo a possibilidade de 8 de calibre restrito. Poderia comprar até 6 mil munições por ano	Pode comprar até 30 armas, sendo 15 de uso permitido e 15 de uso restrito. Pode comprar 5 mil munições para arma de uso permitido e 1 mil para arma de uso restrito, podendo chegar a 90 mil munições por ano
Colecionador	Não há limite de armas, mas poderia comprar apenas uma por modelo. Poderia ter somente uma munição ativa para cada modelo de arma e poderia adquirir munições inertes, ou seja, que não funcionam	Não tem limite máximo de armas que podem ser adquiridas. No entanto, pode comprar cinco armas de cada modelo. As armas apostiladas como parte da coleção não podem ser usadas para compra de munições

*De jan a nov 2021 Fonte: Dados obtidos pelo Instituto Sou da Paz por meio da LAI (Lei de Acesso à Informação)

> Alguns atletas competem em várias modalidades e precisam de armas diferentes. Não acho que a quantidade de armas em circulação aumentaria a violência. O controle dessas armas é muito rígido
>
> **Ailton Patriota**
> coordenador técnico da CBTE (Confederação Brasileira de Tiro Esportivo)

> As munições dessas categorias não são marcadas, como as de uso das forças de segurança, e o projeto [de lei 3.723/2019] não avançou nisso. Quando flexibiliza e não melhora a fiscalização, os desvios do mercado legal para o ilegal são facilitados
>
> **Michele dos Ramos**
> assessora especial do Instituto Igarapé

O ‘atlas do sofrimento humano’

Emissão de gases de efeito estufa precisa ser reduzida para evitar catástrofe

Marcia Castro

Professora de demografia e chefe do Departamento de Saúde Global e População da Escola de Saúde Pública de Harvard

O segundo volume do sexto relatório do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC) foi lançado em 28 de fevereiro. A mensagem é clara e dura: as emissões de gases de efeito estufa precisam ser reduzidas em 45% até 2030 para que se evite uma catástrofe climática.

Cerca de 3,3 bilhões de pessoas vivem em áreas de alta vulnerabilidade. Um aumento médio da temperatura global em 1,5°C pode tornar cerca de 8% das terras agrícolas inviáveis ao plantio. Um aumento de 2°C levaria a escassez de água, prejudicaria a agricultura e a pesca, e causaria fome severa nas áreas mais vulneráveis.

Antônio Guterres, secretário-geral da ONU (Organização das Nações Unidas), descreveu o documento como um "atlas do sofrimento humano." O sofrimento, entretanto, é desigual. Entre 2010 e 2020, áreas vulneráveis na África, sul da Ásia e América do Sul registraram um número de mortes devido à seca, enchentes e tempestades 15 vezes maior do que nos países de renda alta.

Atualmente, cerca de 25% da população mundial está exposta aos efeitos do calor extremo. Até o final do século deverão ser de 50% a 75%. Parece um prazo muito longo, mas as mudanças são progressivas. A frequência e a intensidade de eventos climáticos extremos têm aumentado. No Brasil, cerca de 360 mil pessoas foram deslocadas devido a desastres climáticos em 2020, um aumento de 18% em relação a 2019.

Há urgência na adoção de ações de mitigação e adaptação. No contexto brasileiro, três pontos são importantes.

Primeiro, a situação crítica de destruição na Amazônia, com aumento do desmatamento e queimadas. A não reversão desse padrão poderá levar a savanização da Amazônia e expor entre 6 e 11 milhões de brasileiros ao calor extremo, afetando principalmente crianças, idosos, pessoas com comorbidades, e pessoas morando em condições de vulnerabilidade.

Segundo, o contexto urbano. A recente tragédia em Petrópolis é um retrato cruel da expansão urbana desordenada que acontece em várias cidades brasileiras. Dados do MapBiomas mostram aumento da expansão urbana informal em áreas com declive maior que 30% e, portanto, sujeitas a deslizamentos. A PEC 30/2011, aprovada na Câmara dos Deputados no dia 22 de fevereiro, extingue o terreno de marinha e pode levar a especulação imobiliária em áreas costeiras importantes para o equilíbrio ambiental e que deveriam ser preservadas.

Terceiro, o perigo da seca que leva à fome extrema e ao deslocamento em massa. A grande seca de 1877-79 devastou o Nordeste brasileiro, dadas as condições sociais devido à falta de políticas públicas. Cerca de 5% da população do país morreu, e os deslocamentos em massa levaram a criação dos abarracamentos, campos de concentração para abrigar os retirantes da seca. A escassez de água também compromete a capacidade energética. Cerca de 65% da geração de eletricidade no Brasil depende da água. Segundo o MapBiomas, de 1990 a 2020 o Brasil perdeu 15,5% de superfície de água.

Na Amazônia, nas cidades e no Nordeste, são os mais vulneráveis que sofrem.

Como disse Paul Farmer, falecido precocemente no último dia 22, "a ideia de que algumas vidas valem menos que outras é a raiz de tudo que está errado no mundo".

Sem uma política social que verdadeiramente promova a inclusão e a redução das desigualdades, envolvendo diversos atores na busca por soluções, as perdas humanas e ambientais serão incalculáveis. A humanidade tem conhecimento e recursos para impedir essas perdas. Há que haver mais empatia e menos ganância.

Ainda há tempo para agir e reagir. Que todos pensemos nisso ao votar em outubro.

| DOM. Antonio Prata | SEG. Marcia Castro, Maria Homem | **TER. Vera Iaconelli** | QUA. Ilona Szabó de Carvalho, Jairo Marques | QUI. Sérgio Rodrigues | SEX. Tati Bernardi | SÁB. Oscar Vilhena Vieira, Luís Francisco Carvalho Filho

Rede acolhe vítima de violência doméstica no Rio

Centro especializado aplicou modelo de capacitação profissional e integração de setores e dobrou atendimentos

VIDA PÚBLICA

Emerson Vicente

SÃO PAULO A cada cinco minutos uma mulher é vítima de violência doméstica no estado do Rio de Janeiro. Além dos danos físicos e emocionais, o medo e a burocracia também contribuem para a falta de denúncia. Mas um trabalho com ênfase na capacitação de profissionais e na criação de uma rede envolvendo assistência social, jurídica, de saúde e de educação deu alento às mulheres da capital fluminense.

O modelo, coordenado pela gestora Rosangela Pereira da Silva, 48, no Centro Especializado de Atendimento à Mulher Chiquinha Gonzaga, refletiu aumento de 100% nos atendimentos na unidade em dois anos e rendeu à funcionária pública o Prêmio Espírito Público, em 2021, no eixo setorial Assistência Social.

Rosangela Pereira em sua sala no centro de atendimento Chiquinha Gonzaga Divulgação

Em 2019, a unidade liderada por Rosangela havia registrado 1.675 atendimentos. No ano passado, o número saltou para 3.341.

"Desde 2017, eu e minha equipe investimos muito em capacitação, em profissionais que saibam, entendam do que se trata a violência pública, como acolher uma mulher em situação de violência doméstica. Começamos a fazer um grande trabalho, divulgando nas redes públicas de assistência, saúde, educação e Justiça sobre o serviço. Com isso, começamos a aumentar o número de atendimentos às mulheres, começamos a ter visibilidade", diz Rosangela.

De acordo com o Dossiê Mulher 2021, mais de 98 mil mulheres foram vítimas de violência familiar e doméstica em todo o estado do Rio de Janeiro em 2020, sendo que 78 foram mortas.

"Não é simples fazer uma denúncia, não é simples procurar ajuda, principalmente no município do Rio de Janeiro. Na capital, temos companheiras, esposas de pessoas envolvidas com milícia, Forças Armadas, polícia. E temos também algumas que são companheiras de pessoas envolvidas com o tráfico e com outras questões complicadas, como com pessoas que já cometeram homicídio", diz a gestora.

Rosangela cita o caso de uma mulher que havia sido esfaqueada pelo companheiro em uma área comandada por milícia. Houve uma demora para buscar atendimento, pois nem os vizinhos conseguiam ajudar, já que muitas das mulheres da região vivem a mesma situação e têm medo.

Para a gestora, formada em Serviço Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, a organização foi fundamental para a maior visibilidade do serviço e para dar garantia de acolhimento às vítimas.

Segundo Rosangela, um dos motivos que levou ao reconhecimento do trabalho com o Prêmio Espírito Público foi pensar que a política pública tem que estar em conjunto com outros setores, formando uma rede institucional coesa e alinhada.

"Trabalhamos muito com as unidades de saúde, com as unidades de segurança pública, com o Judiciário, com as ONGs, associação de moradores, porque todos, dependendo do caso dessa mulher, são importantes para que ela consiga sair dessa situação, sair viva e reconstruir uma nova vida."

Até o meio do ano passado, a unidade era composta por três assistentes sociais, três psicólogos, e uma orientadora jurídica. Segundo Rosangela, foram feitos termos de cooperação com universidades com residências profissionais da saúde da mulher. Atualmente, de 30 a 40 profissionais passam pelo programa na unidade durante o ano.

"Com essas residências, nós recebemos profissionais com formação em serviço social, em psicologia e em enfermagem. No início, damos a formação sobre violência doméstica, de como fazer o atendimento, qual é a rede e recursos que lançamos mão."

Nascida na Baixada Fluminense, uma das regiões mais violentas do país, a filha de costureira e de pedreiro viu de perto a falta de políticas públicas. E isso pesou na sua trajetória no serviço social.

"Não cheguei a passar grandes dificuldades, comparado com outras pessoas que moravam na mesma localidade que a minha. Mas na época de escolher uma formação, pensei muito e vi que era no serviço social a possibilidade de transformar um mundo em um lugar melhor para todas as pessoas."

Até chegar ao comando da unidade Chiquinha Gonzaga, Rosangela, que entrou no funcionalismo em 2003, por concurso, diz ter passado por vários setores sociais. Fez estágio em unidade de tratamento de saúde mental, passou por delegacias, por escola para pessoas com deficiência, até chegar à assistência social na política para a mulher.

"Quando chego à política da mulher, entendo que não se dá conta sozinha, exige uma transversalidade em suas ações e no trabalho cotidiano."

A violência contra a mulher não faz distinção de classe, diz Thandara Santos, conselheira do Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

"Mulheres ricas, que têm maior acesso à educação, ainda assim estão sujeitas a serem vítimas de violência. As bases dessas violências são muito mais estruturais do que só uma questão econômica."

Para Thandara, o modelo adotado na unidade Chiquinha Gonzaga está alinhado com o que a Lei Maria da Penha já propunha.

"A lei não foi criada para somente coibir a violência contra a mulher. Ela foi criada também para prevenir e criar formas de prevenir a violência contra a mulher. Quando se fala de uma rede mais ampla, a gente está pensando em criar formas para essa prevenção, que é tão importante ou talvez mais que a punição."

Rosangela sabe que o caminho no combate à violência contra a mulher ainda é longo, mas mantém o otimismo.

"A cada dez mulheres que entram no serviço, se eu consigo que uma se reinvente, consiga mudar sua vida e sair da situação de violência, isso dá energia para trabalhar com mais 20. Mas o que tenho percebido é que tenho muito mais que uma entre dez. É algo gratificante. São vidas que mudam."

A Prefeitura do Rio de Janeiro informou, em nota, que investiu em atendimento online, aumento do quadro de pessoal e dos equipamentos eletrônicos do Centro Especializado de Atendimento à Mulher Chiquinha Gonzaga devido ao aumento da violência doméstica durante a pandemia.

As mulheres atendidas pelo centro foram encaminhadas para cursos de capacitação das Casas da Mulher Carioca bem como a vagas de emprego pelo Projeto Novos Rumos, uma parceria com a Secretaria de Trabalho e Renda e o Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro.

A gestão também lançou o cartão de transporte Move Mulher e em janeiro o Cartão Mulher Carioca, que concede um auxílio financeiro de R$ 400 para mulheres em situação de violência doméstica e vulnerabilidade social.

MORTES | coluna.obituario@grupofolha.com.br

Extremamente culto, tinha políticos na sala de espera

ANIS JOSÉ LEÃO (1931-2022)

Júlia Barbon

RIO DE JANEIRO Anis José Leão era dono de uma curiosidade infinita. Sabia das bactérias do intestino, das teorias filosóficas, da engenharia de trânsito e, mais recentemente, se debruçava sobre as funções do Espírito Santo, que o guiaria até o fim.

"Não vamos desperdiçar a inteligência desse menino em balcão da loja, não", percebeu cedo a mãe libanesa, que veio se casar com o pai, fugidos da pobreza natal. Era o penúltimo de oito irmãos na pacata Itaúna, interior de MG.

Ali também começou a vida como cronista de rádio e jornal, passando a professor de tudo —física, química, ciências naturais— em colégios de Belo Horizonte. Chegou a cursar medicina, mas não gostou e foi se encontrar no direito.

Trabalhou paralelamente por 40 anos na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e no Tribunal Regional Eleitoral mineiro (TRE). "Então falava que trabalhou por 80 anos", brinca a filha Taís Lobato Leão, 60, que seguiu seus passos na profissão.

Na primeira instituição, foi um dos fundadores do curso de comunicação social, onde lecionou legislação e ética. Na segunda, começou em cargo pequeno e subiu até "diretor de divisão", uma espécie de guru do direito eleitoral.

Tinha em sua sala de espera políticos que vinham se consultar, de prefeitos a governadores, e foi convidado para integrar a "comissão dos 50 notáveis" do TSE (Tribunal Superior Eleitoral), voando a Brasília para propor reforma eleitoral.

Apesar de tudo, conservou sempre simplicidade e generosidade, sem alarde. Morria de amores por Nina, uma shih tzu com quem passeava todo dia pelo bairro, onde já era conhecido. Era dizimista de duas paróquias e conseguiu mudar uma rua para mão única ao apresentar estudo detalhado às autoridades.

Leu muito, o tempo todo e a vida inteira, por isso não era de gostos populares, dispensando televisão, futebol e conversa fiada. Essa curiosidade e a fé em Deus o ajudaram a atravessar uma depressão crônica e um tumor que o tornou cadeirante há alguns anos.

Mais de 5.000 exemplares se acumularam pelos cômodos da casa onde viveu com a amada Clélia até ela morrer, em 2015. Quase caiu para trás quando, aos 21 anos, a viu pela primeira vez lindíssima, após enviar uma carta ao "correio sentimental" do jornal.

Com ela deixa três filhas, duas netas e três bisnetos, além de dezenas de livros, um blog e 15 textos inacabados em caderninhos, para as pessoas mais importantes de sua vida. Internado no dia 25, Anis não resistiu ao tratamento de complicações de uma infecção urinária.

Procure o Serviço Funerário Municipal de São Paulo: tel. (11) 3396-3800 e central 156; prefeitura.sp.gov.br/servicofunerario.

Anúncio pago na Folha: tel. (11) 3224-4000. Seg. a sex.: 10h às 20h. Sáb. e dom.: 12h às 17h.

Aviso gratuito na seção: folha.com/mortes até as 18h para publicação no dia seguinte (15h de sexta para publicação aos domingos) ou pelo telefone (11) 3224-3305 das 16h às 18h em dias úteis. Informe um número de telefone para checagem das informações.

Restaurante vazio na região da Berrini, em pleno horário de almoço; mesmo com flexibilização das restrições contra a pandemia, movimento segue fraco Karime Xavier/Folhapress

Vila Olímpia e Berrini vivem esvaziamento pós-pandemia

Vacância em edifícios corporativos da região chegou a 29% no fim de 2021

Gustavo Fioratti

SÃO PAULO Com o afrouxamento de medidas de restrição contra a pandemia, São Paulo foi retomando o movimento. Em Pinheiros, a boemia voltou aos bares e ruas. Os praticantes de cooper retornaram às avenidas de Santana. Jardins, Consolação e Vila Mariana voltaram a ter movimento no comércio.

Não foi, porém, o que aconteceu com a Vila Olímpia e com a região das avenidas Engenheiro Luís Carlos Berrini e Chucri Zaidan. Esse território povoado por arranha-céus, principal bolsão da cidade de imóveis do tipo laje, ainda parece vazio, com cenário similar ao de meados de 2021.

A Vila Olímpia e o corredor da Berrini vivem um esvaziamento agudo e de difícil reversão, causado não apenas pela pandemia —e que se torna aparente nos andares escuros depois que anoitece.

Antes da crise sanitária, especialistas alertavam para esse risco: quanto menos uma região mistura comércio, escritórios e residências, maior é a chance de cair em decadência.

Pois a queda está sendo significativa. Antes da pandemia, era difícil andar por esses bairros na hora do almoço. Funcionários das empresas da região iam aos restaurantes em grandes grupos, bloqueando a calçada. Os bares ficavam lotados, com o happy hour mais badalado da cidade. Hoje, até as sextas-feiras são mornas.

Em dezembro de 2019, a vacância dos imóveis corporativos na Vila Olímpia correspondia a 10,5% do total. Em 2020, o índice subiu para 24,5% e, no fim do ano passado, chegou a 29,4%. Quanto maior a taxa, mais vazia a região. Os dados são do Secovi-SP.

"O lugar onde existe um mix de atividade se mostra sempre mais resiliente", diz o urbanista Vinicius Andrade, sócio do escritório Andrade Morettin Arquitetos Associados e vice-presidente do Instituto de Arquitetos do Brasil.

Quando observa os números de vacância da Vila Olímpia, ele diz se tratar de uma "morte anunciada", já que, mesmo antes da pandemia, não existia vida à noite por lá.

As outras duas grandes regiões paulistanas que concentram imóveis corporativos são a avenida Paulista e o eixo Jardins-Faria Lima, que se notabilizaram justamente por uma maior mistura de atividades e entre setores comerciais e residenciais.

Esse perfil foi importante para a saúde urbana local na pandemia, diz Cristian Baptista, diretor da vice-presidência de Gestão Patrimonial e Locação do Secovi-SP.

Ele ainda afirma que os setores de serviços, tecnologia e farmacêutica, notavelmente mais presentes na Vila Olímpia e na Berrini, foram os que mais entregaram as chaves nos últimos anos.

Na avenida Paulista, em dezembro de 2019, a taxa de vacância para imóveis corporativos era de 10,7%. No eixo Jardins-Faria Lima, o índice era de 6%. A Paulista viu sua taxa de vacância subir para 14,4% no início de 2021 e para 17% no fim do ano. O eixo Jardins-Faria Lima começou 2021 com cerca de 12% de vacância, e teve alguma recuperação, com 9% no fim do ano, já próximo a níveis pré-pandemia.

Segundo especialistas ouvidos pela **Folha**, a fuga de clientes foi causada pela transformação das relações de trabalho, com o incentivo ao home office, e pelas medidas de isolamento social. E também por causa do ônus de um modelo de contrato que prevê longos prazos de locação que, como lembra Baptista, "exige maior segurança e garantias por causa dos preços".

Proprietários até flexibilizaram contratos, que podem chegar a dez anos. Mesmo assim, a ocupação caiu.

Essa queda teve reflexo nas ruas. Os números de embarques nas estações de trem Berrini e Vila Olímpia, que irrigam a região, são expressivos. Em dezembro de 2019 eram respectivamente 492 mil e 814 mil.

Em janeiro de 2021 caíram para 140 mil e 277 mil. Em dezembro de 2021, houve uma retomada, e esse número subiu para 206 mil e 412 mil, mas atingindo só metade do que era registrado antes da pandemia.

Além de ruas vazias, quem anda pela região vê prédios com até oito placas de "aluga-se" em suas fachadas. Restaurantes, cafés e cabeleireiros fecharam as portas.

Estacionamentos também diminuíram preços. O funcionário de um deles diz que a diária baixou de R$ 25 para R$ 13. No início de fevereiro, havia opções de até R$ 8, e nem assim a capacidade do local havia sido atingida.

"A Vila Olímpia, além de se especializar em uma atividade, se especializou em uma classe social, a elite. Quando o setor entra em crise, fica mais difícil de trazer nova população", avalia Andrade.

Em fevereiro, o Senado aprovou projeto de lei que permite que 2/3 dos condôminos de um prédio podem decidir sobre mudança do perfil do edifício. O setor defende poder transformar prédios corporativos em misto. O PL vai para a Câmara e, se aprovado, precisa de sanção presidencial.

Embora seja uma medida voltada para regiões centrais de metrópoles, ela pode representar uma forma de renovar o urbanismo da Vila Olímpia e da região da Berrini.

saúde

652.207 mortes 219 entre sábado e domingo | **29.045.946 casos** 15.810 infecções em 24 horas

Expectativa de vida cresce em 13 anos com comida saudável

Nozes, grãos integrais e leguminosas são os melhores alimentos, aponta estudo

Samuel Fernandes

SÃO PAULO A substituição de carnes vermelhas e processadas, bebidas açucaradas e grãos refinados por uma alimentação rica em grãos integrais, legumes, carnes magras, frutas e nozes aumenta a expectativa de vida em até 13 anos, afirma nova pesquisa. Cientistas indicam que quanto mais cedo for alterada a dieta, melhor será a perspectiva de mais anos de vida.

A alimentação inadequada resulta em diversos problemas de saúde ao redor do mundo e está associada a fatores de risco que causam aproximadamente 11 milhões de óbitos por ano.

Nesse estudo, publicado na revista Plos Medicine e assinado por pesquisadores de instituições norueguesas, os cientistas se valeram do GBD (Global Burden of Disease), uma iniciativa que reúne dados sobre o impacto que fatores de risco, como a má alimentação, têm no índice de mortalidade de diferentes países —inclusive no Brasil.

No país, dados do GBD mostram que uma dieta inadequada tem relação com cerca de 44% das mortes por complicações cardiovasculares e 26% dos óbitos por diabetes.

Com informações como essas, os pesquisadores investigaram se a mudança de hábitos alimentares poderia resultar em uma expectativa de vida maior para grupos populacionais de três regiões do globo: Estados Unidos, Europa e China.

"É uma pesquisa de estimativa de impacto, então não significa que esses resultados são aplicáveis em cada indivíduo, mas é uma estimativa populacional", afirma Aline de Carvalho, professora do Departamento de Nutrição da Faculdade de Saúde Pública da USP (Universidade de São Paulo).

Essa estimativa é feita por meio da média de anos de vida para quatro grupos de idade —20, 40, 60 e 80 anos— em cada uma das três regiões selecionadas no estudo. Depois, observou-se os impactos que a alimentação causava na mortalidade já que os pesquisadores fizeram médias do efeito que determinados alimentos tinham na expectativa de vida.

Alimentação mais balanceada pode aumentar expectativa de vida em até 13 anos*

Aumento de anos na expectativa de vida se for adotada a dieta "viável"

Aumento de anos na expectativa de vida se for adotada a dieta "ideal"

*Estimativas baseadas em dados da população americana
Fonte: "Estimating impact of food choices on life expectancy: A modeling study"

Além de calcular a média para esses alimentos separadamente, também houve uma sistematização em três tipos de dietas.

Uma delas foi denominada de ocidental e era caracterizada por ser rica em carnes vermelhas, alimentos processados, bebidas açucaradas e grãos que não eram integrais —ou seja, um padrão de consumo ruim. Outro modelo de dieta era a ideal e envolvia principalmente alimentos saudáveis: grãos integrais, legumes, carnes magras e frutas. A terceira, nomeada como viável, estava no meio termo dos outros dois tipos.

Cada um desses modelos de alimentação tinha suas consequências organizadas nos anos de vida da população. Esses valores, então, foram aplicados à expectativa de anos dos quatro grupos que o estudo observou por meio do GBD e, desse modo, era possível obter o impacto no incremento de anos na vida da pessoa a depender da idade em que ela tivesse iniciado uma alimentação mais saudável.

Nas estimativas da população americana, por exemplo, o estudo observou que homens que iniciassem a dieta ideal aos 20 anos tinham um incremento de 13 anos na sua expectativa de vida —no caso de homens que aos 80 anos tivessem adotado essa alimentação, esse incremento era de somente 3,4 anos.

Mesmo que o ganho de expectativa de vida seja menor à medida que a alimentação saudável seja adotada mais tardiamente, os autores observaram que a mudança tem impactos relevantes inclusive entre idosos —ideia também defendida por Carvalho.

"Sempre a mudança para uma alimentação mais saudável é importante, independentemente da faixa etária da vida. Quanto mais cedo, melhor. Já que a mudança de hábitos pode perdurar durante a vida", diz.

Além das análises baseadas nos três tipos de dieta, a pesquisa também elencou quais seriam os alimentos mais importantes no aumento de expectativa de vida separadamente: nozes, leguminosas e grãos integrais. Cada um desses alimentos, segundo estimativa, poderia representar mais um ano de vida para a pessoa que incorporasse ao menos uma opção na dieta a partir dos 20 anos.

Alimentos que também foram considerados saudáveis —como frutas e peixes— registraram um efeito positivo menor que esses outros três. Já entre os que apresentaram mais risco à saúde, a carne vermelha ou processada lidera a lista.

Esses resultados não necessariamente podem ser transpostos para o Brasil, já que o estudo não considerou dados do país, ressalta Carvalho. Um exemplo disso é com relação às leguminosas, como feijão, que figuraram entre os melhores alimentos.

Ela explica que isso acontece porque, provavelmente, não há o consumo de uma quantidade adequada de feijões nas regiões analisadas pela pesquisa, fazendo com que adicioná-los na dieta cause um efeito positivo para a população. No entanto, talvez isso não fosse visto da mesma forma no Brasil, já que a população local tem um hábito maior de consumir a leguminosa.

Por isso mesmo, seria importante estudos do mesmo tipo com dados do Brasil, algo que já vem sendo trabalhado por Carvalho e outros pesquisadores. Ela cita, por exemplo, uma pesquisa que está sendo feita para mensurar os impactos da alimentação para a saúde da população brasileira e também para o meio ambiente.

"A gente está vendo como uma dieta pode ter um impacto na melhoria da saúde, quais são os alimentos que a gente poderia aumentar ou diminuir, mas que também tenha um efeito positivo para o meio ambiente", concluí, indicando que o estudo ainda está em estágio preliminar.

> A mudança para uma alimentação mais saudável é importante, independentemente da faixa etária
>
> **Aline de Carvalho**
> professora do Departamento de Nutrição da USP

esporte

Briga entre torcidas deixa um morto e um ferido em Minas

SÃO PAULO Um homem morreu após ter sido baleado durante uma briga generalizada entre torcedores de Atlético-MG e Cruzeiro, em Belo Horizonte (MG), horas antes do clássico mineiro. As equipes se enfrentaram neste domingo (6), pelo estadual.

De acordo com a Polícia Militar, o confronto envolveu cerca de 50 pessoas e ocorreu no bairro Boa Vista, na região leste da capital mineira, tradicional ponto de encontro da maior torcida organizada do clube alvinegro.

A corporação não informou detalhes da ocorrência, mas o óbito foi confirmado pela família da vítima.

O homem, identificado como Rodrigo Marlon Caetano Andrade, era torcedor do Cruzeiro, tinha 25 anos e deixa um filho pequeno, de cinco.

"Nunca aprovei o envolvimento dele com torcida organizada", disse a mãe do jovem à TV Globo Minas.

A vítima foi socorrida na Unidade de Pronto Atendimento (UPA) mais próxima do local, e, posteriormente, transferida ao Hospital João 23, referência dos atendimentos de urgência e emergência em Belo Horizonte.

Baleado no abdômen, o rapaz chegou a ser submetido a um procedimento cirúrgico, mas não resistiu.

Informações preliminares da Polícia Militar davam conta de que um envolvido na briga havia sofrido uma parada cardíaca e sido reanimado no hospital.

A briga deixou outra pessoa ferida. Um motociclista que passava pelo local, sem participação no briga, foi baleado no ombro, mas passa bem.

Vídeos publicados na internet mostram dezenas de pessoas correndo, atirando pedras, pedaços de madeira e até uma cadeira em direção a rivais. A PM não informou se algum suspeito foi preso.

No sábado (5), torcedores de Corinthians e São Paulo entraram em confronto na estação de trem Primavera-Interlagos, na zona sul da capital. Uma criança que estava com a mãe na composição acabou ferida e foi socorrida ao Hospital Grajaú. O estado de saúde dela não foi divulgado.

No México, torcedores do Querétaro e do Atlas brigaram dentro do estádio La Corregedoría e 22 acabaram feridos.

> **Vivo o futebol há muitos anos, e sei o quanto a violência é nefasta para o crescimento dessa indústria. Nossa rivalidade tem de estar restrita às quatro linhas**
>
> **Ronaldo Nazário,**
> acionista majoritário do Cruzeiro

ESPORTE AO VIVO | **17h Tottenham x Everton** Premier League, STAR+ | **17h Athletic Bilbao x Levante** Campeonato Espanhol, ESPN4 | **22h30 Mavericks x Utah Jazz** NBA, SPORTV3

Racismo relatado por refugiados é visto no futebol da Ucrânia

Maior presença da extrema direita em torcidas ucranianas intensificou manifestações discriminatórias

Bruno Rodrigues

SÃO PAULO A tentativa de fugir da guerra entre Rússia e Ucrânia tem produzido relatos como o do estudante nigeriano Alexander Somto Orah, que diz haver racismo contra os negros que buscam deixar o território ucraniano.

"Nas estações de trem de Kiev, crianças primeiro, mulheres em segundo lugar, homens brancos em terceiro, depois o restante das vagas é ocupado por africanos", publicou Alexander em sua conta no Twitter.

Os governos da Nigéria e da Jamaica afirmaram ter recebido depoimentos semelhantes de imigrantes que enfrentam dificuldades para conseguir o acesso a trens e cruzar as fronteiras do país. Segundo as vítimas, elas acabam barradas por forças de segurança ou até mesmo por civis ucranianos.

Torcedores do Karpaty Lviv exibem bandeira com a suástica durante jogo, em 2007 Reuters

O futebol da Ucrânia, que assistiu nos últimos anos a um crescimento na presença de integrantes da extrema direita em torcidas organizadas, ajuda a explicar o que tem ocorrido com os cidadãos negros durante o conflito. Não é um fenômeno novo, mas é algo que se intensificou consideravelmente.

Franklin Foer, em seu livro "Como o Futebol Explica o Mundo" (Zahar, 2004), já relatava um cenário hostil aos imigrantes africanos a partir da história de Edward Anyamkyegh, um nigeriano que chegou ao país em 2001 para jogar pelo Karpaty Lviv. Um ano após sua chegada, o clube contratou outro nigeriano, Samson Godwin.

Fazia uma década que a União Soviética havia se desintegrado. A Ucrânia, na esteira da globalização acelerada, começava a abrir o seu mercado para os estrangeiros, incluindo os africanos, cujos principais nomes figuravam nas principais ligas europeias.

Existia dentro do Karpaty, porém, resistência à dupla de nigerianos. Yuri Benyo, ucraniano e capitão da equipe, disse em entrevista a Foer que considerava os dois arrogantes. "Pelo preço de Edward, poderíamos ter criado dez jogadores ucranianos."

Cosmopolita no passado, Lviv, onde nasceu Yuri, orgulhava-se de suas universidades e de seu pluralismo. Era forte a presença de russos, alemães e poloneses —muitos deles judeus— nos cafés e casas de ópera da cidade. Entretanto, com a proximidade da Segunda Guerra e o eco dos discursos nacionalistas ressoando por toda a Europa, Lviv passou por uma transformação.

"Muitos ucranianos achavam estranho que seu povo tivesse ganhado tão pouco no período áureo da cidade. Começaram a nutrir profundos ressentimentos em relação à presença de tantos intrusos. Durante a Segunda Guerra, aproveitaram a oportunidade para reverter esse quadro. Muitos ucranianos da cidade atuaram com os alemães na eliminação dos judeus —que um dia representaram 30% da população local", escreveu o autor norte-americano.

Foer relata em sua obra uma tentativa de diálogo com dois jornalistas esportivos da cidade. O objetivo era entender o porquê da resistência aos atletas africanos do Karpaty.

Enquanto conversava com eles na esquina do hotel onde estava hospedado, Edward Anyamkyegh passou de táxi e, após baixar o vidro do carro, estendeu a mão e cumprimentou Foer. Os dois ucranianos acenaram para o jogador. Quando o carro saiu do campo de visão, um deles riu.

"Macaco", disse o jornalista em inglês, acompanhado pelo colega, que replicou com "bananas".

Ainda assim, Foer defendeu que não havia racismo em Lviv ou no futebol ucraniano.

"Numa atmosfera de nacionalismo e ressentimento, contudo, não existe racismo de fato. Excetuando-se esporádicas e grosseiras explosões de ódio, a situação não está nem perto de ser como na Europa Ocidental. Nos jogos, os torcedores não imitam macacos quando Edward entra em campo ou toca na bola."

Se para o autor de "Como o Futebol Explica o Mundo" faltavam manifestações racistas em estádios para que fosse configurado o racismo de fato, já não faltam mais.

Em outubro de 2015, durante um confronto entre Dínamo de Kiev e Chelsea, pela Champions, na capital ucraniana, um grupo de torcedores do Dínamo irrompeu no setor vizinho e agrediu quatro pessoas negras, que também torciam pelo clube da casa.

A Uefa puniu o clube, que entre outras sanções, teve de estampar no uniforme, até o fim da temporada, a mensagem "Say no to racism".

Novembro de 2019. Em um clássico entre Dínamo e Shakhtar, os brasileiros Taison e Dentinho foram vítimas de racismo em um jogo da liga nacional. Irritado, Taison chutou a bola para a arquibancada e mostrou o dedo do meio aos torcedores. Por isso, foi expulso.

Casos como esses têm sido comuns no futebol da Ucrânia. Em 2017, integrantes da torcida do Dínamo foram a um jogo da equipe com roupas que aludiam à Ku Klux Klan e máscaras com suásticas.

Em 2019, Pavel Klymenko, membro da Fare Network, ONG que trabalha no combate ao racismo no futebol, disse à **Folha** que o aumento de manifestações racistas em jogos do Dínamo estava relacionado ao aumento de movimento de extrema direita no país, especialmente após os conflitos com a Rússia em 2014 pelo controle do território da Crimeia, anexado pelos russos.

Naturalizamos a estupidez e perdemos a guerra

O lobo do homem goleia a humanidade nos estádios, nos estúdios, mundo afora

Juca Kfouri

Jornalista, autor de "Confesso que Perdi". É formado em ciências sociais pela USP

Agora foi no México, aquele país da América Latina, onde os astecas foram dizimados pelos europeus.

Para se mostrarem mais machos que os baianos que jogaram bombas no ônibus do Bahia, ou que os gaúchos que apedrejaram o do Grêmio, ou os paranaenses que invadiram o gramado para agredir o time do Paraná, ou os pernambucanos que partiram para cima dos jogadores do Náutico, ou os paulistas que emboscaram a delegação do São Paulo na ida para o Morumbi e aqueles que, anos atrás, tomaram de assalto o centro de treinamentos do Corinthians, torcedores do Atlas e do Querétaro mancharam de sangue em cenas bárbaras o gramado e as arquibancadas do estádio Corregidora.

O horror vivido por quem apenas queria ver um jogo de futebol reproduziu as cenas da guerra na Ucrânia onde soldados russos trucidam civis que também não faz muito tempo, em 2014, massacraram manifestantes antifascistas em Odessa com mais de 40 mortos queimados pelo incêndio causado na Casa dos Sindicatos.

Enquanto isso, estúdios de TV tomam partido e o maniqueísmo impera na guerra de informações, com mentiras cínicas de um lado e do outro.

"O homem é o lobo do homem" é a frase celebrizada pelo filósofo inglês Thomas Hobbes (1588-1679) e século após século, com armas rudimentares ou tecnologia de ponta, a humanidade se esmera em provar quão certa é a máxima originalmente do dramaturgo romano Platus, em latim, homo homini lupus.

No espaço reservado para comentar o saudável espírito de luta dos tricolores no Majestoso que redundou na sexta vitória, em nove jogos de invencibilidade, do São Paulo diante do Corinthians no Morumbi, como ignorar as cenas dantescas em Querétero?

Ou não mencionar que, embora após o clássico com torcida única, 40 mil torcedores sob sol e tempestade de granizo, tenha transcorrido pacificamente, fora do estádio, na estação de trem Primavera-Interlagos, torcedores dos dois clubes tenham protagonizado novas brigas?

O herói do clássico, o argentino Jonathan Calleri, por sinal, sabe bem o que é violência, agredido em campo, em 2016, depois de o São Paulo eliminar o The Strongest da Libertadores em, por ironia, La Paz.

Naturalizamos a estupidez a tal ponto que quase 500 mil eleitores paulistas foram capazes de eleger esse tal Arthur do Val, com h apenas no nome, pois de homem não tem nada, anteontem bolsonarista, ontem com Doria, hoje com Moro, sempre um animal.

Daí pedir desculpas à rara leitora e ao raro leitor, principalmente se tricolores, por não dar o devido espaço à vitória sobre o rival de treinador novo e problemas antigos.

Ainda impactado pelo documentário "Elza&Mané, Amor em Linhas Tortas", pelas cenas da barbárie mexicana, pelo medo com o incêndio da usina atômica de Zaporijia, e "com cinzas a preencher a atmosfera, o bloqueio do nosso sol (...) o fim deste desmundo não está à vista", como escreveu a iluminada jornalista Dorrit Harazin, não há Majestoso, Fla-Flu, Grêmio-Nal, que console.

Até Neymar, logo ele, o rei das gracinhas, empurrou um rival do Nice na derrota do PSG porque, imagine, o atacante Gouiri deu uma carretilha para comemorar a vitória de seu time.

Perdemos a guerra.

Pacifistas como o indiano Mahatma Gandhi, o estadunidense Martin Luther King e o sul-africano Nelson Mandela são os derrotados que se orgulhariam de não estar entre os vencedores.

| DOM. Juca Kfouri, Tostão | SEG. Juca Kfouri, Paulo Vinicius Coelho | TER. Renata Mendonça | QUA. Tostão | QUI. Juca Kfouri | SEX. Paulo Vinicius Coelho, Sandro Macedo | SÁB. Marina Izidro

PRANCHETA DO PVC

Paulo Vinicius Coelho

pranchetadopvc@gmail.com

Espaço é artigo de luxo

O São Paulo jogou mal contra o Santo André, o Campinense, a Inter de Limeira e o Ituano e foi convincente nas vitórias contra o Santos e o Corinthians. Justamente, as únicas partidas em que teve menos posse de bola do que seus rivais.

Vítor Pereira foi apresentado à primeira dificuldade no Corinthians. A capacidade de seu time circular a bola é inversamente proporcional à de marcar gols.

"O São Paulo ficou mais confortável, com a possibilidade de defender em linha baixa", admitiu o técnico português.

Pereira já entendeu que seus jogadores mais talentosos são também os mais experientes e que a maior qualidade é ter a bola. Só que a maior parte dos times de posse de bola, no Brasil, tem dificuldade para abrir sistemas defensivos.

Há dois motivos para isso: 1. os craques estão na Europa; 2. os times não têm tempo de treino para aumentar a rapidez da troca de passes e as combinações ofensivas.

"Há muita coisa que temos de trabalhar", disse o técnico português, ao explicar que precisa treinar o que chama de movimentos contrários, inversões do lado da jogada.

É preciso deixar Pereira trabalhar, assim como Rogério Ceni. Na entrevista coletiva que ofereceu depois do empate por 0 x 0 contra a Inter de Limeira, o técnico são-paulino tratou das etapas de trabalho, da necessidade de aumentar a velocidade, a rotação, as viradas de jogo da direita à esquerda —ou o inverso.

É mais fácil defender e contra-atacar. Mais confortável, como definiu Vítor Pereira.

Isso vale também para o Palmeiras. Depois de dezesseis meses de Abel Ferreira, ainda há dificuldade para furar defesas severas, mas as variações de jogo ficam mais constantes. Contra o Athletico, o time voltou a atacar num 3-2-5. Jogar cinco homens na última defensiva do adversário, como fez o Liverpool contra o West Ham, no sábado (5).

A jogada do gol da vitória tinha Salah, Henderson, Mané, Robertson e Luis Díaz contra quatro defensores do rival de Londres.

Há cinco anos no clube, Jurgen Klopp consegue ter os mesmos jogadores cumprindo funções diferentes. Alexander Arnold é lateral direito, mas joga como armador. Henderson é volante, joga na ponta, outras vezes na meia direita. Robertson estava na meia na jogada do gol, mas constrói na linha dos três médios e outras vezes ocupa a ponta esquerda.

Hoje, Abel Ferreira consegue escalar Raphael Veiga como meia direita ou centroavante falso, o que aconteceu contra Santo André e Athletico, em Curitiba. Rony foi centroavante na Recopa e marcador de Hudson Odoi no Mundial, contra o Chelsea. Marcos Rocha faz a saída de três, com os zagueiros, função que também pode ser feita por Piquerez, com Rocha na ponta direita.

Jogadores só conseguem executar funções diferentes com competência, pela maturidade do trabalho. Mesmo assim, abrir defesa cerradas é difícil, seja para o Palmeiras nos 2 x 0 sobre o Athletico, seja para o Liverpool no 1 x 0 contra o West Ham, ou para o Manchester City, que perdeu por 3 x 2 para o Tottenham, com 19 finalizações e 67% de posse de bola.

É mais difícil para São Paulo e Corinthians, porque o trabalho está no começo. Rogério é elogiado quando vence, sem ter a bola. Ceni quer ganhar e empurrar o adversário para traz. Leva tempo.

Marcação são-paulina: garotos venceram veteranos

Willian
Piton
R. Augusto
Du Queiroz
R. Guedes
Paulinho
Giuliano
Fagner

Corinthians com muita circulação de bola

JUVENTUDE

O São Paulo escalou cinco jogadores abaixo dos 22 anos no clássico contra o Corinthians. Vitalidade ajuda muito. Rodrigo Nestor, o melhor em campo, grudou em Renato Augusto e tirou do meia corintiano a chance de jogar bem. Gabriel Sara marcou Du Queiroz até o fim.

EXPERIÊNCIA

Vítor Pereira já usou a palavra experiência algumas vezes. São sete veteranos talentosos escalados juntos: Cássio, Fágner, Gil, Paulinho, Renato Augusto, Giuliano e Willian têm mais de 31 anos. É uma das razões para ter um time de passe, não de desarme.

SOU CIÊNCIA | *Soraya Smaili, Pedro Arantes e Maria Angélica Minhoto*
www.folha.uol.com.br/blogs/sou-ciencia/

Guerra na Ucrânia compromete cooperação científica mundial

Na ciência, como na vida, é fundamental cooperar para superar grandes desafios. Na história da ciência, há muitas superações e descobertas, quase sempre a partir de trabalhos realizados sucessiva e incansavelmente por diversos autores, em equipe.

Outro aspecto da ciência é a constante troca de novos conhecimentos e informações, por meio de publicações, dados abertos, conferências e encontros científicos. Via de regra, a ciência evolui pelo intercâmbio e discussão de resultados para responder a problemas iniciais ou para aperfeiçoar respostas já existentes.

Desde 2020, o mundo vive uma pandemia de grandes proporções e longa duração, assim como no início do século 20. Mas, diferentemente da "gripe espanhola" (1918-19), o surgimento do novo coronavírus ocorreu em um mundo globalizado, com as nações quase que total e simultaneamente conectadas pela internet e outras formas de comunicação.

Essa forte e ágil conexão permitiu a rápida troca de conhecimentos, informações e cooperação entre cientistas do mundo todo, além da divulgação dos resultados de suas pesquisas em tempo real. O fluxo enorme de dados ainda preliminares sobre as causas e consequências da pandemia de Covid teve também efeitos negativos, mas, certamente, os benefícios foram maiores.

Cientistas e instituições de pesquisa, então, se uniram, integraram conhecimentos, divulgaram resultados em busca de soluções para entender o comportamento do vírus que se diferenciava de outros conhecidos. O resultado veio rápido, com vacinas elaboradas e distribuídas em tempo recorde, fruto da ciência que vinha sendo desenvolvida e da cooperação entre governos, universidades, institutos, laboratórios, indústrias e sociedade.

Ilustração Andres Rodrigues

Com base nas tecnologias em desenvolvimento, as vacinas da Universidade de Oxford e da BionTech, por exemplo, propuseram novas fórmulas, que foram testadas e aprovadas. Outras soluções seguiram rotas mais tradicionais, como a Coronavac, produzida pelo Instituto Butantan em parceria com a Sinovac, e que foi igualmente importante para enfrentar o cenário caótico.

Grã-Bretanha, Alemanha, EUA, China, Índia e Rússia desempenharam papel importante no desenvolvimento de vacinas, de diferentes tecnologias, bem como no fornecimento dos insumos farmacêuticos. No Brasil, além dos estudos de fase 3 de algumas vacinas, há a pesquisa de novos imunizantes, desenvolvidos aqui. No processo, houve cooperação e esperança de que o esforço daria a diretriz para coalizão no combate à pandemia. Mas, apesar de redes de colaboração instituídas, as potências centrais, hoje protagonistas do conflito na Ucrânia, falharam em fechar acordo efetivo para a rápida distribuição e o acesso a vacinas por todos.

A cooperação inicial entre ciência e sociedade deu lugar à competição entre governos e empresas, favorecendo os países mais ricos e as farmacêuticas mais poderosas. Conflitos por poder, dinheiro e propriedade intelectual limitaram a cooperação e aprofundaram desigualdades e desconfianças.

Prenúncio do que estava por vir, ou simplesmente o retorno ao estágio anterior de guerra latente e competição feroz? De qualquer jeito, a ciência e a humanidade, que se defrontaram com o vírus e vislumbraram uma possível ordem global de maior cooperação, perderam com o retorno a uma ordem geopolítica e econômica polarizada, belicista e destrutiva. O fim da cooperação e o retorno ao estado de guerra entre impérios e mercados são um crime contra a humanidade, para além das vítimas diretas do conflito na Ucrânia.

Rússia e Ucrânia travam guerra em meio à pandemia. Os dois países estão padecendo com a propagação da variante ômicron, com números astronômicos de casos diários (cerca de 180 mil diários na Rússia e 35 mil na Ucrânia, que tem população três vezes menor). Mesmo que a Rússia tenha feito sua vacina, a Sputnik, só 50% da população tomou ao menos a primeira dose —no Brasil já são mais de 80%.

Na Ucrânia, a situação é mais grave. Embora o país queira fazer parte da comunidade europeia, está bem longe de padrão aceitável de vacinação, com só 35% da população com ao menos a primeira dose, segundo a Our World in Data (plataforma desenvolvida pela Universidade de Oxford). Com a guerra, a imunização dos ucranianos está mais comprometida, pois a vacinação está suspensa em quase todas as cidades diante dos ataques e da ida da população para abrigos antiaéreos.

O conflito acirrará os desafios da pandemia do ponto de vista regional e global, tendo em vista as projeções de deslocamento forçado de cerca de 5 milhões de pessoas durante guerra, produzindo onda de refugiados, o que agregará complexidade e inviabilizará previsões seguras sobre o controle da pandemia e de variantes.

Já é certo que a população mundial precisará de nova geração de vacinas em breve e, para isso, será necessário fortalecer a cooperação científica internacional e o investimento em diferentes frentes de atuação para diminuir a desigualdade na distribuição e no acesso. Outra evidência científica é a necessidade de diminuir a devastação do meio ambiente para impedir as dramáticas mudanças climáticas que estão em curso e que aumentam as chances de novas pandemias.

Condições de clima e meio ambiente estão conectadas a problemas de saúde, segurança alimentar e combate à fome. O conflito agravará essas tendências e atinge consequências que vão de impactos negativos no comércio global, aumento do preço de produtos até escassez de alimentos e energia (gás e combustíveis) —o que pune mais os países pobres e populações vulneráveis.

A guerra e a nova polarização bélica global causarão retrocessos e poderão anular o legado, mesmo que parcial, de cooperação global em avanços científicos e desenvolvimento de tecnologias e bens públicos para a saúde. Se era possível imaginar ciclo de reconstrução pós-pandemia com avanços em várias agendas, a guerra e suas consequências colocam em risco esse futuro minimamente promissor do pós-Covid.

MILITARES DA DEFESA UCRANIANA SE CASAM EM KIEV Os soldados Lesya Ivashchenko e Valery Fylymonov trocam alianças de casamento, em meio a colegas de grupamento, neste domingo (6) em posto de controle das tropas ucranianas na capital do país, que é um dos principais alvos de ataques do governo da Rússia
Genya Savilov/AFP

MENSAGEIRO SIDERAL | *Salvador Nogueira*
folha.com/mensageirosideral

Só Elon Musk pode salvar o programa lunar americano

Na última terça-feira (1º), o programa Artemis, com o qual os EUA pretendem levar astronautas de volta à Lua nesta década, sofreu um atropelamento. Foi em uma audiência do Comitê de Ciência da Câmara dos Representantes. A palavra-chave da apresentação? "Insustentável".

O diagnóstico veio do inspetor-geral da Nasa, Paul Martin, cuja função é justamente analisar de forma independente os programas da agência. Em seu relatório, surge pela primeira vez informação concreta de quanto custarão as quatro primeiras missões lunares (incluindo a inaugural, Artemis I, marcada para este ano, que será um teste sem tripulação): US$ 4,1 bilhões por voo. Desse montante, a maioria (US$ 2,2 bilhões) vai para o SLS, o superfoguete de uso único baseado em tecnologias dos antigos ônibus espaciais.

Martin estima que, entre os anos fiscais 2021 e 2025, a Nasa terá de desembolsar US$ 53 bilhões para manter o programa "nos trilhos". E aí vão as aspas porque, independentemente do pagamento, já são esperados atrasos consideráveis. Lembra quando o objetivo era pousar na Lua em 2024? O inspetor-geral agora fala em "2026, na melhor das hipóteses". E contraste a etiqueta de preço de cinco anos com o orçamento anual destinado a toda a Nasa: uns US$ 25 bilhões. Com as duas informações lado a lado, temos a receita para "insustentável".

Há várias razões que levaram ao elefante branco: lobby (a poderosa Boeing é a responsável pelo SLS), foco do Congresso em manter empregos após o fim do programa dos ônibus espaciais e contratação num formato que, segundo Martin, favorece os contratados, e não a Nasa.

Não é novidade nem para a agência, que já vem adotando para outros programas um novo modelo de contratação. Em vez de "custo total mais lucro", como o do SLS, "custo fixo", como o adotado para os programas comerciais de carga e tripulação da Estação Espacial Internacional. O modelo antigo encorajava empresas a atrasarem e inflarem custos, com a garantia de que tudo seria pago. No novo, se preço e prazo estouram, o problema é do fornecedor.

É nesses termos que a SpaceX está desenvolvendo um veículo para servir de módulo de pouso lunar. Esse projeto, chamado Starship, embora tenha custo modesto (e fixo) para o tamanho da ambição, US$ 2,9 bilhões, acaba trazendo a reboque um lançador do mesmo porte do SLS, mas moderno, potencialmente reutilizável e pelo menos 20 vezes mais barato.

Uma vez que ele seja demonstrado para missões de pouso lunar, é improvável que não seja colocado em uso também para transportar a tripulação por todo o caminho até a Lua —dispensando a necessidade de SLS e Orion. Mas o Starship envolve tecnologias não testadas e, com isso, risco. Pode ser que não funcione, pode demorar mais que o esperado. E com isso torna-se cada vez mais provável que astronautas chineses sejam os primeiros a pousar na Lua no século 21. Só Elon Musk a essa altura pode salvar as ambições americanas.

ACERVO FOLHA | **Há 100 anos** **7.mar.1922**

Chuva que atingiu Paraná avança por São Paulo e provoca estragos

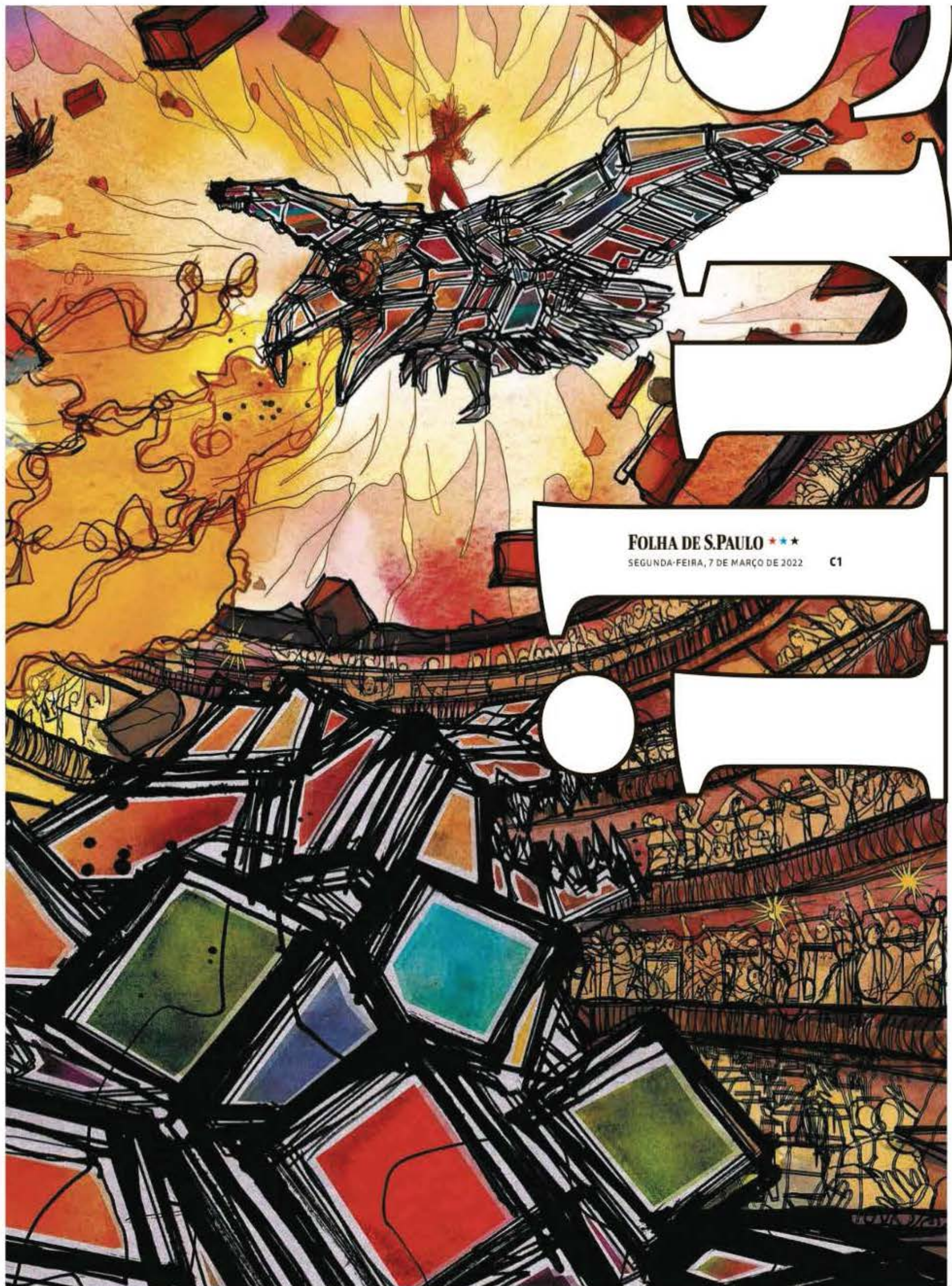
A chuva que alagou os campos do estado do Paraná está a avançar pela Serra do Mar em São Paulo. Notícias vindas da cidade de Santos (SP) narram quedas de barreiras interceptando o tráfego dos trens e dos automóveis.

Além disso, a companhia São Paulo Railway afirmou que em uma linha houve às 6h desta terça-feira (7) um descarrilamento de um trem que partiu de Santos.

A estrada de rodagem para Campinas também está prejudicada com a enxurrada das águas. Se o volume do rio Tietê aumentar como ocorreu com o rio Paranapanema no mês passado, a cidade de São Paulo poderá sofrer muito com as inundações.

LEIA MAIS EM acervo.folha.com.br

Folha da Noite

O GRANDE PROBLEMA

FOLHA DE S.PAULO ★★★
SEGUNDA-FEIRA, 7 DE MARÇO DE 2022 C1

Trecho da graphic novel 'Brega Story', escrita e desenhada por Gidalti Jr. e publicada pela Brasa Editora Gidalti Jr./Reprodução

Virando a página

HQs nacionais vão além de Turma da Mônica e vivem melhor momento em décadas, com novas editoras, obras voltadas para a temática social e retorno de veteranos

Diogo Bercito

WASHINGTON Guilherme Lorandi tinha 26 anos quando a Gibiteria, onde ele trabalhava como vendedor-faz-tudo, fechou as portas, em 2018. Em vez de se desanimar com o fim da casa de gibis, vítima das agruras do mundo editorial, o rapaz saiu do roteiro. Criou a sua própria loja, no mesmo endereço.

Não foi fácil, mas a casa — que batizou de Monstra— sobreviveu. Deu tão certo que Lorandi inaugurou, no fim de 2021, uma editora de mesmo nome. Seu primeiro lançamento, "Risca Faca", de André Kitagawa, é uma das grandes publicações destes meses. Hoje, Lorandi tem 29 anos.

A história dele dá conta de como o mercado de HQs nacionais vive um momento que —como diz a expressão— não está no gibi. O setor passa por uma de suas fases de maior vitalidade das últimas décadas.

Contrariando as previsões pessimistas, surgiram novas lojas e editoras. Além da Monstra, a editora Brasa acaba de entrar no mercado, por exemplo. Veteranos que tinham se afastado do setor estão voltando. A temática dos gibis tem se afiado também, tratando cada vez mais de assuntos como política, racismo, transfobia e pobreza.

"Risca Faca" é um excelente exemplo desse amadurecimento do mercado. O gibi marcou, de certa maneira, o retorno triunfante do veterano Kitagawa, de 48 anos. Ele estava afastado desde o lançamento de "Chapa Quente", em 2006. Tinha feito alguns trabalhos em gibi, mas nada do porte dessa nova HQ, em que narra a história de populações marginalizadas em um centro urbano brasileiro.

O QUE NÃO ESTAVA NO GIBI

Já consagradas em prêmios, HQs com temáticas como racismo, transfobia e até narrativas conceituais não são mais exceção no mercado nacional. Exemplos indispensáveis são o recente 'Risca Faca', de André Kitagawa, 'Angola Janga' e 'Cumbe', de Marcelo D'Salete, além dos trabalhos de João Pinheiro, Marcello Quintanilha, Lobo, Alcimar Frazão, Jefferson Costa e Rafael Calça

Não há uma explicação que, sozinha, justifique esse momento. O processo de amadurecimento está em curso há talvez dez, 15 anos. Mas os frutos estão de repente vistosos e bastante evidentes. "Do ponto de vista editorial, esse é o melhor momento dos quadrinhos nacionais em muito tempo", diz Lorandi.

"Não dependemos mais de super-heróis e da Turma da Mônica. Temos edições de luxo, em capa dura, em papel bom. Sai gibi de tudo quanto é jeito, para todos os bolsos. Acho que é o momento de fazer a coisa acontecer, e a Monstra entra nisso."

A superação do mercado do início dos anos 2000, tomado por super-heróis e pela Mônica, é uma ideia que diversas pessoas contaram a este repórter.

Continua na pág. C2

MÔNICA BERGAMO

monica.bergamo@grupofolha.com.br

ELA DISSE, ELE DISSE

Quase metade dos homens brasileiros (46%) acreditam que as mulheres têm uma reação exagerada quando se dizem vítimas de abuso em ambientes virtuais, de acordo com uma pesquisa feita pelo Instituto Ipsos. Já entre elas, essa percepção cai para 37%.

PADRÃO O questionário considerou abuso o uso de linguagem sexista ou misógina. Também entraram na lista situações como ter informações ou imagens íntimas divulgadas por outra pessoa sem autorização, e o envio de conteúdo explícito não solicitado.

EM CASA A pesquisa online consultou 20 mil pessoas de 30 países entre 21 de janeiro e 4 de fevereiro, dos quais mil foram brasileiros. Os entrevistados tinham entre 16 e 79 anos.

REAÇÃO Para 65% dos homens e mulheres ouvidos no Brasil, elas não devem tolerar essas situações no ambiente virtual. Já 21% acreditam que a melhor forma de reagir aos abusos é ignorando.

ORIGEM E quase seis em cada dez brasileiros (58%) acham que a maioria dos casos de abuso em ambientes virtuais ocorre por culpa dos homens. É o maior índice registrado entre todos os países que integraram a pesquisa.

VAMOS CONVERSAR A Defensoria Pública de São Paulo quer discutir com a USP (Universidade de São Paulo) a criação de um órgão destinado exclusivamente a receber denúncias de assédio e de violência de gênero no ambiente universitário. O órgão encaminhou um ofício à instituição solicitando uma reunião.

FLUXO O Núcleo de Promoção e Defesa dos Direitos da Mulher da Defensoria, que assina o documento, diz que a universidade já adota políticas para lidar com o tema, mas carece de um sistema unificado para a prevenção e o combate a casos como esses. Atualmente, cada faculdade lida com os episódios de forma independente.

DOMINÓ "A violência contra a mulher, quando praticada no ambiente universitário, agrega efeitos danosos que superam as violações à saúde e à segurança das vítimas, pois comprometem também o desenvolvimento de suas plenas capacidades acadêmicas e científicas", afirma a Defensoria.

À MESA Um grupo de 40 entidades da sociedade civil vai enviar, nesta segunda (7), um ofício à Secretaria de Governo Municipal de São Paulo e ao Comitê Gestor da Política Municipal sobre Álcool e outras Drogas pedindo um novo marco de participação e controle social sobre políticas de drogas na capital paulista.

CLAREZA Os signatários pedem maior transparência das decisões tomadas pelos órgãos. A iniciativa ainda pleiteia um posicionamento oficial do comitê sobre a ausência de determinados representantes da sociedade civil no colegiado.

JUNTOS O ofício é assinado por entidades como a Comissão de Direitos Humanos da OAB-SP, o Conselho Regional de Psicologia de São Paulo e a Associação dos Docentes da Unifesp.

CORTINAS LEVANTADAS

Fotos Agência Ophélia/Divulgação

O diretor do Itaú Cultural, Eduardo Saron, e Danilo Santos de Miranda **1**, diretor do Sesc SP, compareceram à estreia da peça "A Última Sessão de Freud", na quinta-feira (3), no Itaú Cultural, em São Paulo. O espetáculo tem o ator Odilon Wagner **2** no elenco. O crítico literário Manuel da Costa Pinto **3** também passou por lá

DIVA A atriz Fernanda Montenegro foi eleita a mulher mais admirada do Brasil em uma pesquisa feita pelo Instituto Qualibest. Este é o terceiro ano seguido em que ela lidera o levantamento feito pela empresa de pesquisa digital.

*

Na sequência aparecem a cantora Anitta, a atriz Taís Araujo, a apresentadora Ana Maria Braga, a ex-presidente Dilma Rousseff e a primeira-dama Michelle Bolsonaro, respectivamente. A pesquisa ouviu 1.115 pessoas de todo o Brasil entre 18 e 27 de fevereiro deste ano.

SET Um levantamento da Spcine mostra que, entre março de 2020 e dezembro de 2021, 894 obras audiovisuais foram filmadas em São Paulo. Deste total, 114 foram longas de ficção, documentais ou séries.

SET 2 A Netflix liderou a lista entre as empresas de streaming, com quatro obras rodadas na capital paulista. Em seguida está o Globoplay, com três produções. Já a Amazon e o Disney+ realizaram duas gravações cada.

LUPA A plataforma #CulturaEmCasa, da Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo, vai reunir uma agenda com a programação cultural relacionada ao bicentenário da Independência do Brasil. O site vai listar eventos de equipamentos públicos e privados que vão ocorrer em todo o país.

com Bianka Vieira, Karina Matias e Manoella Smith

Virando a página

Continuação da pág. C1

Gerações anteriores de leitores ficavam "órfãs" quando cresciam, porque não havia um mercado de quadrinhos para adolescentes.

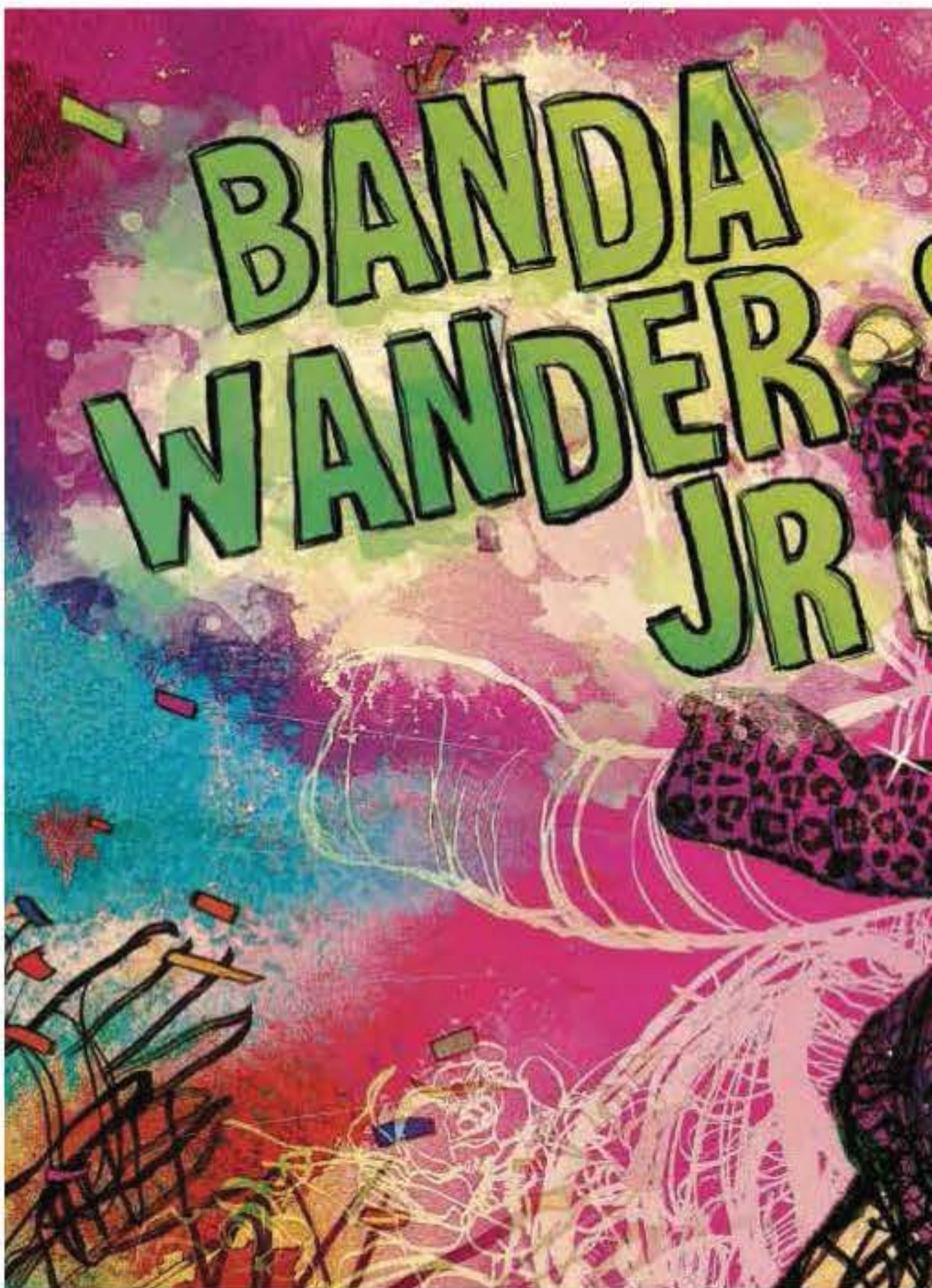
Isso mudou com o surgimento de editoras como a Conrad, que investiram no nicho de jovens e adultos — em especial, com a publicação de mangás, as revistas japonesas. Outras casas pioneiras foram a Devir e a Desiderata, que construíram pontes para os gibis mais maduros.

"Na minha geração, não havia continuidade na experiência da leitura de gibis", diz Lobo, de 52 anos, fundador da recém-criada editora Brasa e autor do gibi "Lovistori". Da geração de Kitagawa, ele é outro que tinha sumido do mercado e decidiu voltar agora, ao notar a guinada positiva dos últimos anos.

"Hoje, o leitor pode nascer, crescer e morrer lendo quadrinhos, e essa maturidade está abrindo as portas para artistas produzirem gibis sobre a gente, sobre o nosso país, sobre a nossa vida", diz.

O bom momento dos gibis não depende só de um público consolidado. Outro ponto importante é o avanço tecnológico. A geração de Kitagawa e Lobo trabalhava, no início dos anos 2000, num mundo pautado por processos industriais complexos e grandes tiragens.

A linha de montagem foi simplificada pela internet e por novas ferramentas.

Continua na pág. C3

Criador da Marvel, Stan Lee é dissecado em três biografias; saiba qual ler

Pai do Homem-Aranha, Thor, Hulk e outros soube captar a contracultura da década de 1960 de maneira inigualável

LIVROS

Invencível: A Ascensão e a Queda de Stan Lee
★★★★★
Autor: Abraham Riesman. Ed.: Globo Livros. Trad.: André Gordirro. R$ 69,90 (400 págs.); R$ 49,90 (ebook)

Sr. Maravilha: A Biografia de Stan Lee
★★★☆☆
Autor: Roberto Guedes. Ed.: Noir. R$ 69,90 (256 págs.)

A Espetacular Vida de Stan Lee
★★☆☆☆
Autor: Danny Fingeroth. Ed.: Agir. Trad.: Flora Pinheiro. R$ 79 (488 págs.); R$ 54,90 (ebook)

Thales de Menezes

Em menos de um ano, as livrarias brasileiras receberam três biografias diferentes de Stan Lee. Mesmo sendo um gênio criativo, o ex-chefão da Marvel Comics não exige três leituras para que se possa compreender como ele revolucionou gibis de super-heróis a partir do início dos anos 1960.

Nenhum dos três volumes falha na tarefa de oferecer um bom perfil do pai do Homem-Aranha, do Quarteto Fantástico, do poderoso Thor e do incrível Hulk, para pinçar alguns personagens entre dezenas e dezenas. São livros distintos em suas propostas de como relatar uma vida tão intensa.

A trajetória de Lee, morto em 2018, aos 95 anos, pode ser dividida em alguns capítulos básicos. Primeiro, temos a infância pobre de um garoto nova-iorquino nascido há um século, filho de judeus imigrantes da Romênia. Depois, o início precoce como editor-assistente da Timely Comics, quando tinha só 17 anos, e a publicação de sua primeira história, dois anos depois, uma aventura do Capitão América.

Temos ainda uma década de erros e acertos na indústria de HQ durante os anos 1950 e, nos anos 1960, a criação de uma enorme leva de novos super-heróis de sucesso absoluto, além da reformatação de personagens dos gibis da década de 1940, como Capitão América, Tocha Humana e Namor, o Príncipe Submarino.

Em seguida, acompanhamos suas três décadas no comando da Marvel, onde estabilizou a editora como a maior produtora de HQ nos Estados Unidos, mas também colecionou alguns fracassos, principalmente tentando trabalhar seus heróis em outras mídias.

Por fim, há sua saída da Marvel, passando a ocupar o comando de um conselho editorial na casa, com muitas tentativas frustradas de alguns projetos por conta própria.

Continua na pág. C3

Continuação da pág. C2
Um quadrinista consegue hoje, sozinho, "ter a ideia, desenhar e levar para a gráfica", diz Lobo. Novos equipamentos permitem, também, tiragens menores —e, portanto, de investimento menor. Artistas decidem produzir projetos mais arriscados, em que a venda em massa não é a única prioridade. Com isso, exploram novos temas.

Segundo Paulo Ramos, pesquisador especializado em quadrinhos, o retorno dos artistas veteranos ao mercado existe, mas ainda é tímido. Além de Kitagawa e Lobo, ele lembra de Gustavo Duarte, que vinha desenhando para o mercado americano e volta agora ao Brasil com uma HQ sobre Elis Regina.

"Há uma geração influenciada por mangás e com uma familiaridade maior com produções nacionais em formato livro, sejam independentes, sejam lançadas por editoras", diz Ramos. "A quantidade de publicações tem sido acompanhada pela qualidade delas, tanto de conteúdo quanto de tratamento editorial. As obras com capa dura, inclusive nacionais, têm se tornado tendência."

Ramos menciona, também, outro avanço fundamental vivido nestes últimos anos —as oportunidades de financiamento. Há editais públicos, como o Programa de Ação Cultural, o Proac, que bancou tanto o "Risca Faca" da editora Monstra quanto o "Lovistori" da Brasa.

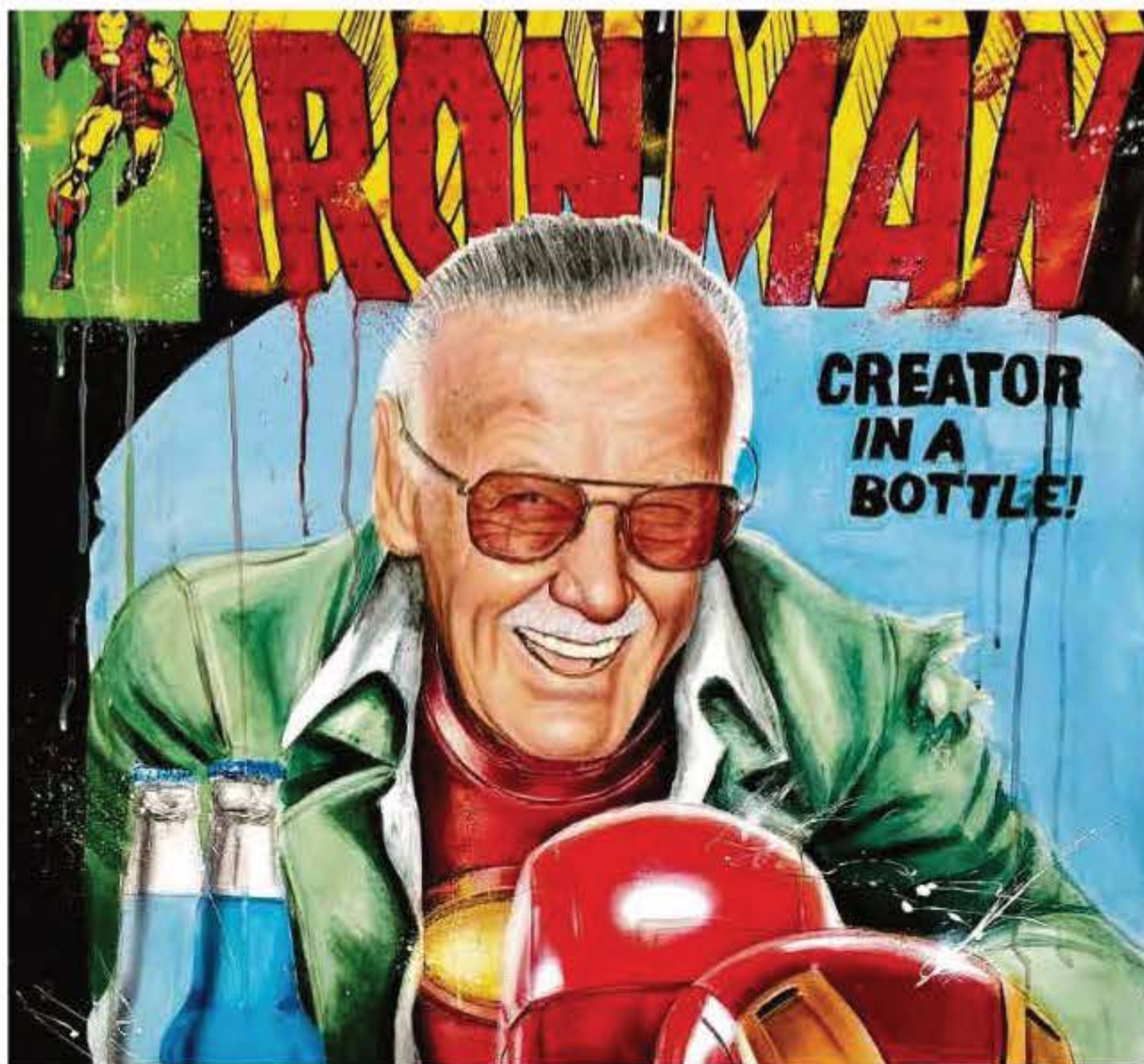
Há também uma série de sites de financiamento coletivo, como o Catarse, que "têm permitido uma venda direta da obra que, ao mesmo tempo, viabiliza financeiramente a publicação dela", afirma. "Os editais e o sistema de arrecadação coletiva têm sido as vigas mestras desse processo."

Segundo o pesquisador, o amadurecimento do mercado vem trazendo novos assuntos para as HQs. "O tema que mais ganhou projeção nessa década foi o relacionado aos negros", afirma.

"Autores negros e temáticas relacionadas ao racismo e à histórica exclusão social deles compuseram obras recentes importantes." Ramos lembra os gibis premiados "Angola Janga" e "Cumbe", de Marcelo D'Salete, e "Jeremias: Pele" e "Jeremias: Alma", da dupla Jefferson Costa e Rafael Calça.

"Os quadrinhos estão mais consolidados e não carregam certos estigmas do passado, como o de ser uma sub-arte voltada a crianças e adultos infantilizados", diz Kitagawa, de "Risca Faca". "Hoje, é uma arte mais respeitável e abrange uma gama muito variada de gêneros e públicos."

O porém, diz o quadrinista, é que a vitalização do mercado das HQs nacionais significa também uma maior competição entre os autores. Uma daquelas coisas ruins que, no final das contas, são boas também. "Há muitos artistas de alto nível aparecendo, e é mais difícil se destacar", afirma.

Trecho da graphic novel 'Brega Story', escrita e desenhada por Gidalti Jr. e publicada pela Brasa Editora Divulgação

Retrato de Stan Lee, com a máscara do Homem de Ferro, em ilustração que imita um folheto Rob Prior/Mogul Productions/Reuters

Continuação da pág. C2
Enquanto isso, seus filhos nas histórias em quadrinhos se tornavam protagonistas dos filmes mais rentáveis de Hollywood nos últimos 20 anos.

"Invencível: A Ascensão e a Queda Stan Lee", de Abraham Riesman, surge como sua mais completa biografia. Não deixa de ser curioso que seu grande diferencial é justamente quando não fala de Stan Lee.

O autor pega carona na vida do biografado para inserir nas páginas muitos detalhes sobre a indústria de HQ nos EUA durante o século 20. Quando fala de Stan Lee, adota um tom sóbrio. Não ocupa as páginas com louvação, deixa que sua obra defenda sozinha sua importância na cultura pop.

Já "Sr. Maravilha: A Biografia de Stan Lee", do brasileiro Roberto Guedes, assume o tom de livro escrito por um fã. As informações são fartas a respeito da vida pessoal e do trabalho dele, mas falta um pouco mais de contextualização para quem não é tão próximo do universo dos quadrinhos.

Riesman consegue fazer isso e ainda adiciona um grande raio-x da indústria de gibis nos EUA. Mas Guedes tem o mérito de ter escrito um livro agradável, que vai satisfazer aqueles que querem só saber mais detalhes da criação dos super-heróis que veneram.

Sobra pouco o que falar de "A Espetacular Vida de Stan Lee", de Danny Fingeroth. É uma biografia correta, mas com uma narrativa algumas vezes enfadonha. Os episódios mais importantes da vida de Lee estão lá, mas é um texto um tanto burocrático, sem sacadas que possam conquistar a atenção de quem se dispuser a ler o volume. Uma decepção, já que Fingeroth é roteirista de quadrinhos e trabalhou muitos anos com Lee, mas a convivência não acrescentou muito à narrativa.

Vale a pena ler sobre Stan Lee, não há dúvida. Além de histórias curiosas sobre a origem de alguns dos heróis, as biografias revelam como ele foi um artista singular, com momentos muito importantes dentro da cultura pop.

Foi o primeiro a mostrar um super-herói que enfrentava vilões mortíferos enquanto lidava com uma forte gripe ou dificuldades financeiras —como com Peter Parker, o Homem-Aranha. Um gibi do mesmo personagem trouxe uma história em que o melhor amigo de Parker fica viciado em drogas pesadas, outro tabu.

Stan Lee também foi o primeiro criador de HQ a lançar um super-herói negro, o Falcão, parceiro do Capitão América. Vale lembrar que da cabeça dele nasceram três personagens que conseguiram captar como nenhum outro a contracultura que explodiu na década de 1960 —o lisérgico Doutor Estranho, o ativista Pantera Negra e o filósofo humanista Surfista Prateado.

Dessa forma, nenhuma biografia de um artista tão importante deixa de valer a pena.

Modelo em desfile da Hermès em Paris Piero Biasion/Xinhua

Hermès leva subversão a Paris e puxa saída de marcas da Rússia

Balenciaga destacou guerra na Ucrânia em protesto liderado por ex-refugiado

Pedro Diniz

PARIS A pressão nos bastidores surtiu efeito nesta metade de temporada de desfiles em Paris. Em um recado claro, um dia antes de subir à passarela no prédio da Guarda Republicana no sábado, a Hermès anunciou o fechamento de suas lojas na Rússia e o bloqueio temporário de suas operações no país.

O efeito manada foi imediato. Logo ela foi seguida por outra marca familiar, a Chanel, depois, pelo grupo Richemont —Cartier, Chloé e Montblanc—, e, na noite de sexta, pelos grupos Kering —Gucci, Bottega Veneta e Saint Laurent— e LVMH —Dior, Louis Vuitton e Celine.

Pressionadas não só pelas rodas fashionistas, mas por uma audiência que encheu as redes sociais de críticas, as marcas ou cediam ou enfrentavam uma crise pior. Apesar das doações milionárias aos refugiados na Ucrânia, pedia-se uma atitude mais firme.

É simbólico que tenha sido a Hermès a puxar o bonde. A marca detém uma das carteiras de clientes mais ricas do mundo, ao lado de Chanel e Louis Vuitton, e fala para uma elite que pode sentir os efeitos dos bloqueios no trânsito financeiro e de relações com o lado oriental do globo.

Suas roupas são emblema do chamado old money. Não a tendência —que se inspira no "preppy" colegial dos Estados Unidos—, mas a casta de milionários discretos que não ostentam logos nas roupas nem gostam dos flashes.

Foi interessante ver como a estilista Nadège Vanhee-Cybulski posicionou sua tesoura e suas palavras para este desfile. Armado dentro de uma caixa verde-oliva, daqueles esmaecidos que tingem o uniforme militar, o desfile foi embalado por uma trilha agressiva, que remetia a pés em marcha.

No chão havia areia, da mesma cor das paredes esverdeadas e que conferiam um tom de austeridade a uma coleção leve. No texto da apresentação, a pergunta "para onde iremos amanhã?" servia tanto de aviso sobre o belicismo quanto um convite para um escape.

Tantos detalhes não foram concebidos como resposta à escalada bélica no Leste Europeu, até porque, as coleções são pensadas com meses de antecedência. Mas a exemplo de Prada, Balmain e, no domingo, Balenciaga, a análise do clima de beligerância é indissociável do processo criativo e grandes estilistas são influenciados pelo estado das coisas.

Dúbias, as ideias talvez sejam as mais inteligentes já construídas pela estilista da Hermès. Em vez do peso das botas "over the knee", acima dos joelhos, ela colocou meias transparentes da mesma altura e combinadas com canos mais baixos. E, em vez do peso insistente do couro, usou mais malhas de tricô, seda e cashmere do que uma linha de inverno poderia sugerir.

A matéria-prima base da grife, cuja origem é a selaria e há mais de 180 anos é uma das preferidas de cavaleiros, esteve presente, mas não é o cerne da moda "tecnoequestre".

Os detalhes dos fechos, as ondas dos uniformes equestres e os matelassados, que sempre serviram de estudo para a grife, foram colocados em segundo plano para dar aos shorts, às blusas soltinhas e aos vestidos de seda esvoaçantes um lugar de contravenção aos códigos da marca.

Rebeldia que, aliás, tem a ver com "voyelles", uma gangue de garotas dos anos 1950 que saltava à noite pelo lado esquerdo do rio Sena para desafiar o moralismo da época com um senso de independência.

Nadège não costuma usar décadas específicas para criar suas coleções. O fato de olhar para os anos 1950 só aumenta a carga de subversão que propõe para a grife e seus clientes.

Como se dissesse que o passado ensina mas não deve ser visto como cartilha, ela mistura a ousadia do corpo exposto aos resquícios da alfaiataria militar daquela década para situar o estado das coisas, um meio entre a festa, o pós-pandemia e as dúvidas sobre o futuro da Europa.

A marcha do desfile acabou dentro daquele prédio, que serve de casa para os guardas pessoais do presidente e de seus ministros, ao mesmo tempo em que uma outra começava, na Praça da República, quando milhares de pessoas foram às ruas para protestar contra a guerra na Ucrânia.

De alguma forma, os mundos da moda de luxo e da geopolítica pareceram um pouco menos distantes após o banho de realidade da Hermès.

No domingo, esse aspecto atingiu seu auge na semana com um evento comandado por um ex-refugiado da guerra étnica que devastou a Geórgia soviética nos anos 1990.

Demna Gvasalia, o diretor criativo e estilista da Balenciaga, levou à cidade um desfile-protesto contra a invasão russa, uma memória ainda viva de sua infância em Sukhumi, na então capital da Abecásia.

Assim como teve de fugir com os pais, ao perder o lar, e se sentir um "eterno refugiado", o georgiano colocou os modelos em plena tempestade de neve cenográfica numa enorme caixa de vidro.

O vento forte e os flocos caíam sobre os modelos, dificultando seus passos e embaçando a visão. Inclusive de quem assistia, porque, aqui, as roupas eram o de menos.

Em sua maioria tingidas de preto, amarrotadas e rasgadas, as peças carregavam texturas, como escudos para bloquear o frio, golas e detalhes utilitários para o enfrentamento de situações extremas.

Quando as cores apareciam, eram detalhes acesos, como as roupas sinalizadoras feitas para chamar a atenção das pessoas de que no meio do breu há alguém pedindo ajuda.

Nas mãos, havia bolsas do tipo saco, fechadas com nós daqueles que se dão no lixo. Foram criadas como remendos para carregar apenas o essencial no momento da fuga.

Ao fim, a mensagem de Gvasalia passou a ser literal. Um homem de amarelo, e uma mulher, de vestido azul, exibiram o motivo de ele ter preferido desfilar em vez de cancelar sua apresentação em protesto contra a guerra.

"Decidi que não posso mais sacrificar partes de mim para essa guerra de ego sem sentido e sem coração", escreveu.

O TABULEIRO DA MODA

Planejados com meses de antecedência, nem todos os desfiles na Semana de Moda de Paris incorporaram a crise entre Rússia e Ucrânia em suas coleções. Ainda assim, ela esteve presente de diferentes formas na semana, seja na moda de Hermès e Balenciaga —com uma postura militante e explícita—, como na de Isabel Marant —com a estilista vestindo um tricô nas cores da bandeira da Ucrânia. Enquanto a pressão do público e dos clientes fez com que diversas marcas decidissem interromper as operações na Rússia, a semana baniu o estilista russo Valentin Yudashkin. Ele faria um desfile virtual nesta terça-feira na programação paralela do evento e foi duramente criticado por não repudiar o conflito na Ucrânia. Veterano em Paris, o designer também é um dos responsáveis pelos uniformes do Exército russo. A Semana de Moda de Paris ainda terá desfiles das coleções outono-inverno de marcas como a Louis Vuitton e a Chanel

Peça de couro sobrepõe malha de tricô Geoffroy Van der Hasselt/AFP

Meia transparente sobre bota é destaque Geoffroy Van der Hasselt/AFP

A pipoca, a emoção e o Mentex

No apagar das luzes, há coisas que só uma sala de cinema faz por você

Bia Braune
Jornalista e roteirista, é autora do livro 'Almanaque da TV'. Escreve para a TV Globo

O leão da MGM já havia rugido na tela daquele Kinoplex de shopping há pelo menos 15 minutos. O público ria em uníssono do ator principal, inclusive o casal à minha esquerda, que do nada começou a discutir. Foi quando recebi um cutucão.

"Moça, dá licença. Como é o nome desse filme que a gente tá vendo?" Estranhei a pergunta, mas caprichei na pronúncia. "Licorice Pizza." "Quê???" Na mesma hora, a mulher catou a bolsa e o próprio marido. "Amor, vambora, sala errada!"

Por curiosidade, mais tarde chequei o cartaz ao lado. Era um blockbuster baseado num videogame. Não fosse pela distração do bilheteiro, talvez aqueles dois jamais pagassem para ver o longa-metragem de Paul Thomas Anderson. Porém, um detalhe. Antes de saírem aos tropeções pelo corredor escuro, eles estavam amando a experiência.

Ou seja: entrar errado numa sala de cinema pode acabar sendo a maior diversão.

Hoje em dia, filme estreia com tudo dominado. Assistimos a trailers que contam a história inteira, checamos se a nota tá boa no IMDb e nos aboletamos na plateia com opinião formada. Se for franquia, já vamos fantasiados de Jedi. Isso quando vamos. Em caso de preguiça, basta se jogar no sofá e esperar pelo streaming.

Pensando agora, chego a sentir gostinho do Mentex comprado nas bombonières da minha infância. Harmonizava com o cheiro de mofo das poltronas e do leite de rosas que nos passavam pela catraca, após ler a sinopse de apenas uma linha no jornal.

Não havia preocupação nem com saúde, nem com hora, pois dava para fumar lá dentro e entrar com o filme no meio. "Acabando os créditos, a gente continua sentado e vê o início por último", dizia o primo maior, irresponsável por nós. Assim aprendíamos o valor e a beleza da narrativa não linear.

Classificação etária? Esquece. Certa vez, mamãe me levou para ver Carlos Alberto Riccelli de tanga, seduzindo jovens ribeirinhas em "Ele, o Boto". Deve ter confundido com as aventuras de um primo amazônico do golfinho Flipper. Sem maiores questionamentos, depois lanchamos um McFish.

No apagar das luzes, tudo se mostrava possível—inclusive o arrebatamento. Afinal, como definir o impacto de aprender a ler e conseguir acompanhar, da primeira fila, as legendas de "E.T." telefonando para casa? Ou ver que Doc Brown não morreu porque era verdade o bilhete escrito por Marty McFly de volta para o futuro. O cinema vindo abaixo, de um jeito que só flui quando se está junto a outros seres humanos, quase cotovelo com cotovelo. Entre a pipoca, a emoção e o Mentex.

Em tempo: achei "Licorice Pizza" uma fofura. Valeu a pena ter visto na tela grande.

Marcelo Martinez

DOM. Ricardo Araújo Pereira | SEG. Bia Braune | **TER. Manuela Cantuária** | QUA. Gregorio Duvivier | QUI. Flávia Boggio | SEX. Renato Terra | SÁB. José Simão

É HOJE EM CASA

Tony Goes
tonygoes@uol.com.br

Joaquim Barbosa vai à estreia de nova temporada de Pedro Bial

Conversa com Bial
Globo, 2h05, 12 anos
A sexta temporada do programa trará entrevistas em formato remoto, o que propicia revelações inesperadas, mas também presenciais, gravadas em estúdio ou locações. No episódio de estreia, Bial conversa com o ex-ministro do STF Joaquim Barbosa, que tem seu nome mais uma vez cotado para uma candidatura à presidência da República.

Our Flag Means Death
HBO Max, 16 anos
Nesta série cômica britânica, um aristocrata abandona sua vida luxuosa para se tornar o capitão de um navio pirata. Só que nem tudo vai sair como ele esperava.

Central da Guerra
GloboNews, 11h, livre
Desde sexta passada (4), a emissora exibe este programa diário com cinco horas de duração, trazendo as últimas novidades do conflito entre a Rússia e a Ucrânia.

Desafio por um Dia
Futura, 18h, livre
Fábio Porchat visita quatro escolas públicas cariocas, uma por episódio, e convoca alunos e professores a enfrentarem os problemas que podem ser resolvidos em um dia. Produção do Porta dos Fundos.

Ventres em Diálogo - Brasil - África
YouTube do Museu do Pontal, 18h, grátis
A atriz e diretora Tatiana Henrique e a ialorixá, escritora e gestora cultural Mãe Celina de Xangô conversam sobre as suas trajetórias pessoais e as suas experiências em viagens a Angola e ao Benin. Inscrições são feitas pelo Sympla.

Roda Viva
Cultura, 22h, livre
O programa entrevista Edson Fachin, ministro do STF e novo presidente do Tribunal Superior Eleitoral. Camila Mattoso, diretora da sucursal de Brasília da **Folha**, está na bancada.

Mulheres ao Poder
Globo, 23h35, 12 anos
Na véspera do Dia Internacional da Mulher, a emissora exibe um filme feminista. A trama se passa em 1970, quando um grupo de mulheres protestou no concurso de Miss Mundo, vencido pela primeira vez por uma negra. Com Keira Knightley e Gugu Mbatha-Raw. Inédito na TV aberta.

QUADRINHOS

Piratas do Tietê *Laerte*

Daiquiri *Caco Galhardo*

Níquel Náusea *Fernando Gonsales*

A Vida Como Ela Yeah *Adão Iturrusgarai*

Não Há Nada Acontecendo *André Dahmer*

Viver Dói *Fabiane Langona*

Péssimas Influências *Estela May*

SUDOKU

texto art.br/fsp

FÁCIL

E			4			5		
	3							
2			1	5	7			
		7			2	3		5
			8		9			
9		1	7			6		
			5	8	4			9
							1	
		8			1			2

O Sudoku é um tipo de desafio lógico com origem europeia e aprimorado pelos EUA e pelo Japão. As regras são simples: o jogador deve preencher o quadrado maior, que está dividido em nove grids, com nove lacunas cada um, de forma que todos os espaços em branco contenham números de 1 a 9. Os algarismos não podem se repetir na mesma coluna, linha ou grid

SOLUÇÃO

CRUZADAS

HORIZONTAIS
1. Bicão **2.** Um antônimo para triste / Instituto de Educação **3.** Luccas (?), youtuber / (Red.) Saia que deixa parte da coxa à mostra **4.** Período entre Jul e Set / Pode ser de feijão **5.** Os frutos dos cajueiros **6.** Antônio Nóbrega, artista e músico recifense / Treinamento **7.** Prova das qualidades de uma pessoa ou coisa / A UF de Calçoene e Oiapoque **8.** Discordar, divergir **9.** Rede de pesca que se lança com a mão **10.** Mancha na pele / Uma forma de abreviar o nome do mês 1 **11.** O Parada Dura foi um conjunto musical sertanejo / O Donald é um personagem da Disney **12.** Muito afeiçoado **13.** Precede Angeles no nome da grande cidade dos EUA / Adorno para prender o cabelo

VERTICAIS
1. (Pop.) Pessoa boba, ingênua / Longe do centro **2.** Que tem bom gosto no vestir / Constelação também chamada de Navio **3.** Os filhos do filhos / Faixas resultantes da hiperextensão da pele e da atrofia da derme **4.** O "eu" da psicanálise / Que serve para submeter a exame **5.** Tim Robbins, ator de "Um Sonho de Liberdade" / Uma artista como Leila Pinheiro / As iniciais do escritor indiano Tagore (1861-1941), Nobel de 1913 **6.** Tornar-se tranquilo / (Rel.) O de santo é um chefe espiritual do candomblé **7.** Uma porção de terra como Itaparica, na Bahia / Vento forte e de curta duração **8.** Palmeira de frutos amarelos, com polpa comestível / Causa **9.** (Mús.) Voz feminina média

HORIZONTAIS: 1. Peneira, **2.** Alegre, IE, **3.** Neto, Mini, **4.** Ago, Caldo, **5.** Castanhas, **6.** AN, Ensaio, **7.** Teste, AP, **8.** Destoar, **9.** Tarrafa, **10.** Sarda, Jan, **11.** Trio, Pato, **12.** Agarrado, **13.** Los, Tiara. **VERTICAIS: 1.** Panaca, Distal, **2.** Elegante, Argo, **3.** Netos, Estrias, **4.** Ego, Testador, **5.** TR, Cantora, RT, **6.** Remansear, Pai, **7.** Ilha, Rajada, **8.** Indaiá, Fator, **9.** Meio-soprano

Ricardo Cammarota

Marketing empático

O mundo digital é um oceano de lágrimas de crocodilo

Luiz Felipe Pondé

Escritor e ensaísta, autor de 'Notas sobre a Esperança e o Desespero' e 'Política no Cotidiano'. É doutor em filosofia pela USP

As redes sociais são como um enxame de moscas atraídas por restos de comida. Um dos restos mais atraentes para essas moscas digitais é o mundo das paixões, privadas e públicas. O mundo digital é um oceano de lágrimas de crocodilo. Mas esse oceano já é uma ciência do ramo das ciências sociais aplicadas, subárea "marketing empático".

A ideia de "páthos", do grego, significa ser tocado, sofrer ação de agente exterior, sofrimento esse de ordem psicológica ou física, por isso a palavra grega em português pode ser traduzida por doença — patologia— ou paixão. Palavra da moda que já encheu o saco, "empatia" vem daí, claro.

O que seria o marketing empático? Não poderíamos dizer que todo marketing é empático? De certa forma sim, porque todo marketing quer nos impactar de forma a nos levar para onde a marca quer que sigamos. E as tais emoções sempre foram a melhor forma de nos arrastar para qualquer lugar.

Num sentido mais restrito, o marketing empático é algo que com as redes sociais se tornou um campo mais específico, pois joga no campo das emoções privadas de forma capilarizada. Você se sente amigo ou amiga daquela celebridade que sofre com infidelidades como você. Todos unidos na humanidade que nos faz sentir entre iguais. Uma verdadeira democracia emocional. Uma coisa bem brega, na verdade.

Nas redes, todos são culpados a priori. Na realidade, sempre foi assim quando se trata da opinião do que se chamava de "populacho". As pessoas, principalmente em grandes quantidades, como já dizia Elias Canetti no seu clássico "Massa e Poder", publicado aqui pela Companhia das Letras, adoram jogar ovo, xingar e destruir o suposto culpado.

Se alguém te acusa de assédio, você é culpado, se alguém te acusa de maus-tratos a animais, você é culpado, e por aí vai. Ninguém precisa de provas. E ainda tem gente que considera as redes "democráticas". São democráticas na medida em que a massa é democrática pelo seu volume à disposição para a violência. A "quantidade estocada" de violência é a matéria-prima para o uso das paixões negativas.

Quando essa "quantidade estocada" passa a ser usada, seja para despertar paixões positivas ou negativas, temos o caminho pavimentado para a disciplina que lida com as paixões como commodities vinculantes —seja no caso de me sentir junto com uma celebridade que sofre com infidelidades como eu— ou desvinculantes —seja para eu odiar alguém como no caso de acusações quaisquer.

Fala sério. Existe coisa mais ridícula do que celebridades ficarem expondo seus problemas nas redes sociais? Aliás, mesmo sem ser celebridade, é uma forma de humilhação da privacidade. Tanto esforço da modernidade para inventar o indivíduo e ele acabou se revelando um retardado com direito a voto.

Um bando de gente falando que está deprimido, sofrendo disso e daquilo. Um dos conceitos mais baratos por aí é o de "superação". Expõe-se filhos, pets, pais, irmãos, cônjuges. Fala-se de baixarias como quem comeu quem na hora errada. A indústria jurídica de processos baba de alegria.

Mas essa commodity emocional está profissionalizada. Alguém fala uma merda nas redes ou na TV, se ferra. Perde patrocínio, perde emprego, perde engajamento ou seguidores. Contrata um especialista, alguém entre psicólogo, coach e picareta - na verdade, um especialista em marketing empático -, e se refaz, superando a má fase, contando que está deprimido, sofreu assédio, chora. Tudo virou aqueles programas ridículos de fofoca da TV do passado.

Não nos enganemos. Todo mundo sabe que há uma fúria pela exposição da vida privada por parte dos seguidores em relação as suas celebridades. É claro que os profissionais de marketing empático bem pagos - os mortais expõem suas pequenas misérias cotidianas de graça - sabem muito bem como aconselhar os profissionais que querem ganhar engajamento, emprego, patrocínio, graças aos sofrimentos da vida.

Não há mais saída dessa democratização do ridículo das paixões privadas porque isso implica dinheiro e eleições. Russos e chineses devem gargalhar diante dessa miséria ocidental fofa.

| SEG. Luiz Felipe Pondé | **TER. João Pereira Coutinho** | QUA. Marcelo Coelho | QUI. Drauzio Varella, Fernanda Torres | SEX. Djamila Ribeiro | SÁB. Mario Sergio Conti

EstúdioFOLHA: APRESENTA

Morar
Empreendimento reúne tecnologia, praticidade e conforto
Pág. 4

Para comer
Bairro se destaca com restaurantes e bares que atendem aos mais variados perfis
Pág. 6

Parque da Aclimação

Vila Mariana

Johnny Mazzili/Estúdio Folha

Sinônimo de morar bem

Bairro se destaca pela infraestrutura, com vasta oferta de comércio, serviços e opções de lazer, além da localização privilegiada e segurança

Este é um exemplar cortesia da Folha de S.Paulo • caderno especial Mercado Imobiliário. Distribuição autorizada pelo Artigo 26, parágrafo 2º da Lei 14.517/2007, com nova redação dada pela Lei nº 14.583/2007
Projeto de Marketing realizado pelo Departamento Comercial da Folha de S.Paulo. Diagramação: Filipe Rocha. Jornalista responsável: Vaguinaldo Marinheiro.

EstúdioFOLHA: APRESENTA

Emiliano Capozoli/Estúdio Folha

Sesc Vila Mariana

Zanone Fraissat/Folhapress

Metrô Ana Rosa

Rivaldo Gomes/Folhapress

Av. 23 de Maio

Bairro queridinho dos paulistanos

Vila Mariana já se consagrou como um dos bairros mais seguros e tranquilos de São Paulo, com localização privilegiada, excelente mobilidade e vasta oferta de comércio e lazer

Um dos bairros mais queridos de São Paulo, a Vila Mariana é bem localizada, tem ruas e praças tranquilas, oferece diversas opções de lazer, gastronomia e serviços e está situada entre dois dos mais charmosos parques da cidade: Ibirapuera e Aclimação.

Além de tudo isso, é considerado um dos mais seguros, de acordo com ranking do Instituto Sou da Paz.

Morar na Vila Mariana é ter a certeza de chegar com facilidade a diversos pontos da cidade, já que o bairro é servido por três estações de metrô (Paraíso, Ana Rosa e Vila Mariana, que dão acesso às linhas 1-azul, 2-verde e 3-vermelha, 4-amarela e 5-lilás) e dezenas de linhas de ônibus.

Importantes vias como as ruas Sena Madureira, Domingos de Morais e Vergueiro e as avenidas Lins de Vasconcellos e 23 de Maio servem o bairro. O acesso à avenida Paulista e à Faria Lima, dois dos principais centros de comércio e negócios da capital, é fácil e rápido.

Com excelente infraestrutura de comércio e serviços, o morador da Vila Mariana consegue resolver todas as demandas do cotidiano sem sair do bairro.

A região abriga supermercados como Pão de Açúcar, Extra, Carrefour e Dia, empórios, padarias, pet shops, bancos e farmácias, entre outros serviços.

Os shoppings completam as ofertas de comércio. O Shopping Metrô Santa Cruz tem mais de 120 lojas, dois ambientes de praça de alimentação e 10 salas de cinema em formato "all stadium", com capacidade para mais de 2.500 pessoas.

Localizado no início da avenida Paulista, o Shopping Pátio Paulista está muito próximo à Vila Mariana e pode ser acessado em poucos minutos de carro ou de metrô. Tem mais de 270 lojas, 51 restaurantes, sete salas Multiplex, da Rede Cinemark, e duas salas vip PlayArte Splendor, da Rede PlayArte.

CULTURA E LAZER

A Vila Mariana oferece ótimas atrações de lazer. A Cinemateca Brasileira é uma delas. Lá, é possível conhecer a memória do audiovisual brasileiro. No local costumam ser exibidos filmes raros e clássicos, além de filmes brasileiros atuais. O acervo tem mais de 200 filmes, sendo os mais antigos de 1895.

Já o Sesc Vila Mariana abriga shows, peças teatrais e exposições. O Museu Lasar Segall conta com o acervo do pintor lituano, um dos primeiros artistas modernistas a expor no país, e oferece atividades educativas, culturais, exibições de filmes e biblioteca.

A poucos minutos do bairro estão alguns dos melhores museus da cidade, como o Masp, na Paulista, os Museus de Arte Moderna (MAM), de Arte Contemporânea (MAC), o Afro Brasil e a Fundação Bienal, palco de importantes exposições, no Ibirapuera.

A Japan House e o Centro Cultural São Paulo também estão localizados nos arredores da Vila Mariana.

EstúdioFOLHA: APRESENTA

Daniel Verpa/Folhapress

Parque da Aclimação

Junto à natureza

Parques do Ibirapuera e da Aclimação oferecem bem-estar e lazer aos moradores da Vila Mariana

Verde é o que não falta na Vila Mariana. Além de ser uma das regiões mais arborizadas de São Paulo, é cercada por dois dos mais charmosos parques da cidade: Ibirapuera e Aclimação.

O parque Ibirapuera, um dos principais cartões-postais de São Paulo, proporciona lazer e contato com a natureza aos moradores do bairro, além de ser um dos destinos mais procurados pela população paulistana e uma das mais importantes áreas verdes, de cultura e de lazer da cidade.

O local, com 1,5 milhão de metros quadrados, é um espaço completo para entretenimento com lindas paisagens, ruas e trilhas para corrida, caminhada e passeios de bike, playgrounds, quadras, jardins e muitas outras atrações.

O Ibirapuera abriga importantes museus e espaços culturais, como o Museus de Arte Moderna (MAM), de Arte Contemporânea (MAC) e Afro Brasil, além da Fundação Bienal.

O auditório Ibirapuera tem capacidade para receber 800 pessoas na plateia. Mas também consegue proporcionar espetáculos maiores graças a um mecanismo no fundo do palco, que o abre para o gramado.

Os prédios do parque são marcos arquitetônicos. Projetados por Oscar Niemeyer, os cinco edifícios culturais são conectados por uma marquise sinuosa, mantendo harmonia com o paisagismo. O pavilhão de exposições conhecido como Oca, com sua planta circular, destaca-se na paisagem.

Construção mais recente, o auditório Oscar Niemeyer, mais conhecido como auditório Ibirapuera, também tem arquitetura marcante, em formato triangular e branco, tem uma onda vermelha na entrada.

VERDE E LAZER

Com áreas verdes e belas paisagens, o Ibirapuera atrai também quem está em busca de descanso. O parque possui diversos espaços para contemplação, como o entorno do lago e as praças da Paz, do Porquinho e Burle Marx.

O Pavilhão Japonês, com seu belo edifício e lago de carpas, também é um ótimo local para quem quer fugir da cidade. Ele foi inspirado em uma residência de verão do imperador japonês, construída em 1620, em Quioto.

Diversos grupos se reúnem no Ibirapuera para aulas de ioga, mahamudra e tai chi chuan, entre outras práticas.

O Ibirapuera também é um ótimo destino para quem gosta de boa gastronomia.

O restaurante Prêt, no MAM, oferece um cardápio contemporâneo com ótimos vinhos e sobremesas.

No Vista, localizado no MAC, o chef Marcelo Corrêa Bastos apresenta sabores de todos os cantos do país, utilizando ingredientes nacionais e apresentações únicas. O restaurante tem uma bela vista do parque.

ACLIMAÇÃO

Com seu icônico lago, o parque da Aclimação permite ao visitante contato com a natureza e momentos de calma durante o passeio por seus 112 mil metros quadrados.

Sua flora é composta por bosques que abrigam espécies como eucalipto, ipê-branco, jacarandá, cedro, pau-brasil e pinheiro-do-paraná.

Para quem quer apenas desfrutar de momentos de tranquilidade em meio à natureza ou relaxar lendo um bom livro, o parque dispõe de um jardim japonês com espelho d'água e de uma biblioteca temática sobre meio ambiente.

O parque da Aclimação conta com atrações como lago, playground, espaço para piquenique, pista de corrida, concha acústica e campo de futebol.

Com uma área ampla, gramados convidativos, aparelhos de ginástica (barras) e pista para cooper e caminhada, o parque é muito procurado por moradores para a prática de corrida e de exercícios. Alguns grupos, orientados por professores, praticam atividades como ioga e meditação.

Há também um cachorródromo, um espaço exclusivamente reservado para os cães com uma extensa área composta por árvores para os animais brincarem, praticarem exercícios e se divertirem livremente.

EstúdioFOLHA : Gafisa APRESENTAM

Fotos Gafisa/Divulgação

Perspectiva ilustrada do decorado Evolve Vila Mariana

Fachada do Evolve Vila Mariana

Sofisticado e exclusivo

Em uma localização privilegiada de São Paulo, o Evolve Vila Mariana reúne tecnologia, praticidade e muito conforto

Sofisticação, exclusividade e localização única se unem no novo empreendimento da Gafisa na Vila Mariana.

O Evolve Vila Mariana é um ícone que vai transformar o bairro, um dos mais valorizados da cidade, com apartamentos que reúnem tecnologia, praticidade e muito conforto. O Evolve Vila Mariana está localizado na rua Manoel de Paiva, 129, um endereço privilegiado, tranquilo e perto de tudo.

Com uma fachada imponente e moderna, marcada por suas linhas paralelas, o Evolve Vila Mariana será um marco em uma região que não para de evoluir.

As plantas terão 97 m², com três dormitórios (uma suíte) e uma vaga de garagem, e 148 m², com três suítes, hall privativo e duas vagas de garagem.

O projeto de arquitetura é da KV - Königsberger Vannucchi; a decoração de interiores, da Basiches - Arquitetos Associados; e o paisagismo será feito pela Mera Arquitetura Paisagística.

Além de unidades residenciais sofisticadas e confortáveis, as famílias também poderão usufruir de áreas comuns e de lazer que agregam conforto e comodidade.

O empreendimento contará com piscina e solarium, spa, lounge gourmet com terraço, salão de festas, playground e brinquedoteca.

Para solteiros ou casais sem filhos, o empreendimento terá também a opção de studios de 27 m². Para tornar o dia a dia mais prático e confortável, essa opção irá oferecer coliving, bicicletário, salão de festas e terraço gourmet.

Além de tudo isso, a Gafisa inova e traz a opção de entregar todo o apartamento mobiliado e decorado, com o Gafisa Viver Bem. Esse é um serviço em que é possível personalizar a planta antes mesmo de pegar as chaves do apartamento. As modificações são executadas durante o período de construção e com a garantia da Gafisa. O serviço também oferece um clube de compras exclusivo, com eletrodomésticos, decoração e muito mais com até 35% off.

O Evolve Vila Mariana está localizado a cerca de 4 minutos do parque da Aclimação, a 10 minutos do parque Ibirapuera, a 10 minutos do Shopping Pátio Paulista e a 15 minutos do Masp.

Ao redor, conta uma ampla oferta de comércio, serviços, lazer e áreas verdes que tornam a vida familiar ainda mais agradável.

EstúdioFOLHA APRESENTA

Para todos os gostos

Vila Mariana é o endereço de restaurantes e bares que atendem aos mais variados perfis; rua Joaquim Távora é um dos points do bairro

Ligia Skowronski/Dom Pancho/Divulgação

PARALELO 12:27

A varanda é o local mais disputado do bar: dentro, o clima é mais sóbrio. O menu lista clássicos de boteco, como as fritas com queijo e bacon, e versões mais robustas, caso da linguiça suína na chapa com queijo provolone. **R. Joaquim Távora, 1.227; tel.: 5579-1227**

DOM PANCHO

A comida tradicional do México é o foco desta casa cuja cozinha é capitaneada pelo mexicano Javier Valero. Com iluminação baixa, o local reúne pequenos grupos e casais. Dá para pedir pratos à la carte, como os tacos al pastor, com carne de porco, ou comer em sistema de rodízio. **R. Joaquim Távora, 1.315; tel.: 2538-7494**

Bar Villa/Divulgação

BAR VILLA

Com clima aconchegante e decoração rústica, serve pratos à la carte, porções, petiscos, cervejas nacionais, importadas, artesanais e opções de drinks de ótima qualidade. Seja para o happy hour ou jantar, o Villa é ótimo para ir com os amigos e a família, a casa ainda conta com música ao vivo estilo pop & rock. **R. Joaquim Távora, 1.322; tel.: 95791-1137**

ZINO ADEGA E RESTAURANTE

Ambiente acolhedor, com decoração rústica e quintal com mesas ao redor de um pé de carambola, serve delícias da culinária italiana. No menu se destacam as carnes, as massas e os risotos. Local ideal para jantar romântico a dois. **R. Joaquim Távora, 1.317; tel.: 99366-8070**

EstúdioFOLHA APRESENTA

Leo Feltran/Veloso Bar/Divulgação

VELOSO BAR

Os lugares deste bar são disputados, o que faz com que surjam filas para entrar e provar a coxinha, estrela do local. Individual ou em porção, chega à mesa quentinha, com casquinha crocante e recheio cremoso de frango e Catupiry. Garçons circulam pelo salão servindo chope geladíssimo, que divide espaço com a seleção de caipirinhas, como a de tangerina com pimenta dedo-de-moça. **R. Conceição Veloso, 54**

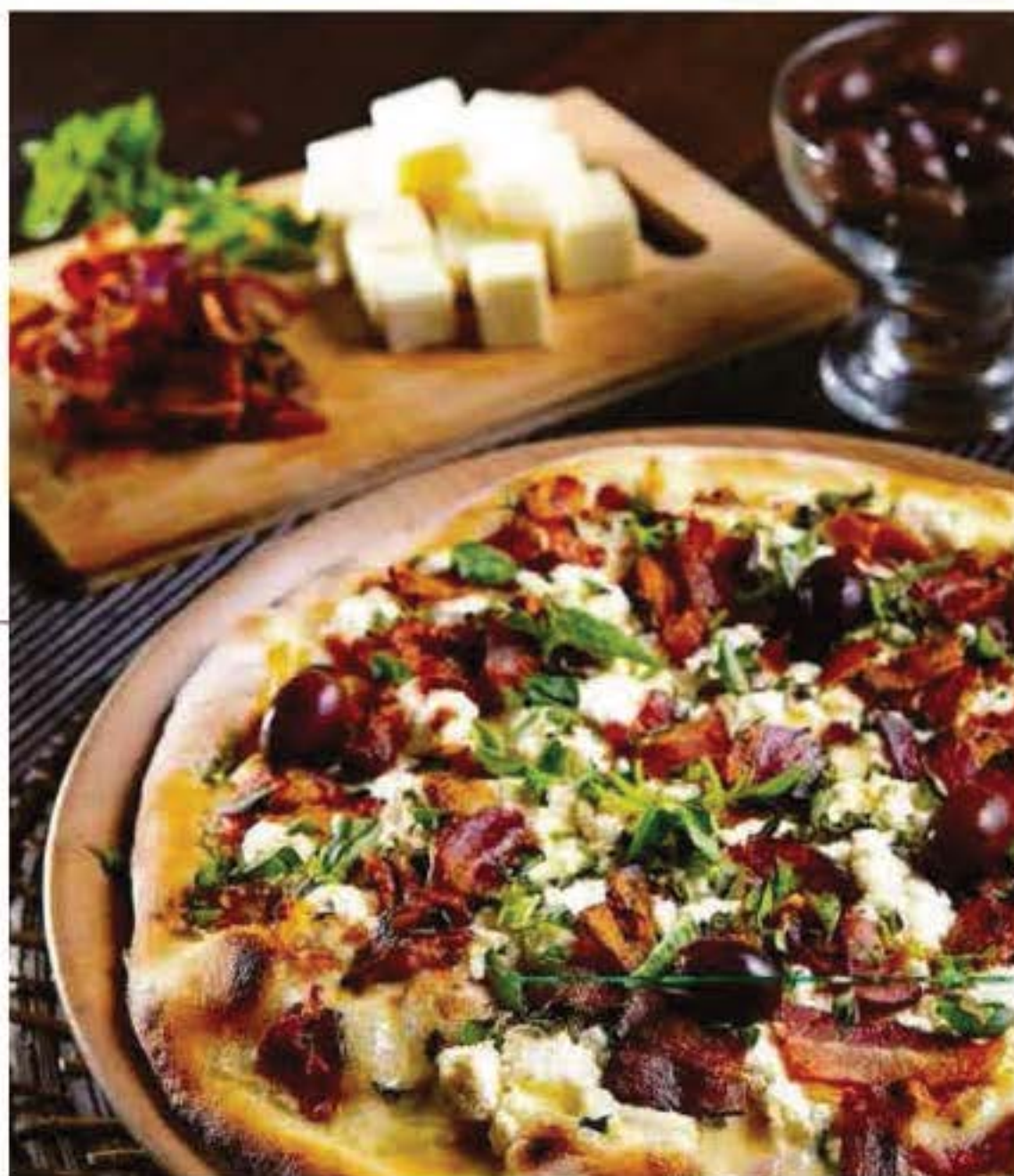
GENUÍNO

Um dos bares mais disputados da Vila Mariana, acomoda os clientes em um quintal arborizado com teto retrátil. Chope Brahma e cervejas Colorado em garrafas de 600 ml fazem companhia para o bolinho de mandioca com costela. Queridinho, o escondidinho de carne-seca serve duas pessoas. **R. Joaquim Távora, 1.217; tel.: 5083-4040**

FORTUNATO BAR

Com decoração moderna, o bar oferece uma vasta carta de drinques, com opções como o Sage Bitter (rum, limão-siciliano, sálvia, bitter e açúcar). Para comer, serve de petiscos, como os croquetes de pernil e a polenta frita, a pratos sofisticados, caso do espaguete com camarões. **R. Joaquim Távora, 1.356; tel.: 4680-2966**

CARLITOS PIZZARIA

A pizzaria mais tradicional do bairro, inaugurada em 1983, conta com mais de 60 sabores no cardápio. Serve também massa de longa fermentação. Entre as coberturas, há a Napoletana, com molho de tomate, mussarela fior di latte, alici, alho e orégano; e a Artesanal, com molho de tomate, mussarela fior di latte, linguiça e cebola-roxa. Para abrir o apetite, uma sugestão é o crostini com alecrim e sal. **R. Jorge Chammas, 364; tel.: 5579-7385**

Carlitos Pizzaria/Divulgação

BARXARÉU

Um dos pioneiros da agitada rua Joaquim Távora, o boteco de esquina tem mesas na calçada e futebol na TV. As bebidas são variadas e o cardápio possui muitas opções de cervejas, servidas sempre geladas, além de uma grande variedade de petiscos e porções. Uma das especialidades é o de abóbora com carne-seca. **R. Joaquim Távora, 1.150; tel.: 5539-2444**

Barxaréu/Divulgação

Karl Malone, cão de Darshna Shah, 64, come raiz de ashwagandha, ou ginseng indiano, e casca de psílio moída no café da manhã Ryan Young/The New York Times

Pets seguem dietas de seus donos e causam alerta em veterinários

Dietas à base de alimentos crus, sem glúten ou grãos, veganas ou vegetarianas são cada vez mais comuns

SAÚDE

Priya Krishna

THE NEW YORK TIMES Karl Malone começa seu dia com um desjejum que inclui raiz de ashwagandha, ou ginseng indiano, e casca de psílio moída. Seu jantar sempre é temperado com cúrcuma moída, e ele não deixa de tomar suplementos para suas articulações. Ele faz duas caminhadas diárias em ritmo acelerado e evita comida de restaurante, já que seu médico recomendou que ele perca peso.

Karl Malone é um cachorro —um mestiço de pastor-australiano, de cor castanha e 11 anos de idade.

Darshna Shah, sua dona, acha que a saúde de seu companheiro melhorou muito graças a esse regime de bem-estar —um misto de conselhos de amigos, de seu veterinário e de boletins sobre pets, aliado a remédios nutricionais usados por sua família na Índia em sua infância.

Ex-executiva de seguradora que vive em Cerritos, no estado americano da Califórnia, Shah, 64, pensava no passado que, desde que seus pets tivessem casa e fossem bem alimentados, estariam bem. Mas o foco crescente sobre o conceito de bem-estar, especialmente entre pessoas mais jovens, a convenceu de que ela precisava fazer mais.

"A qualidade de vida deles depende da saúde", diz.

O número de pessoas que adotaram animais de estimação nos EUA subiu vertiginosamente durante a pandemia, chegando a 1 milhão em 2021, o mais alto em quase seis anos. E os donos de pets têm dedicado atenção e dinheiro ao que consomem seus cães, gatos, hamsters, peixinhos-dourados e outros animais.

Para muitas pessoas, a solução está em customizar a dieta de seus pets para assemelhar-se a seus próprios hábitos alimentares. Há animais que seguem dietas crudivoristas, sem glúten, sem grãos, veganas ou vegetarianas.

Alguns deles consomem quitutes ou bebidas condimentadas, como lattes com cúrcuma ou com CBD (canabidiol). Outros não ficam sem um probiótico ou suplemento de vitamina C.

Tigela de Moses, cão que segue dieta sem glúten de sua dona, Jennifer Donald Jennifer Chase/The New York Times

Alguns donos criam cardápios especiais para eles em casa, enquanto outros preferem escolher entre a gama cada vez maior que existe no mercado de produtos feitos sob medida para esses regimes.

Oscar, um cruzamento de terrier com chihuahua que vive no Brooklyn, em Nova York, é vegetariano, assim como sua dona, Roopa Kalyanaraman Marcello, 42. Especialista em política de saúde pública, ela alimenta seu cão com comida vegetariana comprada.

"Ele faz parte da família. Eu acharia estranho demais se um dos meus filhos começasse a comer carne", diz ela.

No ano passado, Jennifer Donald, 52, começou a desconfiar que a ração à base de trigo que dava a seu labrador, Moses, era responsável pelos problemas digestivos dele.

Jennifer tem doença celíaca e não come glúten. Recentemente ela adotou a mesma dieta para Moses, alimentando-o com salmão selvagem, batata-doce, ovos cozidos, óleo de coco e arroz.

"Isso tem me ajudado a ficar mais em sintonia com ele, além de estar me ajudando a controlar minha doença", diz ela, que leciona justiça criminal na Universidade de Maryland, nos Estados Unidos.

Não existem regras claras e simples sobre como alimentar um animal de estimação. A FDA (agência que regulamenta alimentos e drogas nos EUA) emitiu alertas sobre certas dietas animais e regula a manufatura e rotulação de rações para pets, mas dá orientações muito mais vagas em relação aos ingredientes.

As opiniões de veterinários variam, e as pesquisas científicas sobre saúde de animais de estimação estão muito atrás dos estudos sobre humanos.

A internet está cheia de conselhos e desinformação. Cabe principalmente aos donos decidir em quem confiar.

O American Kennel Club, um cadastro central para cães, oferece materiais educativos e recomendações online sobre dieta, todos verificados e aprovados por seu diretor veterinário. Por isso mesmo a vice-presidente de comunicações da entidade, Brandi Hunter Munden, lamenta quando vê pessoas aderindo a dietas da moda que, segundo ela, podem trazer os mesmos riscos para pets que representam para humanos.

Munden afirma que essas dietas podem perpetuar generalizações sobre saúde, promover regimes que não são fundamentados por pesquisas e capitalizar em cima da ansiedade de pessoas que receiam não estar fazendo o suficiente por seus animais.

O mercado das chamadas "rações nutritivas para pets" —ou seja, produtos mais caros que alegam conter ingredientes de alto valor ou nutricionalmente enriquecidos— deve movimentar até US$ 17,9 bilhões em 2026, segundo previsão divulgada no ano passado pela empresa de análises independentes Pet Insight.

O bem-estar de pets em geral já virou uma indústria ainda maior e deu lugar a todo um subgrupo de influenciadores e grupos do Facebook dedicados a aprimorar as dietas de animais domesticados.

À medida que a taxa de natalidade humana vem caindo constantemente nos EUA, muitas pessoas começam a encarar seus bichos de estimação como se fossem seus filhos. "Dizer 'meu cachorro come tão bem quanto um humano' é uma forma de a pessoa se mostrar", avalia Sean MacDonald, 30, que é chef em Toronto, no Canadá.

Em sua conta no TikTok ele prepara refeições complexas para seu labrador cor chocolate, Hazelnut, feitas principalmente de ingredientes crus.

O foco intenso sobre o que comem os pets também está ligado ao tempo maior que muitos donos passaram com seus bichos durante a pandemia —período no qual muitos começaram a prestar mais atenção à própria saúde.

Mas impor um novo estilo de vida a um ser querido pode ficar complicado quando esse ser não tem como se comunicar nem tomar decisões por conta própria. "Um cachorro come qualquer coisa que você coloca diante dele, mas isso nem sempre é o melhor para ele", alerta Munden, do American Kennel Club.

Em 1999 a nutricionista de humanos e animais Kymythy Schultze, 63, publicou um livro sobre alimentação crudivorista para pets intitulado "The Ultimate Diet: Natural Nutrition for Dogs and Cats" (a dieta definitiva: nutrição natural para cães e gatos, em tradução livre). A premissa é semelhante à do regime paleo: as pessoas (e os pets) devem se alimentar como faziam na Idade da Pedra.

Muitos leitores acharam as recomendações dela radicais demais. Segundo Schultze, veterinários lhe disseram que pets só podem sobreviver à base de comida enlatada ou ensacada. "Como os cães e gatos sobreviveram por milhares e milhares de anos?", ela indagou. "A comida embalada e enlatada não existe há tanto tempo assim."

O livro vendeu dezenas de milhares de cópias. E a alimentação crua para pets — que inclui vegetais, proteínas animais, ossos e outros ingredientes não cozidos— passou de hábito de uma minoria a modismo, apesar de ser desaconselhada por especialistas.

Nos últimos anos a FDA, os Centros para o Controle e Prevenção de Doenças (CDC), a Associação Americana de Medicina Veterinária e a Associação Americana de Hospitais para Animais têm criticado a dieta crudivorista para animais de estimação, dizendo que é perigosa e citando o risco de alguns alimentos crus estarem contaminados por bactérias nocivas.

Mas o redator Wes Siler, de Bozeman, Montana, disse que a dieta delineada por Schultze transformou a saúde de seus cães, Wiley, Bowie e Teddy. Há quase quatro anos ele os alimenta com coxas de frango, fígado de galinha e salmão crus e diz que as irritações de pele que os cães tinham desapareceram completamente.

Siler, 41, acha que a ração é "um veneno para cachorros", comparando-a ao fast food dos humanos, que ele afirma não consumir há 25 anos.

O conceito de quem são vozes autorizadas a opinar no campo da saúde de pets vêm mudando. Schultze, a autora do livro sobre dieta crudivorista, afirma que os fabricantes de rações para pets exercem forte influência sobre veterinários por oferecerem a eles descontos sobre produtos e até serem donos de hospitais veterinários.

Quando seu veterinário não a apoiou na proposta de alimentar seu cão com comida crua, Kayla Kowalski, 21, passou a levar seu pet a uma veterinária holista que concordava com ela. Os veterinários holistas muitas vezes usam práticas como acupuntura e homeopatia, ao lado da medicina ocidental.

Haley Totes começou a acrescentar alimentos frescos como caldo de ossos, costelas de boi, vagens e quefir à alimentação de seus cachorros depois de ver um post no TikTok em que uma pessoa arrolava os ingredientes processados presentes nas rações para pets e de ler sobre dietas online. "Alguns veterinários desconfiam da alimentação crua, mesmo que seja feita em casa", afirma.

Os veterinários, por sua vez, ficam frustrados quando as pessoas acreditam mais em posts nas redes sociais que nos conselhos de profissionais.

"Os donos de pets confiam em nós para fazermos recomendações sobre a saúde de seus pets em coisas como como 'seu pet tem um tumor; precisamos extirpá-lo e fazer uma biópsia'. Mas quando fazemos recomendações sobre alimentação, a reação é outra", diz o veterinário Marcus Dela Cruz, de San Luis Obispo.

Ele reconhece que recebe um desconto sobre rações para pets, mas alega que não recomenda a marca a todos os seus pacientes.

Segundo Dela Cruz, há muita desinformação online sobre saúde de pets, e os animais estão sofrendo por isso. Carnes cruas podem conter bactérias resistentes a antibióticos, e podem faltar nutrientes essenciais nas refeições feitas em casa.

Dietas vegetarianas, segundo ele, não são apropriadas para a maioria dos gatos porque os felinos precisam de proteína animal, mas podem ser aceitáveis para cachorros.

Yishian Yao, 30, é gerente de uma empresa de cuidados animais em El Cerrito. Para ela, a cultura do bem-estar para pets pode ser classista, já que muitos donos não têm condições financeiras de comprar suplementos e comida fresca para seus animais, e também manipuladora. A mensagem que passa, segundo ela, é: "Se você não faz isso pela saúde de seu animal de estimação, você não é um bom pai".

Yao especula que a ideia popular de que animais de estimação são como membros da família pode na realidade ter sido prejudicial aos animais, "por avaliar a comida deles pela ótica do valor humano".

"Não é que eu não pense que os pets devem ser tratados e cuidados como membros da família. O que acho errado é quando os tratamos como se fossem humanos."

Tradução Clara Allain

Ele faz parte da família. Eu acharia estranho demais se um dos meus filhos começasse a comer carne

Roopa Kalyanaraman Marcello
que só dá a seu cão comida vegetariana

Não é que eu não pense que os pets devem ser tratados e cuidados como membros da família. O que acho errado é quando os tratamos como se fossem humanos

Yishian Yao
gerente de uma empresa de cuidados animais

Ilustração do *Ubirajara jubatus*; fóssil do exótico animal levado ilegalmente da bacia do Araripe inspirou campanha por sua devolução ao Brasil nas redes sociais Bob Nicholls/Paleocreations.com

'Paleopirataria' domina os fósseis brasileiros

Quase 60% dos artigos sobre material achado na bacia do Araripe são assinados só por estrangeiros, indica pesquisa

CIÊNCIA

Giuliana Miranda

LISBOA Um time internacional de pesquisadores acaba de quantificar parte do impacto do contrabando de fósseis brasileiros para o exterior. Quase 60% das publicações científicas sobre o material da bacia do Araripe —entre Ceará, Pernambuco e Piauí— são lideradas por autores estrangeiros não vinculados a instituições do Brasil.

Apesar da legislação brasileira proibir especificamente a saída do território nacional de fósseis usados como referência para a descrição de novas espécies (os chamados holótipos), 88% dos exemplares descritos por estrangeiros estão fora do Brasil.

As conclusões fazem parte de um artigo recém-publicado na revista especializada Royal Society Open Science, que analisou trabalhos acadêmicos publicados entre os anos de 1990 e 2021.

No artigo —que também investiga a situação de fósseis no México—, os cientistas indicam a presença recorrente de práticas colonialistas nas pesquisas paleontológicas, com países ricos se apropriando de material e de espécies coletadas em nações mais pobres, ignorando legislações nacionais de proteção do patrimônio e prejudicando o desenvolvimento da ciência desses locais.

Além de apresentar dados quantitativos sobre a "paleopirataria", o novo trabalho detalha que instituições internacionais fazem vista grossa para o contrabando de fósseis e lar de fósseis tanto no Brasil quanto no México.

> Admitir que um fóssil brasileiro foi comprado significa não ter o menor pudor, não ter nenhum medo de punição. É como se essa pessoa soubesse que pode ir a um país, saqueá-lo e ainda falar disso abertamente
>
> **Juan Cisneros**
> paleontólogo e um dos autores do artigo

A postura assertiva escolhida agora pelos pesquisadores brasileiros e mexicanos marca o aprofundamento da estratégia de expor publicamente os conflitos éticos e legais relacionados à exploração irregular do patrimônio fossilífero.

"Essas coisas não são novas, elas acontecem há décadas. Estamos saturados disso tudo, mas nós não conseguimos ser escutados pela comunidade científica internacional", diz o paleontólogo Juan Cisneros, professor da Universidade Federal do Piauí e um dos autores do artigo.

Cisneros salienta que as poderosas instituições de pesquisa de países desenvolvidos, assim como seus cientistas, usam um vasto arsenal de retaliações para intimidar e silenciar paleontólogos brasileiros e de outros países latino-americanos.

"São pessoas poderosas. Nós sabemos o peso de com quem estamos lidando. Eu calculei muito os riscos e sei que posso vir a sofrer consequências acadêmicas, mas é algo que alguém precisa fazer. Temos de lutar também dentro do terreno acadêmico. Vamos levar o tema para dentro dos congressos, para dentro da discussão da ciência", afirma.

Um dos principais temores dos pesquisadores é a possibilidade de restrição de acesso aos fósseis do Araripe depositados em coleções do exterior. É comum que, para estudar as principais espécies da pré-história brasileira, os paleontólogos tenham de peregrinar por museus e universidades da Europa, do Japão e dos Estados Unidos.

Além da distância geográfica e dos altos custos associados ao câmbio desfavorável para os latino-americanos, os paleontólogos também ficam diretamente dependentes de autorizações concedidas por instituições estrangeiras.

No levantamento realizado pelos brasileiros, foram identificadas várias publicações em que pesquisadores estrangeiros detalham abertamente que os fósseis foram comprados por seus museus e instituições: algo terminantemente proibido pela legislação do Brasil.

"Isso me causou bastante desconforto. Admitir que um fóssil brasileiro foi comprado significa não ter o menor pudor, não ter nenhum medo de punição. É como se essa pessoa soubesse que pode ir a um país, saqueá-lo e ainda falar disso abertamente", critica Cisneros.

Coautora do trabalho, a professora da UFRN (Universidade Federal do Rio Grande do Norte) Aline Ghilardi destaca que universidades e museus estrangeiros têm poucos incentivos para fiscalizar questões éticas e legais dos fósseis. que grandes revistas científicas não exigem documentos que comprovem a origem lícita do material estudado.

Em alguns casos, os mesmos grupos de pesquisadores europeus são responsáveis pela exploração irregu-

> As instituições fazem vista grossa para a situação dos fósseis porque elas estão sendo beneficiadas. Elas conseguem mais artigos científicos em revistas de grande impacto e têm fósseis bonitos que atraem mais visitantes para museus
>
> **Aline Ghilardi**
> coautora do trabalho e professora da UFRN

"As instituições fazem vista grossa para a situação dos fósseis porque elas estão sendo beneficiadas. Elas conseguem mais artigos científicos em revistas de grande impacto e têm fósseis bonitos que atraem mais visitantes para museus. Ninguém quer perder o benefício. Se nós não chamarmos a atenção, nada vai mudar", afirma a paleontóloga, que defende expor publicamente as entidades.

Uma das vozes mais ativas da ciência brasileira contra o tráfico internacional de fósseis, Ghilardi foi uma das organizadoras da campanha de repatriação do dinossauro *Ubirajara jubatus*, que a Alemanha se recusa a devolver.

A mobilização, que ultrapassou as redes sociais brasileiras e chegou à imprensa internacional e a congressos científicos no exterior, é considerada um divisor de águas para o posicionamento dos cientistas.

O fóssil do exótico animal, que viveu há cerca de 110 milhões de anos na região do Araripe, foi levado ilegalmente para a Europa, onde a espécie foi descrita em um trabalho sem a participação de nenhum nome brasileiro.

Imediatamente após a publicação do artigo, em dezembro de 2020, foi lançada uma campanha nas redes sociais.

Continua na pág. 3

Continuação da pág. 2

Com a hashtag #UbirajaraBelongstoBR (Ubirajara pertence ao Brasil, em inglês), pesquisadores pediram a devolução do fóssil.

A polêmica se espalhou pela comunidade internacional e acabou levando a revista Cretaceous Research a cancelar a publicação do trabalho. O periódico também anunciou uma revisão em suas diretrizes, afirmando que não iria mais aceitar fósseis com suspeita de terem sido coletados e exportados ilegalmente de seus países de origem.

Apesar da pressão, o Museu de História Natural de Karlsruhe afirmou que não irá devolver o fóssil ao Brasil. Curador da instituição, o paleontólogo Eberhard "Dino" Frey é justamente um dos autores do artigo sobre o *Ubirajara jubatus*.

"Muita gente criticou no início, falando que protesto de hashtag não dava em nada, mas conseguimos juntar pessoas em vários lugares do mundo e ultrapassar as redes sociais. A discussão [sobre colonialismo na ciência] deixou de ser sussurrada nos corredores e nos intervalos para o café e passou a integrar o espaço principal nos congressos", exemplifica Ghilardi.

Uma das grandes conquistas da campanha foi a devolução voluntária ao Brasil da aranha pré-histórica *Cretapalpus vittari*. Batizado em homenagem a Pabllo Vittar, esse e outros 35 fósseis foram amigavelmente devolvidos ao Brasil pela Universidade do Kansas, nos Estados Unidos, em outubro de 2021.

Embora note uma maior abertura ao tema por parte de paleontólogos estrangeiros, Ghilardi reconhece que ainda há um longo caminho a percorrer. Por isso, o grupo propõe uma série de medidas de boas práticas para instituições de pesquisa e revistas científicas.

Uma das principais sugestões é a exigência de ampla prova documental de que o material teve origem legalizada em seu país, bem como a recusa de publicações cujos fósseis tenham procedência duvidosa.

Os autores também apelam que pesquisadores e entidades internacionais se engajem em parcerias construtivas com países que fornecem os fósseis, abandonando o modelo meramente exploratório.

Segundo o levantamento, a qualidade acadêmica dos artigos produzidos a partir de fósseis obtidos irregularmente também acaba comprometida, já que muitas vezes não são incluídas informações essenciais sobre o ambiente em que o material foi coletado.

A inclusão de atravessadores, contrabandistas e colecionadores particulares na equação incentiva ainda a adulteração deliberada dos fósseis para aumentar o valor de venda.

Por conta da elevada quantidade de artigos assinados por estrangeiros sobre o patrimônio do Araripe, a equipe não incluiu na análise animais invertebrados e não holótipos.

"Nós mostramos só a ponta do iceberg. A dimensão do problema é seguramente muito maior", explica Juan Cisneros.

O objetivo do grupo é continuar explorando assuntos relacionados ao comércio irregular de fósseis.

Do lado brasileiro, também assinaram o artigo: Felipe Pinheiro, professor da Unipampa (Universidade Federal do Pampa), Marcos Sales, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará, Renan Bantim, da Universidade Regional do Cariri e Flaviana Lima, da Universidade Federal de Pernambuco.

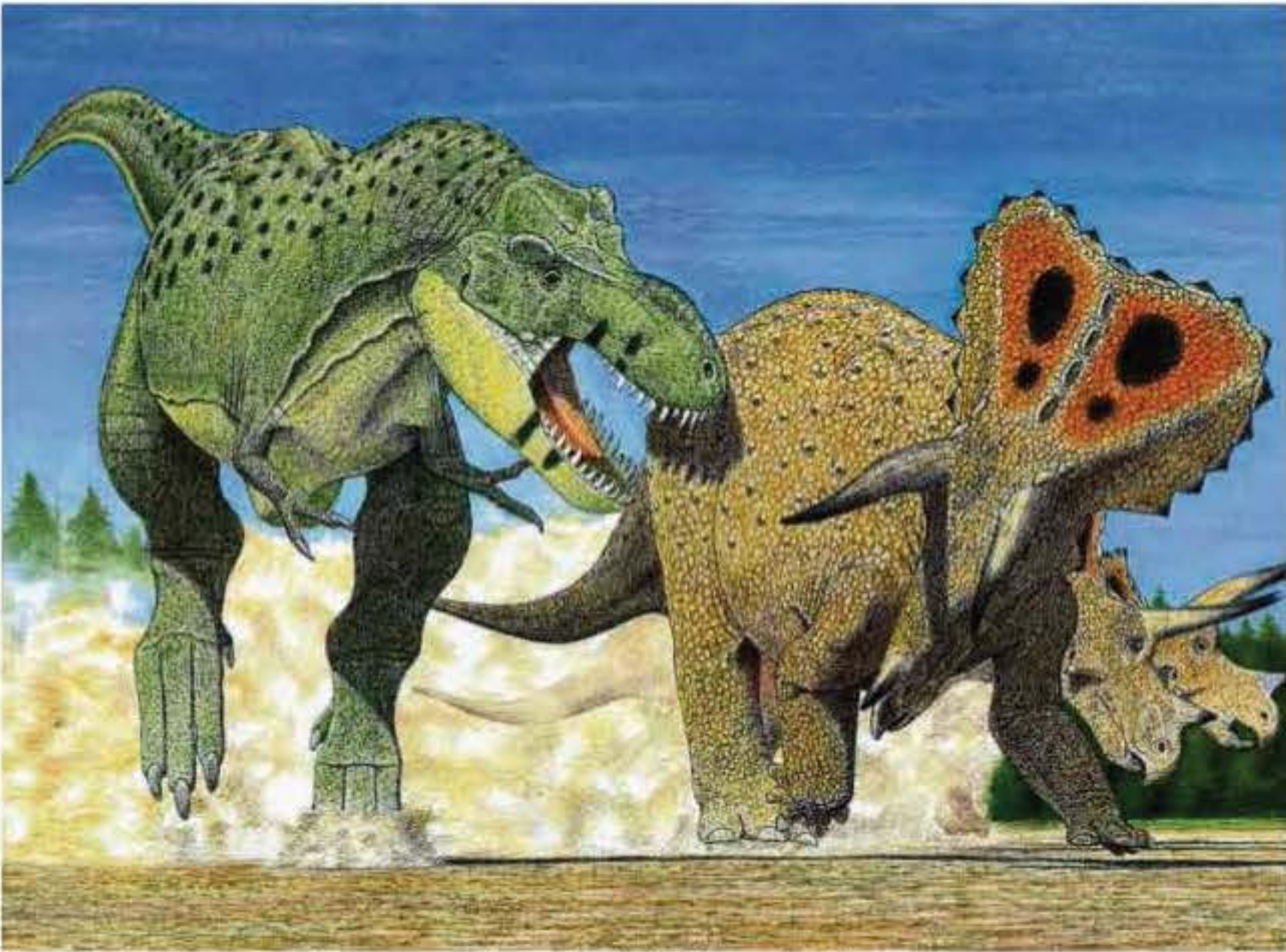



Ilustração de um *Tyrannosaurus imperator* atacando um rebanho de *Triceratops horridus* Gregory S. Paul/Divulgação

Mais famoso dos dinossauros, tiranossauro rex pode ter sido três espécies diferentes

Reinaldo José Lopes

SÃO CARLOS (SP) O dinossauro mais famoso de todos os tempos provavelmente corresponde a pelo menos três espécies diferentes, que tinham distinções sutis entre si no que diz respeito à anatomia, à época em que viveram e talvez ao comportamento, afirma um novo estudo.

A hipótese, proposta por um trio de pesquisadores dos EUA, poderia desmembrar a classificação do célebre *Tyrannosaurus rex*, estabelecendo outras duas espécies: o *T. imperator* e o *T. regina*.

Não por acaso, todos os nomes científicos são variações de "rex", ou "rei", em latim —"regina" significa "rainha" e "imperator" é, claro, "imperador" na língua ancestral.

A análise que fundamenta a "tripla personalidade" dos tiranossauros acaba de sair na revista científica Evolutionary Biology. O estudo foi coordenado pelo pesquisador independente Gregory Paul e é assinado também por Scott Persons e Jay Van Raalte, da Faculdade de Charleston, na Carolina do Sul.

Com cerca de 12 metros de comprimento, o *Tyrannosaurus rex* viveu entre 68 milhões e 66 milhões de anos atrás numa ampla região do que passaria a ser a atual América do Norte. Tanto a distribuição geográfica vasta quanto a duração da existência do bicho abrem a possibilidade de que tenham ocorrido eventos de especiação, ou seja, formação de novas espécies de tiranossauros a partir de um ancestral comum.

Paul e seus colegas analisaram essa possibilidade levando em conta a variação já conhecida dos fósseis de *T. rex*, uma das espécies de dinossauros mais bem estudadas e com esqueletos relativamente abundantes. Sabe-se, por exemplo, que existiam formas mais gráceis (ou seja, com ossatura relativamente mais leve) e outras mais robustas do animal. Além disso, existem variações na dentição.

Alguns bichos possuem apenas um dente chamado incisiforme (por analogia com os incisivos dos mamíferos) em cada lado da mandíbula, enquanto outros contam com dois incisiformes.

O objetivo dos cientistas era avaliar como essas diferenças se comparam com a variabilidade de outros dinossauros, tanto em termos relativos (sendo maiores ou menores do que as diferenças que separam outras espécies) quanto ao longo do tempo.

Esse tipo de análise também ajudaria a estimar se a variabilidade dos *T. rex* poderia corresponder apenas a diferenças naturais entre indivíduos (como entre seres humanos altos e baixos, digamos) ou se poderia estar ligada ao dimorfismo sexual, ou seja, a distinções entre machos e fêmeas.

Gregory Paul e seus colegas trabalharam com 37 espécimes classificados como *T. rex*, dos quais foi possível analisar a robustez do fêmur (osso da coxa) de 24 animais. Desses, apenas 12 tinham tanto dentes quanto fêmures disponíveis para estudo.

Uma das principais conclusões é que a variabilidade na robustez dos ossos chega a 30%, o que supera aquilo que se vê em dinossauros aparentados que são classificados juntos.

As formas mais antigas são mais robustas e tendem a apresentar dois incisiformes pequenos, enquanto as mais recentes incluem tanto animais robustos quanto gráceis com apenas um dente.

Isso levou os pesquisadores a propor que a forma robusta e mais antiga, com dois incisiformes, ganharia o nome de *T. imperator*, enquanto as mais recentes seriam o *T. rex* propriamente dito (também robusto) e o *T. regina* (mais grácil), ambas com um só incisiforme.

Haveria alguma diferença de hábitos entre o trio? Para Paul, uma possibilidade seria a diferença de presas, com os bichos mais robustos se especializando em atacar os poderosos herbívoros Triceratops.

"Parece que no fim do Cretáceo o *T. rex*, robusto, e o *T. regina*, mais grácil, estavam vivendo juntos. O segundo poderia ter evoluído para caçar os edmontossauros [herbívoros com bico semelhante ao de patos] —temos esqueletos deles com ferimentos na cauda que sugerem essa possibilidade", disse o pesquisador à **Folha**.

Para o paleontólogo Rafael Delcourt, especialista na evolução de grandes dinossauros carnívoros e pesquisador de pós-doutorado na USP de Ribeirão Preto, a nova pesquisa traz discussões interessantes, mas os dados apresentados ainda estão longe de serem suficientes para sacramentar a "tripartição" do *T. rex*.

"É preciso olhar esses espécimes com mais cuidado e ir além da robustez do fêmur e das diferenças de dentição."

"De qualquer modo, as análises são importantes por chamar a atenção para o nicho ecológico ocupado pelos tiranossauros, que pode ter variado tanto durante a sua história evolutiva quanto durante o próprio desenvolvimento dos indivíduos ao longo da vida, com animais mais jovens e menores capturando presas diferentes dos adultos", diz.

VIRADA PSICODÉLICA | **Marcelo Leite**
folha.com/blogs/virada-psicodelica

Corrida do ouro psicodélico perde fôlego com queda dos investimentos

Em junho de 2021, a Atai Life Sciences levantou US$ 225 milhões (R$ 1,14 bilhão) em oferta pública inicial de ações, sucesso tido como indicador de excitação de investidores com o renascimento psicodélico na biomedicina. Um mercado mundial bilionário estava em formação para novos medicamentos psiquiátricos, e os primeiros a chegar se locupletariam.

Multiplicaram-se os alvos terapêuticos para compostos como MDMA, psilocibina, DMT, 5-MeO-DMT e LSD: depressão, estresse pós-traumático, ansiedade, dependência química, anorexia, TOC, enxaqueca... Não faltavam ideias e capital de risco para apostar nelas.

Os bons resultados em pesquisas e testes clínicos de fase 2 e 3 continuam jorrando, mas o entusiasmo investidor arrefeceu. Ao longo de 2021, as ações de várias startups começaram a cair, sinal de que pode ter começado uma fase de consolidação, após proliferarem empresas e pedidos de patentes.

Há quem preveja o desaparecimento, em futuro próximo, de empreendimentos com valor de mercado inferior a US$ 300 milhões. Com a queda das ações, só meia dúzia de firmas, como a própria Atai, Compass Pathways e MindMed estão acima disso.

Rick Doblin, da Associação Multidisciplinar para Estudos Psicodélicos (Maps), avalia que muitas deixarão a corrida por falta de dinheiro. Nem todos os resultados científicos serão promissores o bastante.

Propriedade intelectual, fulcro desse modelo de negócios, representa um obstáculo à vista. A Field Trip, por exemplo, viu ações despencarem de US$ 8,29 (R$ 42) a US$ 1,81 (R$ 9,17) a unidade em um ano. Seu valor de mercado encolheu para US$ 109 milhões (R$ 552 mi), e não por acaso ela esteve enrascada numa confusão com patentes.

A empresa solicitou patente de um tipo de triptamina (classe de droga que abarca a DMT da ayahuasca) por ela desenvolvido, FT-104. Antes da concessão prevista para a última terça (1º), veio à tona que outra companhia, Mindset, havia feito pedido similar, o que lhe daria prioridade, e a Field Trip retirou a demanda.

O pesadelo da FT se aprofundou com a iniciativa da agência americana de drogas, a DEA, de incluir cinco novas variantes de triptamina na lista de substâncias banidas, incluindo uma em que a FT-104 se transforma ao ser metabolizada no organismo.

Várias startups afetadas tentaram se unir para contestar a medida, mas a FT se recusou a juntar forças, defendendo à DEA só a sua inovação. O pedido suspenso foi comemorado no meio como resultado do "carma" da Field Trip.

Outro caso rumoroso envolve um advogado do ramo de propriedade intelectual que conseguiu patentear o uso de DMT e 5-MeO-DMT em canetas vaporizadoras (cápsulas de "cigarros eletrônicos"). Evidente que não há invenção alguma aí, tanto porque essas substâncias já são usadas há tempos —ilegalmente, diga-se— quanto porque muitos o fazem com as "vape pens".

Compass Pathways é a empresa mais famosa a ter reputação abalada por causa de propriedade intelectual. Seu carro-chefe é a psilocibina de cogumelos "mágicos" para tratar depressão, há muito usada por povos tradicionais mexicanos e terapeutas alternativos.

A empresa já obteve várias patentes abrangentes cobrindo a "sua" psilocibina (COMP360) e aspectos corriqueiros de psicoterapias com base na substância. Em vias de iniciar um ensaio clínico de fase 3, ainda enfrenta resistência de defensores de conhecimento tradicional e de companhias ou instituições de pesquisa que investigam a droga como antidepressivo.

O empresário Bill Linton, da firma de biotecnologia Promega e fundador do Instituto Usona (concorrente da Compass na psilocibina para depressão), criou uma página, Porta Sophia, só para combater essas patentes que fazem pouco caso de inovações e conhecimento prévios.

Seu parceiro na empreitada é o advogado patentário David Casimir, entrevistado pelo boletim The Microdose. A base de dados do portal tem milhares de documentos para consulta de oficiais de patentes, ao decidir sobre pedidos concretos, e conta com curadoria de especialistas.

A Atai detém 21% da Compass, sendo um dos maiores investidores. Seu líder é Christian Angermayer, que se envolveu há um ano numa polêmica sobre patentes com o influenciador Tim Ferriss. Rick Doblin, da Maps, também pôs sua colher no angu da propriedade intelectual de psicodélicos.

"Na medida em que a Atai e a Compass buscam lucro bloqueando os outros por meio de patentes sobre processos [de sínteses] ou processos terapêuticos que não inventaram, elas fracassarão e vão desperdiçar seu potencial para ser uma força em favor de curas e de lucros", escreveu Doblin na época.

Em 16 de fevereiro passado, sua ONG Maps recebeu doação de US$ 500 mil (R$ 2,5 bilhão) da Atai Impact, braço filantrópico da Atai Life Sciences. O blog entrou em contato com Doblin para saber se o donativo era indício de alguma mudança nas respectivas posições a respeito de propriedade intelectual no setor.

"A doação não mudou minha visão e não reflete nenhum tipo de compromisso. A Atai reconhece que o progresso feito pela Maps beneficia todo o ecossistema psicodélico e que nosso trabalho pioneiro, ao lado de outras [organizações] sem fins lucrativos como Heffter, Beckley Foundation, Usona etc., construiu a fundação sobre a qual se criou a Atai", reagiu o diretor executivo da associação.

Doblin esclarece não ser por princípio contrário a patentes, especialmente no caso de novas moléculas ou de aplicações inéditas das já conhecidas. Tampouco considera que a doação da Atai sinalize mudança de posição:

"A patente da Compass sobre a variedade polimorfa de psilocibina [COMP360] tem sido crescentemente desafiada, mas não creio que a Atai vá pedir à Compass que abandone a patente, a não ser ou até que percam na Justiça. Sinto que a Atai e a Compass estão dolorosamente cientes do dano reputacional que estão sofrendo pela tentativa de patentear o polimorfo da psilocibina."

[...]

Os bons resultados em pesquisas e testes clínicos de fase 2 e 3 continuam jorrando, mas o entusiasmo investidor arrefeceu

Diretor de 'Parasita' prevê sucesso de filme japonês que é o azarão do Oscar

Sul-coreano Bong Joon Ho troca elogios com o cineasta Ryusuke Hamaguchi, de 'Drive My Car', drama sobre pesar e arte

ILUSTRADA

Kyle Buchanan

Cena do filme 'Parasita', que levou o Oscar de melhor filme em 2020

THE NEW YORK TIMES Em janeiro de 2020, semanas antes de seu filme "Parasita" fazer história nos Oscar, o diretor Bong Joon Ho estava em Tóquio sendo entrevistado por uma revista. Num processo de divulgação do filme que já se alongara muito, Bong já tinha sido entrevistado para dezenas de perfis, mas este, pelo menos, tinha algo surpreendente: o entrevistador era Ryusuke Hamaguchi, ele próprio um cineasta em ascensão.

Para Bong, fã dos filmes de Hamaguchi "Asako I & II" e "Happy Hour", era uma oportunidade bem-vinda de saciar um pouco de sua própria curiosidade. "Eu tinha muitas perguntas que queria fazer a ele, mesmo porque eu já vinha fazendo a divulgação do meu filme havia meses e estava farto de falar dele", recorda ele.

Mas Hamaguchi não se deixou deter. Ele era um homem com uma missão —"agradavelmente obstinado e persistente", segundo Bong—, e cada vez que seu entrevistado, em tom de brincadeira, tentava inverter os papéis e fazer algumas perguntas ao diretor mais jovem sobre a carreira dele, Hamaguchi ficava mais sério e fazia questão que falassem só de "Parasita".

"Mesmo sabendo que ele já estava cansado de falar de 'Parasita', eu queria realmente saber como ele fez um filme tão incrível", contou Hamaguchi. "Senti pena dele, mas queria lhe fazer perguntas mesmo assim!"

Agora, dois anos mais tarde, Bong finalmente pôde realizar seu desejo: Hamaguchi é o homem do momento, e Bong está mais que disposto a vir ao telefone para falar dele.

"Drive My Car", de Hamaguchi, drama japonês de três horas de duração sobre pesar e arte, virou a aposta de Oscar mais improvável desta temporada, indicado para melhor filme e filme internacional, além de roteiro adaptado e direção.

> **'Parasita' abriu uma porta muito pesada que até então estivera fechada. [...] Eu adoraria continuar a fazer perguntas sobre como ele cria filmes tão incríveis. Quero continuar perguntando até ele não aguentar mais**
>
> **Ryusuke Hamaguchi**
> diretor de 'Drive My Car', sobre o colega Bong Joon Ho

São por acaso as mesmas coisas pelas quais "Parasita" foi premiado dois anos atrás, quando o thriller sul-coreano sobre luta de classes levou quatro estatuetas do Oscar para casa e tornou-se o primeiro filme não falado em inglês a ganhar na categoria de melhor filme.

"'Parasita' abriu uma porta muito pesada que até então estivera fechada", disse Hamaguchi. "Sem 'Parasita' e suas vitórias, duvido que nosso filme teria sido tão bem recebido."

Descrito pela crítica do NYT Manohla Dargis como "uma obra-prima discreta" , "Drive My Car" acompanha Yusuke (Hidetoshi Nishijima), diretor de teatro ainda sob o efeito da morte de sua mulher, enquanto monta uma produção de "Tio Vânia" em Hiroshima.

A companhia teatral contrata uma motorista para ele, Misaki (Toko Miura), que o leva e traz do trabalho num Saab vermelho enquanto contém suas vastas reservas emocionais próprias. Inicialmente Yusuke se ressente da presença de Misaki, mas uma conexão acaba surgindo entre eles, e então uma confissão.

"Existem muitos diretores exímios em retratar personagens, mas há algo de peculiar e único em Hamaguchi", disse Bong, por telefone, de Seul, na Coreia do Sul. "Ele é muito intenso na abordagem dos personagens, muito focado, e nunca apressa as coisas."

E, embora essa abordagem não apressada possa resultar em um filme longo, Bong pensa que as três horas de duração de "Drive My Car" apenas enriquecem o impacto emocional do filme. "Eu diria que é como o som de um sino que ecoa por muito tempo."

A trajetória de "Drive My Car" na temporada de premiações também vem se intensificando lentamente. Diferentemente de "Parasita", lançado do Festival de Cannes como um projétil depois de conquistar a Palma de Ouro, o intimista "Drive My Car" (adaptado de um conto de Haruki Murakami) emergiu de Cannes no verão passado com um troféu por seu roteiro e poucas especulações sobre possíveis indicações ao Oscar. Mas seu perfil entrou em ascensão constante depois de associações de críticos de Nova York e Los Angeles, nos Estados Unidos, darem seu prêmio de melhor filme a Hamaguchi.

> **Existem muitos diretores exímios em retratar personagens, mas há algo de peculiar e único em Hamaguchi. Ele é muito intenso na abordagem dos personagens, muito focado, e nunca apressa as coisas**
>
> **Bong Joon Ho**
> diretor de 'Parasita', sobre o colega Ryusuke Hamaguchi

Mesmo assim, a estrada que conduz aos Oscar está cheia de trabalhos favoritos da crítica que não conseguiram chegar até o destino. Quando perguntei a Hamaguchi por que "Drive My Car" lhe abriu as portas da Academia, o diretor não soube responder.

"Honestamente, não sei", disse Hamaguchi. "Quero perguntar isso a você. Por que você acha que aconteceu?"

Sugeri que durante a pandemia, nos afeta ainda mais ver personagens que anseiam por criar uma conexão com outros, mas não conseguem. Mesmo quando os personagens de "Drive My Car" compartilham a mesma cama, o mesmo quarto ou o mesmo Saab, há um abismo entre eles que nem sempre pode ser atravessado.

Hamaguchi concordou. "Estamos fisicamente separados, mas conseguimos nos conectar online. É essa coisa de estarmos ligados e ao mesmo tempo não estarmos."

Para ilustrar o que queria dizer, Hamaguchi contou que dez anos atrás, quando estava fazendo um documentário sobre as consequências do terremoto e tsunami em Fukushima, ele viajou pelo leste do Japão entrevistando sobreviventes do desastre. Quando entregou uma câmera a essas pessoas e lhes ofereceu sua confiança, pensamentos que estavam soterrados começaram a jorrar delas.

"Depois das entrevistas, eu transcrevi as palavras. Percebi que as que realmente mexeram comigo foram as palavras muito normais ou ordinárias. Eram coisas que essas pessoas talvez já tivessem pensado, mas que nunca haviam cogitado em verbalizar até aquele momento."

A mesma coisa ocorre com os personagens de "Drive My Car", cujas lutas internas só chegam ao nível de uma epifania quando eles encontram um confidente.

"É possível que quando os personagens dizem o que estão pensando, o público pense 'será que eles realmente não tinham consciência disso?'. Mas a questão aqui é a trajetória que a pessoa faz para conseguir verbalizar isso. Para essa trajetória acontecer é preciso haver alguém presente para testemunhá-la", disse Hamaguchi.

"A presença de alguém para ouvir tem importância tremenda", completa.

E o próprio Hamaguchi bem que gostaria de ter alguém com quem conversar, mesmo que seja apenas para ajudá-lo a processar todas essas indicações ao Oscar. Depois de retornar do Festival de Cinema de Berlim, ele foi obrigado a fazendo quarentena num hotel de Tóquio. "Não pude encontrar ninguém, de modo nada de comemorações", ele disse.

Quando os candidatos às estatuetas foram anunciados, em 8 de fevereiro, Hamaguchi estava no avião a caminho de Berlim. Quando o avião pousou, horas mais tarde, ele ligou o celular e recebeu uma enxurrada de mensagens. Mesmo agora, quando conta a história, o diretor continua incrédulo.

"Para ser franco, acho que tudo isso não vai parecer real para mim enquanto eu não estiver fisicamente na entrega dos prêmios. Por mais que as pessoas me deem os parabéns, é difícil acreditar, especialmente quando estou confinado num quartinho de hotel. Talvez quando eu estiver na cerimônia do Oscar e ver diretores como Spielberg ali, consiga sentir que é para valer."

Bong não se espantou com as indicações dadas a Hamaguchi. "Eu sabia que 'Drive My Car' é um grande filme, e não achei surpreendente", explicou. "E, como a academia recentemente vem mostrando mais interesse por filmes não falados em inglês, previ o que o filme vai se sair bem."

Sua própria cerimônia do Oscar foi um turbilhão, lembra Bong ("não acredito que já se passaram dois anos"), mas ele não quis dar conselhos a Hamaguchi sobre o que fazer na noite das premiações.

"Tenho certeza que ele se sairá bem. Ele é como uma pedra milenar, tem um centro muito forte."

Em vez disso, Bong fez um pedido. Quando os dois se encontraram pela primeira vez, em Tóquio, e no ano passado durante o Festival de Cinema de Busan, na Coreia do Sul, não houve muito tempo para trocar ideias. "Por isso espero que este ano a gente possa se encontrar, ou em Seul ou em Tóquio, e fazer uma refeição deliciosa", disse Bong.

Hamaguchi aceitou o convite na hora. "Fico realmente feliz de ouvir isso", disse, mas avisou: "Eu adoraria continuar a fazer perguntas sobre como ele cria filmes tão incríveis. Quero continuar perguntando até ele não aguentar mais."

Tradução Clara Allain

Hidetoshi Nishijima, que interpreta o diretor de teatro Yusuke, e Toko Miura, que dá vida à motorista Misaki em cena do filme 'Drive My Car', do cineasta Ryusuke Hamaguchi Fotos Divulgação